

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Um olhar sobre a evolução do espaço da cozinha e o
contributo da mulher.**

Margarida Gomes Valentim

MESTRADO EM DESIGN DE EQUIPAMENTO
Especialização em Design Urbano e de Interiores

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Um olhar sobre a evolução do espaço da cozinha e o
contributo da mulher.**

Margarida Gomes Valentim

MESTRADO EM DESIGN DE EQUIPAMENTO
Especialização em Design Urbano e de Interiores

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Raul Cunha
e co-orientada pelo Professor Doutor Eduardo Duarte

2013

RESUMO

Com o presente trabalho, pretende-se investigar a presença e o contributo da mulher, na evolução do design do espaço doméstico, nomeadamente da cozinha, tendo particular interesse na situação nacional. No sentido de cumprir esse objectivo, a investigação divide-se em quatro partes que se complementam, entre si.

Para começar, é necessário fazer uma contextualização histórica da figura da mulher e do modo como esta é vista e tratada pela sociedade, passando pelos movimentos feministas e pelo Estado Novo. Em seguida, parte-se para uma sucinta análise e contextualização da habitação como um todo, tendo alguma atenção às questões da vida privada e do desenvolvimento da casa portuguesa. Na terceira parte, é analisado o caso da cozinha internacional no final do século XIX e início do século XX, dando destaque a três importantes figuras femininas que revolucionaram a economia doméstica e o espaço habitável com as suas propostas inovadoras. Finalmente, na quarta e última parte, é analisada a cozinha portuguesa maioritariamente através de publicações periódicas e de manuais de economia doméstica escritos por mulheres e não só. É ainda dedicado um pequeno capítulo àquela que se pode considerar como a pioneira portuguesa nos assuntos da domesticidade.

Mais do que uma investigação, pretende o trabalho presente transformar-se num levantamento geral de factos e dados históricos, compreendidos no arco temporal do final do século XIX até aos anos 70 do século XX, acerca da importância destas mulheres e do seu contributo para a evolução do design das cozinhas como o conhecemos hoje em dia.

PALAVRAS CHAVE:

Design de interiores, espaço doméstico, cozinha portuguesa, economia doméstica, feminismo.

ABSTRACT

This present body of work aims to investigate the presence and the contribute of the woman figure to the design evolution of the domestic space, namely of the kitchen, having a particular focus on the national context. In order to fulfill this objective, the present investigation is divided in four main chapters that are complementary to one another.

To start off, an historical contextualization of the women's character, and the way that she is perceived and treated by society, is necessary addressing subjects as the feminist movement and the portuguese Estado Novo regime. Then, we move on to a brief analysis and contextualization od the dwelling as a whole, paying special atention to the issues regarding the private life and the developing of the portuguese house. Next, on the third chapter, we investigate the international kitchen of the end of the 19th century and beggining of the 20th, highlighting three different female figures, that have revolutionized the domestic economy and the living space, with their studies and proposals. Finally, on the forth and final chapter, the portuguese kitchen is studied mainly through newspapers, magazines and some manuals regarding the domestic economy. A small chapter is dedicated to the only portuguese woman that can be considered a pioneer in the domestic realm.

More than an investigation, the present work is intended to be a set up of various facts and historical documents, between the 19th century and the 1970's, pertaining the importance of said women and of their contribute to the evolution of kitchen design into what we know and use today.

KEY WORDS:

Interior design, domestic space, portuguese kitchen, domestic economy, feminism.

AGRADECIMENTOS

Desejo neste espaço tecer uma série de agradecimentos a pessoas sem as quais este trabalho não teria sido, de todo, possível.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus orientadores: Prof. Doutor Raul Cunca pelo apoio prestado e pela disponibilidade e ao Prof. Doutor Eduardo Duarte por não ter desistido de mim, pela infinita paciência e por nunca deixar de acreditar nas minhas capacidades.

À Joana, pela sua constante companhia e tremenda ajuda. Pelos incentivos e apoio moral. Pelas celebrações de pequenas vitórias, pelas gargalhadas de disparates impossíveis, pelo apoio quando me sentia desamparada. Celebro este feito pelas duas.

Agradeço ao Miguel, por estar sempre lá. E por todo o apoio e amor. E por não falar “daquele assunto” sempre que necessário.

À Vanessa, pelo constante incentivo e por nunca deixar de acreditar, e de me fazer acreditar também, que sou capaz e competente.

Ao Diogo, que sempre me fez acreditar que tudo é possível com um bocadinho de esforço.

A todos os meus colegas que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram neste trabalho, mesmo que só com uma ou duas palavras de encorajamento.

Aos meus pais, por me permitirem que completasse este trabalho, independentemente do tempo necessário para o concluir. Por ainda sustentarem uma rapariga de 25 anos com a mania que é artista.

Muito obrigada.

ÍNDICE

RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
ÍNDICE DE FIGURAS	viii
INTRODUÇÃO	1
OBJECTIVOS.....	3
ESTRUTURA	4
METODOLOGIA	6
1. A MULHER E O SEU PAPEL	8
1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA INTERNACIONAL.....	12
1.1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA EM PORTUGAL	17
1.2 A MULHER DO ESTADO NOVO (1933-1974).....	23
1.2.1 MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA E OUTRAS ORGANIZAÇÕES.....	27
1.3 MARIA LAMAS E “AS MULHERES DO MEU PAÍS”	31
2. BREVE HISTÓRIA DA HABITAÇÃO	34
2.1 A CASA PORTUGUESA.....	37
3. A COZINHA INTERNACIONAL NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....	44
3.1 CATHERINE BEECHER (1800 – 1878) E A <i>COZINHA CONTÍNUA</i>	47
3.2 CHRISTINE FREDERICK (1883 – 1979) E A COZINHA EFICIENTE.....	52
3.2.1 O TRABALHO DE FREDERICK E A EFICIÊNCIA NA COZINHA AMERICANA PELOS OLHOS DE OUTRÉM	57
3.2.2 CHRISTINE FREDERICK PARA LÁ DOS EUA	61
3.3 MARGARETE SCHÜTTE-LIHOTSKY (1897 – 2000) E A COZINHA FRANKFURT.....	65
4. O PANORAMA DA COZINHA NACIONAL.....	69
4.1 A ECONOMIA DOMÉSTICA: PERIÓDICOS, PUBLICAÇÕES E AS SUAS MENSAGENS..	73
4.1.1 PERIÓDICOS	74
MARIA JOSÉ CANUTO (1821 - 1890) A PIONEIRA PORTUGUESA.....	77
4.1.2 PUBLICAÇÕES.....	82

CONCLUSÃO	99
BIBLIOGRAFIA	105
MONOGRAFIAS.....	105
PERIÓDICOS (OBRAS FÍSICAS).....	110
ARTIGOS E DOCUMENTOS ONLINE	110
VÍDEOS E FILMES.....	113
FONTES ICONOGRÁFICAS.....	114

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1 CARTAZ DE PROPAGANDA SALAZARISTA REPRESENTANDO O IDEAL DE CASA E DE FAMÍLIA PORTUGUESA.....	24
FIG. 2 MAIS UM CARTAZ DE PROPAGANDA SALAZARISTA, DESTA VEZ DIRIGIDO ESPECIFICAMENTE ÀS MULHERES...	26
FIG. 3 EXEMPLO VISUAL DOS ESCALÕES DA MPF.....	29
FIG. 4 EXEMPLO DE GUARDA FATOS ESTILO D. JOÃO V.....	40
FIG. 5 ILUSTRAÇÕES DE EXEMPLOS DE MÓVEIS DE DIVERSOS ESTILOS.....	40
FIG. 6 AV. DA REPÚBLICA, 1908.....	41
FIG. 7 AVENIDAS NOVAS EM CONSTRUÇÃO.....	41
FIG. 8 ANÚNCIO DE REVESTIMENTOS DE LINÓLEO, 1936.....	45
FIG. 9 CHRISTINE FREDERICK.....	46
FIG. 10 MARGARETE SCHÜTTE-LIHOTSKY.....	46
FIG. 11 CATHERINE BEECHER.....	46
FIG. 12 FRONTISPÍCIO DO LIVRO THE AMERICAN WOMAN'S HOME.....	47
FIG. 13 PLANTA DA COZINHA DA CASA SUBURBANA.....	48
FIG. 14 PLANTA DO PISO TÉRREO DA CASA SUBURBANA.....	48
FIG. 15 SUPERFÍCIE DE TRABALHO PARA A COZINHA DESENVOLVIDA POR CATHERINE BEECHER.....	49
FIG. 16 – PLANTA DO APARTAMENTO DE CIDADE DE BEECHER.....	50
FIG. 17 MULHER LIMPA O CHÃO NA APPLECROFT HOME EXPERIMENT STATION, CRIADA POR CHRISTINE FREDERICK PARA A REALIZAÇÃO DOS SEUS ESTUDOS E EXPERIMENTAÇÃO DE NOVOS PRODUTOS.....	53
FIG. 18 AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA NO BATIMENTO DE OVOS COM UM UTENSÍLIO PRÓPRIO PARA O EFEITO NA APPLECROFT HOME EXPERIMENT STATION.....	53
FIG. 19 EXEMPLO DE COZINHA INEFICIENTE E EFICIENTE DE CHRISTINE FREDERICK.....	54
FIG. 20 ESQUEMA DE COZINHA EFICIENTE DE LOUISE STANLEY.....	57
FIG. 21 CARTAZ DA EXPOSIÇÃO DA WERKBUND EM 1927.....	62
FIG. 22 PROPOSTA DE ERNA MEYER PARA A EXPOSIÇÃO DE 1927.....	63
FIG. 23 PROPOSTA DE RACIONALIZAÇÃO DA COZINHA POR J. J. PIETER OUD.....	63
FIG. 24 COZINHA FRANKFURT DE GRETE SCHÜTTE-LIHOTSKY.....	65
FIG. 25 DESENHO DA COZINHA DE LIHOTSKY.....	66
FIG. 26 PORMENOR DAS GAVETAS DE ORGANIZAÇÃO EM EXPOSIÇÃO NO MUSEUM DER DINGE.....	66
FIG. 27 FOTOGRAMA DO FILME PUBLICITÁRIO QUE DEMONSTRA UMA MULHER A UTILIZAR AS GAVETAS DE ORGANIZAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS.....	67
FIG. 28 GRÁFICO DAS CIRCULAÇÕES NECESSÁRIAS PARA CUMPRIR OS CICLOS.....	71
FIG. 29 PLANTA DE UMA DAS CASAS DE RENDA ECONÓMICA COM A SOBREPOSIÇÃO DO ESQUEMA DE CIRCULAÇÃO..	71
FIG. 30 FOLHA DE ROSTO DO LIVRO DE CARLOS BENTO DA MAIA.....	83
FIG. 31 CAPA DO LIVRO DE MARIA LÚCIA.....	85
FIG. 32 CAPA DO LIVRO DE MANUEL CALVET DE MAGALHÃES.....	86
FIG. 33 EXEMPLOS DE BANCADAS DE COZINHA SUGERIDAS POR MANUEL MAGALHÃES.....	88
FIG. 34 ILUSTRAÇÃO DE COZINHA, INCLUINDO A MESA DE REFEIÇÃO, PRESENTE NO LIVRO DE LAURA SANTOS.....	91
FIG. 35 E 36 ILUSTRAÇÕES DO EXTERIOR E INTERIOR DO "ARMÁRIO MARAVILHOSO" DE LAURA SANTOS.....	92
FIG. 37 FOLHA DE ROSTO DO LIVRO DE MARIA ANTONIETA DE MORAIS.....	94
FIG. 38 EXEMPLOS DE PROJECTOS SUGERIDOS NO LIVRO <i>CASA APARTAMENTO JARDIM – PROJECTAR COM CONHECIMENTO, CONSTRUIR CORRECTAMENTE</i> COM AS BANCADAS REALÇADAS.....	104

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade em constante mutação, quer seja num ponto de vista tecnológico, social ou até político. Tudo à nossa volta se transforma de uma forma persistente e estas mudanças reflectem-se no interior do espaço doméstico.

A arquitectura e o design do espaço habitacional espelham, indubitavelmente, as transformações constantes da sociedade e ficam, assim, condicionados pelos aspectos sociais, culturais e, principalmente, económicos, do período em que se vive. Consequentemente, também o mobiliário reflecte estas condicionantes revelando sempre as evoluções tecnológicas vigentes na época da sua criação, assim como o estado da arte, por exemplo.

Responsáveis também pelo modo como o espaço habitacional se desenvolve e caracteriza estão as figuras que o definem. Durante anos, toda a produção arquitectónica e de design esteve somente nas mãos de homens mas e as mulheres? Não terão nada a dizer sobre o assunto?

É possível encontrar vários registos descritivos acerca das habitações, estrangeiras e portuguesas, definindo ao pormenor a organização dos móveis, as suas influências e características e o estilo adoptado em cada divisão. No entanto, sentimos que o espaço doméstico da cozinha – em particular o caso nacional – não foi ainda alvo da investigação aprofundada que merece, até ao presente momento.

Divisão tão central e indispensável em qualquer casa, a cozinha passou despercebida durante vários anos, assumindo-se como um espaço fragmentado e escondido, para mais tarde sofrer uma grande revolução na sua estrutura, revolução essa que começa pelas mãos de três importantes mulheres: Catherine Beecher (6 de Setembro de 1800 – 12 de Maio de 1878), Christine Frederick (6 de Fevereiro de 1883 – 6 de Abril de 1970) e Margarete Schütte-Lihotsky (23 de Janeiro de 1897 – 18 de Janeiro de 2000).

Mas o que aconteceu no âmbito do panorama nacional? Terá havido também alguma mulher revolucionária? De que forma nos chegaram todas estas revoluções domésticas? E de que maneira encara a mulher a sua casa e cozinha, num Portugal

opressor e fascista durante o Estado Novo? De que modo é que as nossas cozinhas de hoje em dia reflectem as propostas das mulheres do passado?

Assim sendo, para esta dissertação, propomos uma análise mais aprofundada do que é, de facto, a cozinha enquanto espaço doméstico, funcional e cultural partindo de uma breve análise da evolução da história da cozinha e do espaço habitacional. Tentaremos constituir um paralelismo entre a situação internacional, onde as mulheres tiveram um papel decisivo no modo revolucionário como as tarefas foram racionalizadas e o espaço redefinido, e a situação nacional onde tudo se desenrolou de um modo mais lento e conservador, apesar do seu manifesto interesse.

A questão inicial que começou por circunscrever os limites da presente investigação, prendia-se com a curiosidade de saber se, em Portugal, também teria sido alguma mulher a despoletar mudança no que diz respeito à organização da cozinha. Esta ideia depressa caiu por terra, obrigando-nos a mudar ligeiramente de rumo, acabando por transformar este trabalho num aglomerado de factos históricos gerais que nos permitiram formular as nossas próprias ideias e conclusões acerca da temática da cozinha.

No decorrer da pesquisa sentiu-se a necessidade de alargar mais o corpo de trabalho, contextualizando em pormenor alguns momentos sociais e descrevendo a evolução do espaço habitacional internacional, de modo a que se pudessem identificar com facilidade eventuais influências.

As primeiras populações humanas da Europa e da América do Norte, construía os seus abrigos com os materiais que encontravam ao seu redor e aprenderam a caçar e a recolher os alimentos dos locais onde viviam. O conhecimento que se tem do mobiliário e dos arranjos domésticos das primeiras civilizações provém principalmente das inscrições em pedra ou das pinturas, que nos dão uma ideia das suas formas e proporções, mas não dos seus detalhes construtivos.¹ Estas inscrições e pinturas eram, geralmente, encontradas dentro

¹ HARRISON, Molly – **The Kitchen in History**. Berkshire, 1972, p. 15.

dos espaços que as populações habitavam, revelam que, já nessa altura, muito do seu tempo era passado no interior.

Ao observarmos a vida do homem, de um modo geral, verifica-se que, desde a Antiguidade até os dias de hoje, a maior parte do seu tempo é passado em espaços interiores e recolhidos. Estes espaços são, normalmente, portadores de estabilidade, permanência e continuidade e mantêm uma íntima relação com seus utilizadores.

A cozinha não é diferente disto em nenhum aspecto. Em muitas situações sociais, observadas nos dias de hoje, é até na cozinha que se reúnem grupos de pessoas, ao invés de o fazerem na sala de estar, como seria de esperar, dando à cozinha uma conotação de espaço íntimo e pessoal que à partida não lhe daríamos.

É através desta visão menos funcional e, talvez, mais emocional ou ainda sensorial que podemos partir, para uma análise da cozinha moderna dos dias de hoje, já que com as mudanças sociais em constante mutação, também os espaços em que habitamos têm necessariamente de mudar para acomodar os nossos interesses e preocupações.

OBJECTIVOS

Como já foi referido anteriormente, o presente trabalho tem como objectivo fazer uma análise e levantamento de dados históricos, acerca do espaço doméstico da cozinha, em particular do caso referente à cozinha portuguesa, e da presença da figura da mulher na evolução das questões relacionadas com o design e com a economia doméstica.

Assim, com esta investigação pretende-se:

- Analisar a situação social e política de Portugal na época da Primeira República e do Estado Novo e determinar as características da mulher dessa altura.

- Observar o papel da mulher dentro da cozinha e a sua contribuição para a evolução deste espaço.
- Observar o panorama internacional da organização da cozinha e da evolução da Economia Doméstica comparando-o com a situação nacional.
- Analisar vários cenários correspondentes à cozinha, ao longo dos últimos séculos focando-me, principalmente, nos aspectos funcionais dos objectos e utensílios e na organização do espaço.
- Avaliar as principais causas das mudanças ocorridas e identificar as principais figuras impulsionadoras desta mudança.
- Questionar algumas dessas evoluções e o seu conseqüente contributo para o estado do actual design de cozinhas.

ESTRUTURA

O presente corpo de trabalho encontra-se estruturado em quatro partes.

Em primeiro lugar, no capítulo 1, é abordada a situação social. Começamos por analisar a figura feminina, dando sempre prioridade à situação portuguesa, e tentamos perceber como é que a mulher era vista na sociedade e que papel desempenhava em diversas situações. Pretendemos focar-nos, maioritariamente, na situação nacional, tentando compreender o papel da mulher enquanto doméstica e perceber de que modo as revoluções sociais e políticas modificaram a sua posição no espaço doméstico. Para isso é traçado um perfil da mulher portuguesa.

Desejamos ainda descobrir se o feminismo em Portugal influenciou, de algum modo, a economia doméstica, e se existia algum tipo de relação entre as mulheres feministas estrangeiras e as portuguesas.

O segundo capítulo, organiza-se em torno da habitação, de um modo geral, e das questões da privacidade partindo, em seguida, para uma breve análise da situação específica da casa portuguesa. Há alguma dificuldade em definir um estilo específico no que toca à casa e aos interiores portugueses. Observa-se uma grande amálgama de estilos combinados nos mesmos espaços com o intuito de demonstrar ostentação e riqueza.

Em terceiro lugar, entramos na esfera da cozinha começando por contextualizar a situação internacional e todos os seus avanços tecnológicos aquando da Revolução Industrial até chegarmos às três mulheres que, com as suas propostas, revolucionaram não só o modo de realizar as tarefas domésticas, como a organização do espaço da cozinha contribuindo, em larga escala, para a evolução do design de interiores.

São então analisadas os estudos e escritos de Catherine Beecher e a sua cozinha contínua, Christine Frederick e a cozinha eficiente e Margarete Schütte-Lihotzky e a cozinha Frankfurt, assim como publicações de outras mulheres, talvez não tão relevantes, mas com algo a dizer na matéria.

Finalmente, no capítulo quatro, passamos à tentativa de caracterização do espaço da cozinha portuguesa. Não foram encontrados dados concretos em relação à tipologia de uma cozinha em Portugal. Foram, sim, encontrados diversos registos espalhados que, todos juntos, nos conseguem dar uma imagem mais ou menos precisa, do que se passava a nível nacional.

Um breve capítulo é escrito considerando Maria José da Silva Canuto (1821 - 1890), uma das únicas mulheres a escrever sobre a economia doméstica que pode ser, de certo modo, comparada às pioneiras estrangeiras.

É também de notar que foram encontrados alguns estudos de racionalização de tarefas a concretizar no lar, realizados em Portugal, em 1945. No entanto, estes diziam respeito ao planeamento da habitação económica e não há qualquer registo de ter havido algum tipo de continuidade destes estudos, compreendendo a construção de outros tipos de casas.

A cozinha abrange outras dinâmicas que não as destinadas unicamente à concepção das tarefas domésticas e, por trás deste espaço, existe uma quantidade incomensurável de fenómenos sociais e culturais que não têm meio de se exprimir na sua actual concepção.

Por isso, reflectir sobre um espaço como a cozinha, quer nacional quer internacional, significa tanto para a arquitectura como para o design, transpor os simples gestos de projectar e os rituais de concepção que respondam unicamente à sua funcionalidade e muitas vezes à sua imagem.

METODOLOGIA

Para a redacção deste texto, serei sempre auxiliada pelos pontos de vista de outros designers e investigadores recorrendo a monografias, teses de mestrado e doutoramento e publicações periódicas, físicas ou online.

É através destas publicações periódicas e de alguns dos manuais de economia doméstica consultados que vamos conseguindo tirar ilações em relação ao que se passava no território português.

Para melhor se limitar o presente estudo, considerou-se como arco temporal o espaço compreendido entre o século XIX e, sensivelmente, os anos 70 do século XX.²

Esta investigação foi abordada na perspectiva de jovem designer, tentando com isso trazer um novo ponto de vista ao estado actual do Design de Interiores, nomeadamente ao design de cozinhas. Na impossibilidade do cumprimento de tal tarefa, pretende-se, pelo menos, que este trabalho sirva de rampa de lançamento

² Foi consultada bibliografia referente às restantes décadas do século XX mas concluiu-se que não contribuiriam positivamente para esta investigação. Tratavam-se, na maioria dos casos, de reedições de obras anteriores ou de novos manuais que nada vinham acrescentar ao panorama já observado.

para investigações futuras e ainda mais aprofundadas acerca do espaço doméstico português, que ainda tem tanto por explorar.

1. A MULHER E O SEU PAPEL

Haveria diferença entre nascer-se rapaz ou rapariga durante o período Paleolítico? E em Portugal no início do século XX?

Certamente que a resposta será positiva às duas questões. O papel social de ambos os géneros, sempre foi demarcado e diferente – qualquer que fosse o período ou condições em que vivessem. Mesmo no Paleolítico, por exemplo, essas diferenças são notórias: eram os homens os escolhidos para ir à caça e para recolher alimentos tendo em conta a sua maior força física e resistência.

Porém, com o evoluir dos tempos e das sociedades, os papéis atribuídos a cada um dos sexos nem sempre se baseiam nas características físicas e psicológicas mais óbvias.

Foquemo-nos na situação portuguesa do início do século XX. Logo desde cedo, rapazes e raparigas eram moldados para que, futuramente, desempenhassem os papéis que socialmente lhes estavam destinados, papéis esses bastante distintos entre si.

Os rapazes eram educados para serem “racionais e fisicamente fortes, preparados para exercerem uma profissão e ocuparem-se dos negócios públicos e dos da família.”³ Em contrapartida, as raparigas sempre foram vistas como sendo criaturas frágeis e emocionais e que “cresciam a desejar apenas um bom casamento, que lhes garantisse um determinado estatuto social e fortuna”.⁴ Qualquer mulher que, por escolha própria, decidisse ficar solteira seria colocada à margem da sociedade, juntamente com as divorciadas “por não se encaixarem em nenhuma das categorias consideradas socialmente aceites.”⁵ Deste modo, as raparigas eram educadas para cuidarem do espaço doméstico e para a este se confinarem e somente as raparigas do povo “se viam na contingência de terem de trabalhar fora de casa, de modo a contribuírem para o sustento da família.”⁶

³ MARIANO, Maria de Fátima – Génese e Desenvolvimento do Movimento Feminista português (1890 – 1930). Lisboa, 2004, p. 47.

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*, p. 48.

É de salientar que, geralmente, só as raparigas pertencentes à burguesia teriam acesso a qualquer tipo de educação. As filhas de famílias mais pobres, desde cedo seriam sujeitas aos trabalhos domésticos e/ou no campo e a educação que recebiam era mínima, quando alguma.

Assim, às raparigas burguesas estava garantida uma educação administrada, geralmente, por uma “mestre estrangeira”⁷. Em alguns casos, as jovens raparigas eram matriculadas em colégios privados, podendo estes ser religiosos ou não, de modo a que não fosse possível misturar-se com raparigas de classes inferiores e a “não adquirir os seus maus hábitos e comportamentos.”⁸

Esta jovem, desde muito cedo que estava sujeita ao olhar inquisidor da sociedade em geral mas, em particular, dos pais e da família já que, “qualquer comportamento menos próprio por parte da menina colocava em causa não só a sua honra mas também a de toda a família.”⁹

Apesar de toda esta aparente educação privilegiada, quer a rapariga burguesa, quer a rapariga do povo, quando em situação de casamento e vida conjunta, viam-se praticamente na mesma posição – confinadas ao ambiente doméstico e às suas tarefas, vivendo para cumprir inúmeras obrigações e agradar aos caprichos dos outros. Já afirma Ana de Castro Osório (1872 – 1935) no seu livro *Às Mulheres Portuguesas*: “ (...) a mulher foi reclusa do convento ou da família, tendo na vida um só fim – *agradar*.”¹⁰

Ana Osório, com um discurso já claramente feminista, avança ainda para um óbvio ataque ao homem culpando-o de tudo aquilo a que a mulher era sujeita, acusando-o de escolher uma mulher para ser sua esposa, para depois a maltratar:

“ (...) o homem, que fez do amor carnal o seu culto e da sua mulher a sacerdotisa desse culto. Mas sacerdotisa que se torna escrava, deusa que se cobre de injúrias (...) Da deusa ideal dos seus sonhos faz a cozinheira hábil, a dona de casa ignorante e útil, mixto de costureira e governanta, a mãe paciente e sofredora dos filhos que são o seu orgulho.”¹¹

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ OSÓRIO, Ana de Castro – **Às Mulheres Portuguesas**. Lisboa, 1905, p. 13.

¹¹ *Ibidem*.

No manual dedicado às mulheres e ao lar escrito por Emília de Sousa Costa (1877 – 1959), esta também nos traça um retrato da mulher portuguesa escravizada ao lar e ao marido e dirige-se a todas as mulheres dizendo que estas deveriam ser virtuosas e ter brio em tudo o que fazem:

“Diz o moralista Plutarco: *‘A mulher que não é bela deve fazer sempre esta observação ao vêr as imperfeições do seu rosto reflectidas num espelho: - O que valeria eu se não fosse virtuosa?’* E aquela, para quem a natureza foi prodiga em formosura deverá confessar a si própria: *‘A virtude duplicará os meus encantos.’*”¹²

Ela afirmava que todas as mulheres podiam e deviam ser virtuosas dominando o seu “egoísmo natural e animal, a inveja, a ambição desmedida. É procurar oferecerem aos que nos cercam, a paz e o conforto, a ordem e o bem estar, compatíveis com os nossos haveres.”¹³

Emília Costa, neste seu manual, apresenta variadas receitas e soluções simples para que a mulher, mesmo que pobre, consiga manter a sua casa limpa e bonita. Diz ela que, tal como a virtude pessoal, “igual cuidado deve merecer a vida doméstica, para ser, tanto quanto possível, sã, pura, tranquila e higiénica.”¹⁴

Esta mulher portuguesa de que falamos era uma mulher que se conservava num “atraso intelectual e moral vergonhoso” e numa condição deprimente de inferioridade face ao homem, face à sociedade e face às leis, que não a distinguiam muito “de qualquer animal irracional”¹⁵. Na sua vida diária é obrigada a cumprir, sem protestar, “as determinações do senhor e dono”¹⁶ em troca das necessidades materiais básicas.

Após este retrato tão negro traçado por Emília Costa, o seu discurso modifica-se bastante apresentando algumas características anti feministas e até salazaristas ou nacionalistas.¹⁷

¹² COSTA, Emília de Sousa – **A Mulher no Lar – Arte de Viver com Economia**. Lisboa, s/d, p. 9.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 11.

¹⁵ *Ibidem*, p. 69.

¹⁶ *Ibidem*, p. 70.

¹⁷ Através destas características do discurso de Emília Costa, e apesar do livro não estar datado, pode afirmar-se que a sua publicação terá tido lugar algures no início ou durante o Estado Novo.

Considerava que as funções do homem, dentro do lar, nunca se poderiam comparar, pois eram bem diversas e nítidas. Não considerava que umas fossem iguais ou superiores do outro, dizia, sim, que eram “inteiramente diferentes”¹⁸.

“Com suprema propriedade se chama à mulher – sacerdotisa do lar. Se nos tempos antigos, a mulher era a conservadora do fogo – o protector, o deus do lar que presidia e abençoava todos os actos da vida, desde os mais simples, aos mais importantes – hoje, que a civilização e o progresso nos conferiram obrigações variadas e complexas, não nos libertaram de exercer, como função soberana, o sacerdócio do lar.”¹⁹

Com este ideal de mulher em mente, Emília Costa diz-nos ainda que as fantasias libertadoras dos “futuristas sociais”, fariam com que a mulher perdesse todas “as qualidades concedidas pela natureza (...) esquecendo as profundas diferenças que física e moralmente distinguem os dois sexos.” Chegava mesmo a afirmar que, se esta liberdade desejada fosse atingida “se daria a perda fatal e irremediável da instituição basilar das sociedades civilizadas – a família.”²⁰

Estes futuristas sociais a quem Emília Costa se refere, tratavam-se dos grupos e organizações feministas que foram surgindo ao longo do início do século e que, embora lenta e tardiamente, acabaram por ter algum impacto na libertação da mulher.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, p. 105.

²⁰ *Ibidem*, p. 70.

1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA INTERNACIONAL

Considera-se que a primeira vaga do feminismo internacional surge em meados do século XIX como uma directa consequência da Industrialização. O impulso inicial para este aparecimento tem a ver com as mudanças sociais e económicas sentidas na época. “Com a melhoria das condições de vida, muitas mulheres deixaram de encarar o casamento como uma obrigação, optando por ficar solteiras. Aos poucos, o casamento deixou de ser a única forma de sobrevivência económica para as mulheres.”²¹

Dia 20 de Julho de 1848 marca um ponto de viragem para o emergente movimento feminista – neste dia, é aprovada a Declaração dos Direitos da Mulher em Nova Iorque, durante uma convenção feminista.²² Esta convenção, promovida por um grupo de feministas, teve, no total, 300 participantes dos quais 260 eram mulheres e os restantes 40 homens. Foi também aprovado, durante esta convenção, um manifesto intitulado *Declaração de sentimentos*, que começava com a seguinte frase, bem apropriada ao movimento: “Acreditamos que estas verdades são evidentes: que todos os homens e mulheres foram criados iguais.”²³

Contudo, esta não foi a primeira manifestação pública “de denúncia ao estatuto de tutelada da mulher”²⁴. Um dos primeiros documentos, idêntico ao aprovado em Nova Iorque, a ser proposto foi, em plena Revolução Francesa, no século XVIII, pelas mãos de Marie Gouze – mais conhecida por Olympe de Gouges.²⁵ Esta defensora da emancipação da mulher, tecia fortes críticas à Constituição na sua *Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã*, principalmente por esta não conceder o direito de voto às mulheres. Foi através de panfletos e folhetos que Olympe começou a espalhar a sua mensagem, mas estes mesmos panfletos e folhetos acabaram por levá-la a ser condenada à morte por traição à pátria. No entanto, as suas palavras imortalizaram-se: “O célebre princípio de que se a mulher

²¹ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 9.

²² *Ibidem.*

²³ *Ibidem.*

²⁴ *Ibidem*, p. 10.

²⁵ *Ibidem.*

tinha o direito de subir ao patíbulo, deveria também ter direito de subir ao pódio²⁶ seria adoptado como lema do movimento feminista que se desenvolveu a partir de meados do séc. XIX”²⁷.

Com a chegada do século XIX, começam a registar-se protestos colectivos levados a cabo, maioritariamente, por grupos de operárias que se “queixavam das condições de trabalho e da carestia de vida”.²⁸ Com a expansão cada vez maior da industrialização, expandiu-se também, exponencialmente, “o número de mulheres a trabalhar nas fábricas e oficinas, embora nem sempre nas mais dignas condições”²⁹ – elevado número de horas de trabalho; pouco tempo para a família e para a casa e nenhum tempo livre para elas mesmas; salários sempre mais baixos que os dos homens, assédio sexual por parte dos seus superiores hierárquicos.³⁰

Estas são as queixas que estão no pilar da revolta sentida pelas mulheres – quer internacionalmente, quer, mais tarde, no panorama nacional, embora com algumas diferenças. Assim, decidem começar a organizar-se em “associações de classe exclusivamente feministas, que representavam um verdadeiro desafio à denominação masculina”³¹. Depois da criação da primeira associação trabalhista de mulheres, que surge nos Estados Unidos da América em 1844, surgem as agremiações feministas que associam mulheres operárias e da burguesia, e cuja atenção se vai centrar na questão do voto – daí esta primeira vaga do feminismo internacional ser denominada de sufragista.³²

A primeira greve feminina, registada em todo o mundo, acontece no dia 8 de Março de 1857 e é mais um marco importante na história do, então emergente, movimento feminista internacional. “Cansadas das condições em que se encontravam, as operárias das fábricas de vestuário e têxteis de Nova Iorque”³³ organizaram-se e, em conjunto com a paralisação, realizaram uma marcha pela cidade. “A paralisação no entanto terminou de forma trágica. Um incêndio

²⁶ Artigo 10º da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 10.

²⁷ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.* p. 10.

²⁸ *Ibidem.*

²⁹ *Ibidem.*

³⁰ *Ibidem.*

³¹ *Ibidem.*

³² *Ibidem*, p. 12.

³³ *Ibidem.*

deflagrou num fábrica têxtil onde as trabalhadoras se refugiavam dos ataques violentos da polícia e provocou a morte a 129 mulheres.”³⁴

Os movimentos e encontros internacionais que se começam a organizar a partir da viragem do século, “representam uma nova etapa na luta das mulheres pela sua emancipação” marcando, deste modo, o início de um verdadeiro movimento feminista internacional coeso. “Um movimento que começou a desenhar-se a partir da Conferência do Conselho Internacional das Mulheres (CIM), em Londres, em 1899, e, principalmente, da Conferência de Berlim realizada 5 anos mais tarde”.³⁵

“No documento que institui a fundação do CIM pode ler-se: *‘Nós, mulheres de todas as nações, crendo sinceramente que o bem da humanidade progredirá com a unidade de pensamento, de simpatias e de fins, e que um movimento organizado da vontade das mulheres trará o maior benefício à família e ao Estado, unimo-nos numa confederação de trabalhadoras para promover, na sociedade, nos costumes e nas leis, a aplicação do divino preceito – «Faz aos outros o que quiseses que os outros te façam a ti»*’”³⁶

A questão central de quase todas as manifestações públicas e reivindicações levadas a cabo pelas mulheres, era a questão do sufrágio. “A possibilidade de poderem participar nos actos electivos”, de modo a que elas mesmas também pudessem ser responsáveis pela escolha dos diplomatas que representariam a sociedade junto dos órgãos máximos de poder, “era encarada com um instrumento poderosíssimo na conquista de um lugar de destaque na sociedade.”³⁷

Em Inglaterra, os registos das primeiras manifestações sufragistas remontam a 1832 com a aprovação da *Reform Bill*. No texto apresentado é utilizada a palavra *person* em vez de *male* para descrever os eleitores e de forma a possibilitar o voto feminino. No entanto, 3 anos depois, o texto da *Reform Bill* é alterado passando a falar-se em *males*, “afastando desta forma as mulheres daquele acto eleitoral”³⁸.

A partir da década de 60 do século XIX, os protestos começaram a intensificar-se na sequência de uma publicação de John Stuart Mill intitulada *A Sujeição das*

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*, p. 13.

³⁶ Citado in Caêl, **Comentários à Vida**. Lisboa, 1900, p. 85 *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 13.

³⁷ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 14.

³⁸ *Ibidem*.

Mulheres (1869). Neste livro, considerado uma espécie de bíblia para todas as feministas da primeira vaga, John Mill “critica a discriminação a que a mulher estava sujeita, quer por força do quadro legal vigente, quer em consequência dos costumes arreigados na consciência colectiva.”³⁹ Consequentemente, com a publicação desta obra polémica, o número de petições a reivindicar o voto feminino multiplicou-se em massa.

Apesar de várias tentativas pela mão de várias mulheres por todo o mundo, foi “necessário meio século de reivindicações e de luta para que o sufrágio feminino fosse consagrado lei.” É somente em 1920, “com a aprovação da XIX Emenda”, que a Constituição passa a citar no seu texto que “o direito dos cidadãos dos Estados Unidos ao voto não será negado nem limitado pelos Estados Unidos ou por qualquer estado por razões de sexo”⁴⁰.

Apesar desta lei ter sido aprovada nos Estados Unidos, foi em Inglaterra que o movimento sufragista teve uma maior visibilidade pública, embora não pelas melhores razões. Em 1903, foi criada a União Social e Política das Mulheres por Emmeline Pankhurst (1858 – 1928). Esta associação conseguiu o que muitas não tinham conseguido antes – juntar milhares de mulheres. Estas mulheres, levaram a cabo inúmeras acções de protesto pelas ruas de Inglaterra, muitas delas pautadas por uma grande dose de violência criando um corte no seio das sufragistas “entre «pacifistas» e «*suffragettes*».”⁴¹

No entanto, toda esta violência e radicalidades promovidas por este grupo de mulheres não aceleraram em nada o processo de admissão do sufrágio feminino. Só em 1918 foi o sufrágio aprovado e apenas para mulheres com mais de 30 anos e apenas dez anos depois a idade mínima das eleitoras desce para os 21 anos – ano também em que as mulheres passaram a poder ser eleitas.⁴²

Independentemente de todas estas lutas levadas a cabo por estes grupos feministas – radicais ou não – os países mais novos foram os primeiros a legalizar o sufrágio feminino.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*, p. 15.

⁴² *Ibidem*, p. 17.

“Em 1893, a Nova Zelândia torna-se no primeiro país do mundo a conceder o voto às mulheres. A concessão do direito de voto à mulher começou por ser uma realidade nas jovens democracias, a começar pelo estado de Wyoming, nos EUA (1869), Nova Zelândia (1893) e Austrália (1901). Na Europa o processo foi bem mais lento e controverso. Apenas a Islândia (1882), a Dinamarca (1883), a Finlândia (1907) e a Noruega (1913) estabeleceram o sufrágio feminino antes da I Grande Guerra”.⁴³

É de referir, no entanto, a situação em Portugal, onde a médica Carolina Beatriz Ângelo (1878 – 1911) consegue participar nas eleições de 1911 como eleitora recorrendo a uma “falha” na lei (como será abordado mais adiante).

Após o sufrágio feminino se ter começado a tornar numa realidade, começa uma segunda fase das movimentações femininas na política. “Começam a surgir os primeiros casos de mulheres nomeadas ou eleitas para cargos partidários e políticos”⁴⁴.

A importância dos movimentos feministas foi grande, embora não tão grandiosa e rápida como algumas destas mulheres pudessem esperar. No entanto, pode concluir-se que todas estas movimentações e reivindicações determinaram, e bastante, o papel das mulheres na sociedade de hoje em dia.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 18.

1.1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA EM PORTUGAL

Como já vinha sendo hábito em Portugal, o movimento Feminista surge tardiamente e com algum atraso em relação a outros países. Dejanirah Couto-Potache considera que as primeiras manifestações da defesa dos direitos das mulheres começam a surgir com mais força e regularidade nos anos 20 do século XIX, com a vitória do liberalismo.⁴⁵ No entanto, estas mulheres não apresentavam um discurso firme e reivindicativo e apesar “da sua luta se prender com a promoção de ideias socialistas que propugnavam a igualdade de todos os cidadãos perante a lei”, quer fossem homens ou mulheres, e “consideravam que as mulheres deveriam limitar-se a ser boas mães, boas esposas e boas donas de casa.”⁴⁶

Em Portugal, ao contrário dos outros países, esta primeira vaga de feministas era composta principalmente por mulheres burguesas que tinham poucos contactos com o operariado – embora nas suas acções públicas não deixassem de fazer referência às condições de trabalho da mulher operária – e que se preocupavam com os direitos sociais e políticos “relegando os direitos económicos para um segundo plano.”⁴⁷

Graças a este grupo elitista burguês – constituído praticamente por escritoras, professoras, educadoras e médicas – o país começou lentamente “a despertar para a causa feminista”.⁴⁸

Numa primeira fase do movimento português, estas mulheres “limitavam-se a denunciar o estatuto da mulher tutelada” assim como o que consideravam ser as fraquezas do sexo feminino, “através de textos em jornais generalistas ou em publicações especializadas”.⁴⁹ Só mais tarde, num momento que coincide com um aumento da propaganda republicana, é que começam a “apresentar as suas reivindicações junto dos poderes políticos”.⁵⁰

Durante esta primeira fase do movimento feminista português, destacam-se alguns nomes que começaram por “atacar” a mulher portuguesa com o intuito de expor os problemas que as afectavam. Um desses nomes é o de Carolina Michaëlis

⁴⁵ COUTO-POTACHE, Dejanirah – **Les Origines du Feminisme au Portugal**. Paris, 1982, p. 449.

⁴⁶ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 24.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 25.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 26.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem*.

de Vasconcellos (1851 – 1925). Em 1902 foram publicados seis artigos no jornal *O Primeiro de Janeiro*, entre 11 e 18 de Setembro⁵¹, onde a escritora traça um retrato físico e psicológico, pouco agradável e, certamente, pouco dignificante da mulher portuguesa. Carolina descreve-nos uma mulher que elevava “o recato e a maleabilidade, a dedicação e a fé acima do saber e do exercício do pensamento e da vontade” mantendo-se “inacessivelmente longe do tumular dos negócios e da conquista da glória, da ânsia, das honras e dos lucros”⁵² e, conseqüentemente, afastada e inconsciente do emergente movimento feminista. Esta defendia ainda que esta ignorância, demonstrada pelas mulheres portuguesas, advinha da sua falta de instrução e educação – “De 100 mulheres, só sabem ler e escrever 21 em Espanha e 33 em Portugal”⁵³– e que a solução seria simples e passaria por “fundar escolas, libertar as futuras gerações femininas da ignorância e da superstição (...) pregar-lhes o evangelho do trabalho”⁵⁴.

Outro nome a referir é o de Ana de Castro Osório que publicou um livro intitulado *Às Mulheres Portuguesas*, “considerado um dos primeiros manifestos do então emergente movimento feminista português”⁵⁵. O seu objectivo com esta obra era consciencializar as mulheres portuguesas para a dimensão do que se passava a nível mundial e alertá-las para a necessidade de se unirem em torno da libertação da mulher. Para ela, tal como para Carolina Vasconcellos, as mulheres deviam ser educadas e instruídas para que pudessem ser membros dignificados da sociedade. Escrevia ela:

“Ser feminista não é querer as mulheres insexuais, umas masculinas de caricatura, como alguns cuidam; mas sim desejá-las criaturas de inteligência e de razão, educadas útil e praticamente de modo a verem-se ao abrigo de qualquer dependência, sempre amarfanhante para a dignidade humana”⁵⁶

Anos mais tarde, confessa nas páginas de *A Capital*: “[tornámo-nos feministas] desde o momento em que abrindo os olhos à luz da razão compreendemos a

⁵¹ VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de – **O Movimento Feminista em Portugal**. Paio Pires, 2002.

⁵² *Ibidem*, p. 31.

⁵³ *Ibidem*, p. 25.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 26.

⁵⁶ OSÓRIO, Ana de Castro – **Às Mulheres Portuguesas**. Lisboa, 1905, p. 24.

injustiça pavorosa que nos arredava de toda a legítima compensação ao nosso trabalho, ao nosso estudo, à nossa inteligência, pela simples razão de que o acaso nos fizera nascer mulher em vez de homem”⁵⁷.

Esta ideia, que Ana Osório nos apresenta, das mulheres feministas não terem de ser masculinizadas, era bastante comum entre todos aqueles que não partilhavam, nem compreendiam, os ideais feministas e defendiam que a posição das mulheres continuava a ser em casa, a cuidar da família. Como afirmava Olga de Moraes Sarmiento da Silveira (1881 – 1948):

“o ser-se feminista, em Portugal, é uma coisa que aterra e que afugenta os homens da nossa sociedade... Parte-se da ideia errada que a mulher que defende a sua causa, que trate desse problema social, de si muito complexo, que essa criatura deve ser uma desequilibrada, que há-de usar um chapéu *connotier*, bengala e colarinho.”⁵⁸

No entanto, nem todas as autoras que se diziam defensoras dos direitos da mulher partilhavam dos ideais do feminismo, nem tão pouco do modo de actuar das “activistas” feministas. Um desses casos, era o de Emília de Sousa Costa que, no seu livro *A Mulher no Lar*, descrevia as feministas como “meia dúzia de mulheres irreflectidas ou doentamente arrebatadas” e culpava-as pelo “atraso moral e intelectual da mulher portuguesa”⁵⁹.

Esta discordância de opiniões e fundamentos, tinha origem nas diferentes posições ideológicas e políticas de cada uma destas mulheres activistas visto que umas se encontravam “do lado do republicanismo e outras do lado do monarquismo dando origem a vários tipos de feminismo”⁶⁰.

Em Portugal, tal como internacionalmente, o feminismo passou por duas fases distintas. A primeira fase – iniciada em finais do século XIX até 1907/1908⁶¹ – é caracterizada principalmente por ser um período de reconhecimento e acompanhamento do que se passava a nível mundial. É ainda nesta fase que se dá o “esclarecimento da opinião pública portuguesa sobre o feminismo e as questões

⁵⁷ OSÓRIO, Ana de Castro – «A Razão de Ser do Feminismo» in *A Capital*, 7 de Fevereiro de 1911 *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 27.

⁵⁸ SILVEIRA, Olga de Moraes Sarmiento da – **Problema Feminista**. Lisboa, 1906, pp. 8/9 *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 27.

⁵⁹ COSTA, Emília de Sousa – *op. cit.*, p. 73.

⁶⁰ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 28.

⁶¹ *Ibidem*, p. 33.

ligadas aos direitos e deveres da mulher, através de artigos na imprensa ou nos salões que existiam um pouco por toda a cidade de Lisboa”⁶².

Numa segunda fase, as feministas – que até então já tinham conseguido sensibilizar um número considerável de mulheres para a causa – começaram a sentir necessidade de se juntarem em associações para poderem materializar com maior facilidade as suas reivindicações.⁶³ Serão, em seguida, brevemente descritas algumas das mais importantes:

Em finais de 1907 deu-se a primeira tentativa de união pelas mãos de Ana de Castro Osório que fundou o Grupo Português de Estudos Feministas. Desenvolvido durante o “período áureo da propaganda republicana” e direccionado principalmente para a mulher burguesa, tinha como objectivo “explicar às portuguesas o significado da palavra «feminista» e pô-las a par das iniciativas que promoviam a nível internacional, para que saísse da posição de tutelada.”⁶⁴

De seguida, em 1909, surge a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP). Esta terá sido a “primeira organização que, em Portugal, procurou conciliar a intervenção política com reivindicações feministas”⁶⁵ embora fosse uma organização que se apresentava muito dependente do Partido Republicano Português.⁶⁶ A LRMP surge com uma missão em tudo semelhante aos ideais das feministas que já foram anteriormente mencionadas:

“(…) orientar, educar e instruir nos princípios democráticos a mulher portuguesa, como mãe de família, esposa, filha, educadora, tornando-a um indivíduo autónomo e consciente, pois só um novo regímen liberto de preconceitos poderá trazer à sociedade portuguesa a consciência e responsabilidade do povo livre e altivo; fazer a propaganda cívica, inspirando-se no ideal republicano e democrático; promover a revisão das leis na parte que interessa especialmente à mulher e à criança.”⁶⁷

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ ESTEVES, João Gomes – **A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas**. Lisboa, 1991, p. 15.

⁶⁶ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 33.

⁶⁷ «Estatutos da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas» in *A Mulher e a Criança*, nº1, Abril de 1909, p.11 *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 34.

Finalmente, em 1924 – ainda no apogeu da actuação da LRMP –, é fundado o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP) por Adelaide Cabete⁶⁸ (1867 – 1935). É esta organização que demonstra, mais tarde, a maior vontade e acção para aprovar a questão do sufrágio feminino.

É com a instituição do Estado Novo (1933-1974) que o voto feminino é autorizado pela primeira vez, “ainda que de uma forma bastante restrita”⁶⁹ e só depois da revolução de 25 de Abril de 1974, o sufrágio universal se tornaria uma realidade – “muito depois de ser autorizado na maioria dos países ocidentais”.⁷⁰

Em Portugal, reinava a ideia de que as mulheres não estariam preparadas intelectualmente para “assumir uma tão grande responsabilidade como era essa de gerir os recursos da Nação” e que, conseqüentemente, deviam dedicar-se somente ao espaço doméstico “deixando para o homem as questões relacionadas com a economia e a política”⁷¹ dificultando assim, a vitória das mulheres na sua luta a favor do sufrágio feminino. Porém, mesmo no seio das organizações feministas, já anteriormente descritas, as opiniões divergiam. Maria Veleda (1871 – 1955) – sócia da LRMP – defendia que “as portuguesas deviam lutar primeiro pela sua independência económica e só posteriormente pensar na conquista do direito de voto”⁷² ao contrário de Ana de Castro Osório, que defendia o oposto. Todas estas divergências levaram a variados conflitos internos que, ao invés de ajudar à causa feminista, acabaram por atrasar a instituição do sufrágio feminino.

É de referir ainda, em relação ao sufrágio, a posição da médica Carolina Beatriz Ângelo, que foi a primeira mulher a votar na Península Ibérica, corria o ano de 1911⁷³. A legislação da altura concedia o voto a “todos os portugueses maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever ou que fossem chefes de família”⁷⁴. Não estava discriminado na legislação o sexo do eleitor. Então, podemos concluir que qualquer mulher nas mesmas condições desta médica poderia invocar a lei. Assim, Maria de Fátima Mariano coloca-nos a questão, e bem, de que se assim o era,

⁶⁸ LAMAS, Rosemarie Wank-Nolasco – **Mulheres Para Além do Seu Tempo**. Venda Nova, 1995, p. 37.

⁶⁹ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 140.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*, p. 149.

⁷³ LAMAS, Rosemarie Wank-Nolasco – *op. cit.*, p. 73.

⁷⁴ ALMEIDA, Pedro Tavares de – **Legislação Eleitoral Portuguesa – 1820 – 1926**. Lisboa, 1998, p.550 *Apud* MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 151.

porque razão foi Carolina Ângelo a única a reivindicar o seu direito de voto? A resposta deve-se, provavelmente, ao atraso cultural da mulher portuguesa e alguma descoordenação e desunião entre as feministas⁷⁵.

Depois de tudo isto, questionamo-nos: Existiu de facto um movimento feminista em Portugal?

Rosmarie Lamas afirma com toda a certeza que “não há, e muito provavelmente nunca houve, feministas portuguesas”⁷⁶ baseada, talvez, na falta de marchas reivindicativas e na fraca expressão pública demonstrada pelos grupos feministas em Portugal.⁷⁷ As suas acções e iniciativas defensoras dos seus direitos sempre se caracterizaram como mais comedidas e calmas, limitando-se a protestar “através de escritos nos jornais ou em conferências dirigidas a um público muito restrito e específico”.⁷⁸ Elas próprias admitiam que não possuíam o mesmo “temperamento e o verbo dos propagandistas arrebatados e brilhantes” mas, por outro lado, também sabiam que desse modo não tinham “os seus desfalecimentos e desânimos”⁷⁹.

Apesar de tudo isto, pode-se considerar que houve, de facto, feministas e um movimento feminista em Portugal durante a Primeira República.

⁷⁵ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 153.

⁷⁶ LAMAS, Rosemarie Wank-Nolasco – *op. cit.*, p. 11.

⁷⁷ MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 46.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 153.

⁷⁹ OSÓRIO, Ana de Castro – **Em Tempo de Guerra – Aos Soldados e às Mulheres do Meu País**. Lisboa, 1918, p. 67 *Apud* MARIANO, MARIANO, Maria de Fátima – *op. cit.*, p. 46.

1.2 A MULHER DO ESTADO NOVO (1933-1974)

A Constituição de 1933 admitia que um indivíduo só existia “através do agregado natural a que está ligado por natureza” e acrescentava ainda que a família era considerada uma “realidade primária e fundamental de toda a orgânica nacional”, na qual se fundava a “ordem política e social da nação”⁸⁰. A Constituição reafirma ainda a igualdade de todos os cidadãos perante a lei e a “negação de qualquer privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo ou condição social”⁸¹. De notar a pequena cláusula que se seguia e dizia: “salvo no que se relaciona com o sexo, considerando a diferença de natureza da mulher e o bem da família”⁸².

Assim, a natureza e a família surgem como duas das bases principais do modelo da política do Estado Novo, relativamente às mulheres e aos homens.⁸³

Quando questionado por António Ferro em 1932, sobre a sua opinião em relação a todas reivindicações feministas de liberdade que se faziam sentir na época (pela mão das organizações anteriormente faladas), Salazar diz-nos duvidar da justeza desses actos já que o homem também não possuía essa “liberdade absoluta que ela reclama para si”. Acrescenta também que a mulher não só mandava “efectivamente” em muitas casas, como também se considerava “o chefe moral da família”. Salazar chegava mesmo a afirmar que se em “lares mal organizados” a mulher vivia “talvez injustamente, na sujeição da chefia do homem”, este também sofria a injustiça da “obrigação de trabalho constante (...) para manter certas mulheres.”⁸⁴

Durante este período do Estado Novo (1933-1974), foi concebida uma tipologia de mulher ideal, tendo em conta os ideais familiares de António de Oliveira Salazar. Estes ideais, descritos na Constituição de 1933, descreviam a família, como já foi anteriormente referido, como uma “realidade primária e fundamental de toda a

⁸⁰ PIMENTEL, Irene Flunser – **História das Organizações Femininas no Estado Novo**. Rio de Mouro, 2000, p. 25.

⁸¹ Constituição de 1933 *Apud* PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, p. 25.

⁸² CALADO, Maria ; NEVES, Helena – **O Estado Novo e as Mulheres**. Lisboa, s/d., p. 23.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ FERRO, António – **Salazar: O Homem e a sua Obra**. Lisboa, 1933, pp. 132-136.

orgânica nacional”, na qual se fundava a “ordem política e social da nação”. Era então, a obrigação do Estado garantir a “defesa da família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem política e administrativa.”⁸⁵

Deste modo, a família assumia o importante papel de alicerce da sociedade e tinha de ser protegida de tudo e de todos, porque “aí nasce o homem, aí se educam as gerações (...). Quando a família se desfaz, desfaz-se a casa, desfaz-se o lar, desatam-se os laços do parentesco, para ficarem os homens diante do

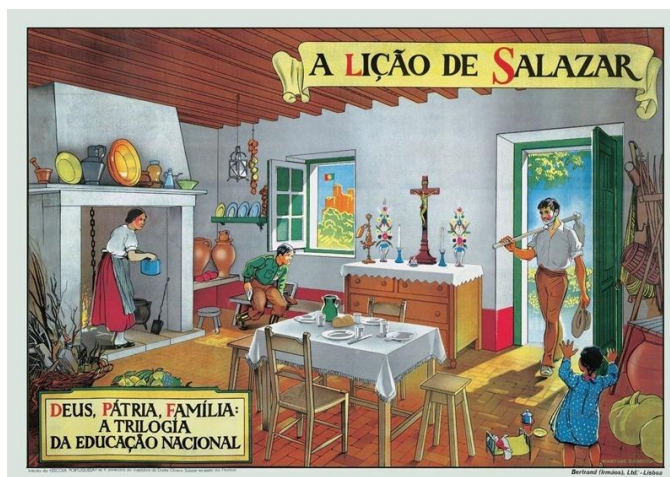


Fig. 1 | Cartaz de propaganda Salazarista representando o ideal de casa e de família portuguesa.

Estado isolados, estranhos, sem arrimo e despidos moralmente de mais de metade de si mesmos; perde-se um nome, adquire-se um número – a vida social toma logo uma feição diferente.”⁸⁶

Em 1942, num outro discurso, volta a fixar o seu ponto de vista, dizendo que o homem se enquadra na família, que classifica como “o primeiro grupo natural” porque “naturalmente não pode criar-se, nem viver, nem desenvolver-se sozinho e por meios individuais.”⁸⁷

O regime salazarista cria assim uma nova imagem da mulher idealizada sobretudo, pela religião e pela moral. A mulher do Estado Novo deveria ser uma esposa carinhosa e submissa, uma mãe sacrificada e virtuosa.

Porém, apesar deste ideal de mulher, Salazar fazia uma distinção entre a mulher solteira, “que vivia sem família ou com família a seu cargo, à qual devia ser

⁸⁵ Artigo 12º da Constituição Nacional de 1933.

⁸⁶ SALAZAR, António de Oliveira – **Discursos e Notas Políticas, vol. II.** “As grandes certezas da revolução nacional” – Discurso no X Aniversário do 28 de Maio, em 1936, pp. 133-134.

⁸⁷ SALAZAR, António de Oliveira – **Discursos e Notas Políticas, vol. III.** “O corporativismo e os trabalhadores” – Discurso em 23 de Julho de 1942, p. 357.

pragmaticamente facilitado o emprego”⁸⁸, da mulher casada, cuja missão na família era tão importante como a do homem, embora de forma diferente.

“A mulher casada, como o homem casado, é uma coluna da família, base indispensável de uma obra de reconstrução moral. Dentro do lar, a mulher não é escrava. Deve ser acarinhada, amada e respeitada, porque a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não é inferior à do homem. Nos países ou nos lugares onde a mulher casada concorre com o trabalho do homem – nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nas profissões liberais – a instituição da família pela qual nos batemos como pedra fundamental de uma sociedade bem organizada ameaça ruína... Deixemos portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa... Não sei, afinal, qual dos dois terá o papel mais belo, mais alto e mais útil”⁸⁹

Esta citação encerra em si todos os elementos da posição de Salazar em relação à mulher: a manifesta, mas apenas aparente, igualdade de valor que ele propunha na diversidade e divisão de funções, a distinção entre a mulher solteira e a mulher casada, a notória divisão de espaços entre homens e mulheres, a veemente defesa do cenário de família tradicional onde a mulher se estabeleceria como pilar, a luta contra o liberalismo que teria atirado a mulher para o mercado de trabalho onde viria a competir com o homem e, finalmente, “o propósito do seu retorno ao lar, através da valorização do belo papel de mãe e esposa.”⁹⁰

O slogan deste regime, “A mulher para a família, a mulher para o lar”⁹¹ não pretendia condenar as mulheres, mas sim libertá-las. Segundo Salazar, a mulher governaria o seu lar do mesmo modo que ele próprio governaria o país – cuidando, zelando e poupando.⁹²

Num discurso proferido por Salazar, a 16 de Março de 1933, onde este tentava valorizar as tarefas femininas no lar, dizia: “O trabalho da mulher fora do lar (...) separa os membros da família, torna-os um pouco estranho uns aos outros. Desaparece a vida comum, sofre a obra educativa das crianças, diminui o número destas. E com o mau ou impossível funcionamento da alimentação e do vestuário

⁸⁸ PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, p. 27.

⁸⁹ FERRO, António – *op. cit.*, p. 133.

⁹⁰ PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, pp. 27-28.

⁹¹ CALADO, Maria ; NEVES, Helena – *op. cit.*, p. 24.

⁹² *Ibidem*, p. 25.

verifica-se uma perda importante, raro materialmente compensado pelo salário recebido.”⁹³

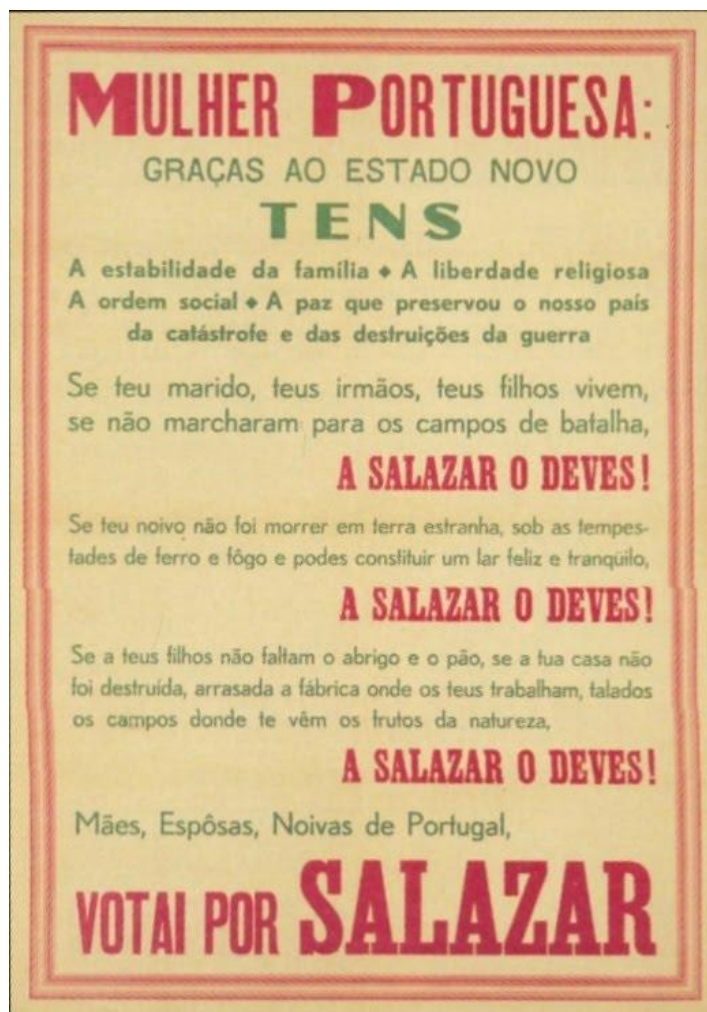


Fig. 2 | Mais um cartaz de propaganda Salazarista, desta vez dirigido especificamente às mulheres.

Com a intenção de preparar as jovens mulheres para desempenharem a sua missão natural, o governo cria em 1937 a Obra das Mães pela Educação Nacional (que mais tarde seria encarregue da criação da Mocidade Portuguesa Feminina).⁹⁴ Deste modo, o ideal salazarista da mulher ideal e perfeita poderia ser ensinado a todas as meninas e jovens raparigas para que, desde cedo, soubessem cumprir os seus deveres e funções enquanto mulheres do Estado Novo.

⁹³ «Conceitos económicos da nova Constituição» — Discurso radiodifundido da U. N., em 16 de Março de 1933, in Salazar, *Antologia, 1909-1966*, vol. I, Coimbra Editora, 1966, p. 183 *Apud* PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, p. 28.

⁹⁴ PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, p. 29.

1.2.1 MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA E OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Foi pelas mãos do Ministro da Educação Nacional, Carneiro Pacheco (1887-1957), a 8 de Dezembro de 1937, que surgiu a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) – organização cujo objectivo era trabalhar numa formação correcta e completa das raparigas portuguesas, de modo a que estas pudessem vir a cumprir, em pleno, a sua missão de esposas, mães e mulheres de família⁹⁵ – no seguimento da já instituída Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN).⁹⁶ Segundo o ministro, a educação da mulher portuguesa devia incluir “uma verdadeira formação moral” que lhe pudesse dar “uma superioridade na educação dos filhos” para além de a habilitar “para a acção social à roda de si”⁹⁷. Contudo, defendia que “a formação do carácter, o desenvolvimento da capacidade física, a cultura do espírito e a devoção ao serviço social, no amor de Deus, da Pátria e da Família” faziam parte de todo um programa educacional que “excedia as possibilidades da família e da escola”⁹⁸ razão pela qual teria decidido delegar a criação da MPF à OMEN.

A MPF surge como um complemento à, já existente, Mocidade Portuguesa (MP), destinada somente aos rapazes. Esta organização “propunha-se formar os seus membros adolescentes e juvenis nos exercícios do corpo e na preparação de serviços milicianos e transmitir-lhes o amor da Pátria, da sua história e da sua missão na humanidade, [...] os princípios da família, autoridade, ordem e propriedade, a firmeza das crenças próprias e o respeito das alheias e a disposição de servir a Nação.”⁹⁹

⁹⁵ ARRIAGA, Lopes – **Mocidade Portuguesa – Breve História de uma Organização Salazarista**. Lisboa, 1976, p. 115.

⁹⁶ A OMEN, criada a 18 de Maio de 1936 era uma organização de filiação voluntária que tinha por objectivos “estimular a acção educativa da Família, assegurar a cooperação entre esta e a Escola e preparar melhor as gerações femininas para os seus futuros deveres maternos, domésticos e sociais” – PIMENTEL, Irene Flunser – Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina. **Estudos de Género e a Mulher no Espaço Lusófono e na Diáspora**. [Em linha/Online]. Nº 3 & 4 (2007), p. 19-43. [Consult. 10 Jul. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/campussocial/article/view/222/131>>.

⁹⁷ PIMENTEL, Irene Flunser – **História das Organizações...**, p. 202.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 196.

Porém, a já sentida e habitual desvalorização e inferiorização das mulheres e do seu papel por parte deste regime opressivo, vem também a sentir-se na maneira como a MPF é tratada e reconhecida. Esta organização mal é referida na propaganda da época, embora tenha sido um importante contributo para a formação ideológica e moral de inúmeras raparigas portuguesas ao longo dos 36 anos em que esteve a funcionar.

Irene Pimentel diz-nos, num tom sarcástico e acusatório:

“Ao governar Portugal como uma dona de casa e ao identificar-se com as mulheres solteiras, ou de marido ausente, as senhoras e as mulherzinhas, as mulheres sem outro desejo do que governar a casa ou de colaborar com o regime, o Chefe ter-se-ia, assim apresentado como uma mulher que, embora com um estatuto superior às outras, executa as mesmas tarefas que elas.”¹⁰⁰

Deste modo Salazar tentava iludir as raparigas e as mulheres portuguesas, colocando-se ao mesmo nível delas, e fazendo-as acreditar num regime igualitário e em seu favor.

A MPF considerava que a sua acção era dotada de um “alto sentido da missão feminina, da dignidade e da responsabilidade cristãs, e da consciência patriótica e nacionalista”¹⁰¹ nunca esquecendo que o seu objectivo seria formar mulheres cristãs e portuguesas. Para isso a MPF adoptava como actividade principal a formação moral e social, com o intuito de formar mentalidades, ditas, especificamente portuguesas¹⁰². Nesta formação, era encorajado o culto das glórias passadas e a “fidelidade aos grandes ideais e consciência de responsabilidade perante a comunidade nacional”¹⁰³ chegando a transformar-se numa obsessão doentia.

Em seguida, e quase com o mesmo grau de importância, aparece a formação moral e religiosa que se aliava à formação moral e nacionalista. Aqui, a Mocidade encarregava-se de se manter fiel e de seguir o sentimento religioso nacional e de ensinar às suas raparigas o alto ideal da perfeição feminina encarnado pela Virgem.

¹⁰⁰ PIMENTEL, Irene Flunser – *op. cit.*, p. 15.

¹⁰¹ ARRIAGA, Lopes – **Mocidade Portuguesa – Breve História de uma organização salazarista**. Lisboa, 1976, p. 120.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *Ibidem*.

Todas as raparigas teriam de renovar, anualmente no Dia da Imaculada, a sua consagração a Maria revelando assim a sua vontade de ascender ao seu nível de perfeição.¹⁰⁴

A MPF estava organizada em quatro escalões que dividiam as raparigas tendo em conta as suas idades – Lusitas, Infantas, Vanguardistas e Lusas – e em três destes quatro escalões encontramos, entre outras, disciplinas relacionadas com a organização e aperfeiçoamento da vida doméstica, indo, mais uma vez, ao encontro do ideal de mulher da época. No escalão das Infantas (dos 10 aos 14 anos) temos a disciplina de Higiene – pessoal e da habitação – e Economia Doméstica, relacionada com o arranjo da casa. No escalão seguinte, o das Vanguardistas (dos 14 aos 17 anos) ensinava-se Economia Doméstica, desta vez focado no arranjo da roupa. Finalmente, às Lusas (dos 17 aos 25 anos) ensinava-se Higiene, Economia e Arte no Lar, Culinária e Indústrias Caseiras¹⁰⁵.

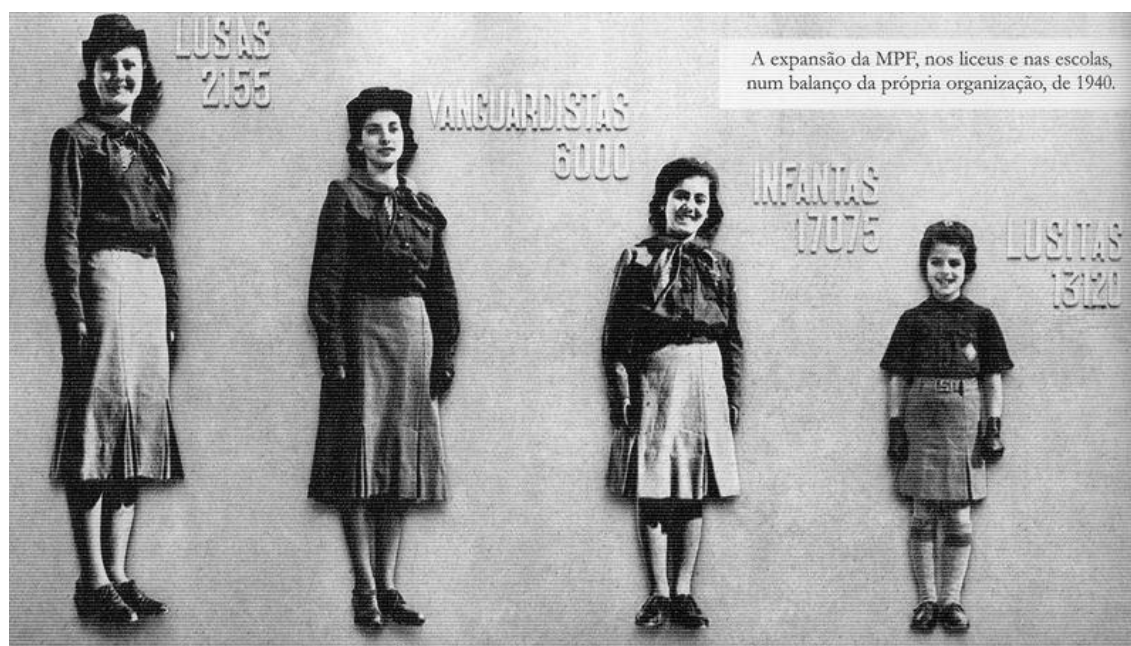


Fig. 3 | Exemplo visual dos escalões da MPF.

Deste modo, toda a educação social prestada às filiadas tinha como objectivo cultivar nelas “a previdência, o trabalho colectivo, o gosto da vida doméstica e o de servir o Bem Comum”¹⁰⁶.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 122, 123.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 142.

Como complemento e auxiliar desta educação feminina, é criado *O Ideário da Rapariga* que se assume como um manual indispensável a todo este processo de aprendizagem. Dividido em diversos capítulos, pretende dar às jovens raparigas portuguesas os conhecimentos necessários para que possam crescer e tornar-se mulheres cultas e capazes. No entanto, Maria Joana Almeida afirma-nos nas suas palestras proferidas nos encontros da Mocidade Portuguesa Feminina que “o ideário não surge como uma força com que vamos moldar as nossas raparigas. Se alguém tiver este receio, que o ponha à margem. Porque nós cremos e queremos que, acima de tudo, elas sejam livres, que se sintam livres, para aderir a ou a recusar estes princípios que constituirão o Ideário. Mas, porque sabemos que elas só serão plenamente livres, quando escolherem a verdade [...] porque sabemos que elas só escolherão a verdade quando se apaixonarem por ela e só se apaixonarão por ela quando a conhecerem – por tudo isto nós havemos de lhes mostrar a verdade.”¹⁰⁷

¹⁰⁷ ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de – **A Mocidade Portuguesa Feminina e o Ideário da Rapariga Portuguesa**. Palestra proferida nos Encontros de Dirigentes da M.P.F. realizados em 24 de Fevereiro, 15 de Abril e 5 de Maio de 1963, pp. 11-12.

1.3 MARIA LAMAS E “AS MULHERES DO MEU PAÍS”

Em 1948, após um longo estudo por todo o país, Maria Lamas (1893 – 1983) publica uma das suas obras mais marcantes – *As Mulheres do Meu País*. Ao longo das suas 532 páginas, Maria Lamas faz-nos um retrato, por vezes rígido e cru, da realidade feminina de então.

Neste livro, as mulheres são caracterizadas ao longo de 10 tópicos diferentes, consoante a sua profissão, ocupação diária ou modo de vida – a camponesa, a operária, a mulher da beira-mar, a mulher da beira-rio, empregadas e profissionais, indústrias caseiras, diversas ocupações da mulher do povo, a mulher doméstica, a intelectual e a artista.

Uma das ocupações mais comuns em Portugal, a par com a operária e a camponesa (e pertinente de ser mencionada neste trabalho), era, naturalmente, a de doméstica, apesar de Maria Lamas nos dizer que “No povo não há, praticamente, mulheres domésticas” e que “todas trabalham, mais ou menos, fora do lar”¹⁰⁸. À sua maneira, mesmo as mulheres do povo que eram obrigadas a trabalhar para poderem ajudar ao sustento da sua família, acabam por se transformar em domésticas durante uma boa parte do seu dia.

A doméstica seria a mulher sem qualquer profissão nem distinção de classe. Assim sendo, estas mulheres podem ser encontradas nas mais variadas situações familiares e de habitação, “desde as que passam privações e fazem prodígios de economia para manter a família com o ordenado ou salário do marido, pai ou irmão, até àquelas que vivem desafogadamente, sem avaliar sequer o esforço que representa, talvez, a centenas ou milhares de pessoas, o conforto e as facilidades que usufruem.”¹⁰⁹ Apesar disto, Maria Lamas diz-nos que o importante aqui não é a condição em que a mulher vive mas sim a influência que a vida doméstica tinha nestas pessoas.

Geralmente, a mulher doméstica vive apenas para o seu lar e para os problemas que lá possam surgir, raramente dando importância ou sequer mostrando

¹⁰⁸ LAMAS, Maria – *As Mulheres do Meu País*. Lisboa, 1948, p. 447

¹⁰⁹ *Ibidem*.

interesse para com qualquer outro assunto social, nacional ou internacional. Toda esta ignorância, desinteresse e distanciamento do mundo exterior, em conjunto com “o sentido de dependência que se infiltra até ao subconsciente da mulher deformam profundamente a sua mentalidade e inferiorizam-na sob muitos aspectos contribuindo muito para a sua infelicidade.”¹¹⁰

Estava-se então perante uma de duas situações. Numa primeira instância observa-se uma mulher que aceita submissamente as circunstâncias que a vida lhe deu, cumprindo assim o seu papel de mulher perfeita e dedicada ao lar e à família, mas que acaba por cair numa apatia e indiferença espiritual e intelectual. É uma mulher que cumpre as suas tarefas domésticas e se move apenas “entre as graves preocupações do orçamento caseiro, as compras, as limpezas, o arranjo das roupas, as refeições que é preciso ter prontas a horas certas, as doenças dos filhos e as mil pequenas coisas, sempre iguais e sempre enervantes que lhe encham o dia.”¹¹¹ Por outro lado, temos a mulher que não se consegue submeter à vida doméstica com tanta facilidade, nem tão pouco esquecer as suas ambições criando nela uma revolta interior que a entristece e aborrece “tornando-lhe a vida num constante suplício.”¹¹² Este isolamento existencial da mulher à vida doméstica, sem qualquer tipo de realização pessoal, fazia com que ela se sentisse desvalorizada e infeliz ao contrário do que se pensaria na altura.

Como já foi referido antes, a mulher portuguesa é essencialmente doméstica, muito por “atavismo e por educação”¹¹³. O seu desinteresse pelos problemas da vida nacional e mundial é comum mesmo a muitas das mulheres que exercem profissões e que têm cursos superiores. Este distanciamento dos assuntos sociais, do país e do mundo, é um elemento caracterizador da falta de consciência política das mulheres portuguesas do início do século XX e também da “incompreensão e desunião que existe entre aquelas que poderiam e deveriam procurar, em conjunto, estudar e resolver os problemas de todas.”¹¹⁴

Contudo, é importante referir que o facto de uma mulher ser doméstica, não significava que passasse todo o seu tempo em casa a cuidar da sua vida familiar. Ao

¹¹⁰ *Ibidem.*

¹¹¹ *Ibidem.*

¹¹² *Ibidem.*

¹¹³ *Ibidem*, p. 448.

¹¹⁴ *Ibidem.*

contrário das mulheres com menos, ou nenhuma, posses que eram forçadas a fazer o seu trabalho doméstico, “a maioria das que não têm qualquer emprego só permanece no lar o tempo indispensável, tendo geralmente menos consciência das suas responsabilidades e da importância de uma boa organização doméstica, que as outras, com deveres profissionais.”¹¹⁵ As mulheres mais abastadas passam os dias nos cafés, nas compras ou em visitas e passeios com amigas. Sendo mulheres sem qualquer profissão ou ocupação, são consideradas domésticas e, como tal, dedicadas somente aos seus lares embora não fosse essa a realidade.

O problema maior residia na mulher doméstica de classe média. A sua vida desenrola-se sempre na mesma monotonia que acaba por fazer com que ela perca o gosto em si própria, sempre absorpta nos problemas familiares e domésticos. Aliado a tudo isso, ainda podemos referir a dificuldade com que se realizavam algumas tarefas domésticas sem o conforto e facilidades de diversos produtos e equipamentos modernos.

“Que é feito dos sonhos da juventude: um amor apaixonado, uma casinha risonha, uma existência feliz?”¹¹⁶

¹¹⁵ *Ibidem.*

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 450.

2. BREVE HISTÓRIA DA HABITAÇÃO

“A habitação tem sido sempre uma das maiores preocupações em todos os tempos. Além de constituir uma das necessidades mais imperiosas na vida dos povos, ela representa também uma das mais legítimas e arreigadas aspirações de toda a gente, seja qual for a sua condição social.”¹¹⁷

Desde os primórdios da vida humana, que o Homem procura espaços onde se possa abrigar, descansar em segurança e viver confortavelmente. Durante gerações, a casa onde o Homem habitava e se protegia das intempéries e outros perigos, não era mais que um “rudimentar abrigo”¹¹⁸. As primeiras comunidades de caçadores-recolectores agrupavam-se, geralmente, em pequenos abrigos em torno de um espaço aberto e, para se manterem em segurança, defendiam esse espaço com vedações compostas por espinheiros.¹¹⁹

Esta necessidade de protecção colectiva e, eventualmente, de um modo mais privado, foi aumentando e, por consequência, evoluindo para o que hoje concebemos como habitação – a nossa casa.

“A habitação é a sede da vida íntima do homem, o seu senhorio e domínio, o lugar, o abrigo e o refúgio onde repousa do movimento e do bulício exaustivo da vida quotidiana e colectiva.”¹²⁰

Como nos diz M. Ferreira de Mira (ob. 1929), “Passa-se em casa pelo menos metade da vida [...] e isso justifica que dediquemos especial atenção à higiene e ao conforto do lar.”¹²¹ Deste modo, não só a construção da casa é importante, como também o seu interior e organização, e todos os equipamentos e tecnologias necessárias para que o Homem possa viver uma vida confortável, saudável e segura.

Foram sobretudo as revoluções tecnológicas e de materiais de construção que fizeram com que a habitação evoluísse, e continue a evoluir, para aquilo que

¹¹⁷ TAVARES, Edmundo – **A Habitação Portuguesa – Casas Modernas**. Lisboa, 1951, p. 17.

¹¹⁸ CABIDO, José Jacob – Reflexões sobre o interior doméstico: as mentalidades e os espaços. Lisboa, 1994, p. 12.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 20.

¹²⁰ TAVARES, Edmundo – *op. cit.*, p. 17.

¹²¹ MIRA, M. Ferreira de – **A Nossa Casa (Higiene do Lar)**. Lisboa, 1949, p. 5.

conhecemos hoje. Em termos de materiais, o ferro e o betão deram aso a construções mais seguras contra as inclemências naturais. Por outro lado, a electricidade garantiu uma iluminação apropriada e constante, o gás providenciou aquecimento de qualidade, não só para as pessoas mas também para os alimentos, e a água canalizada deu lugar a uma manutenção facilitada e melhorada da higiene pessoal e da casa.¹²²

Qualquer pessoa, independentemente do seu estatuto social, anseia por ter uma casa, um lar, onde se possa sentir protegida e confortável e com coisas a que possa chamar suas. A realização da compra ou do aluguer de um espaço para viver, dá origem a um sentimento de satisfação e de realização o que contribuirá para uma vida melhor.

“Moramos. Se não morássemos, não podíamos viver. Estaríamos desprotegidos, sem o amparo de uma casa. Excluíamos um mundo sem centro. A nossa morada é o centro dos mundos. Dela penetramos no mundo, para logo regressar a ela.”¹²³

Deste modo, e tendo em conta a constante evolução que presenciamos no tempo presente, o problema da habitação pode ser definido como um “problema mutável, um problema de evolução contínua.” Assim, a sua solução nunca será uma “solução uniforme, geral e igualitária.”¹²⁴

A construção de uma casa terá sempre diversas condicionantes e particularidades começando pelo arquitecto que a concebe, continuando pelo terreno onde se erguerá e pelo ambiente em que se enquadra assim como pelos materiais usados e pelo morador final que nela habitará.¹²⁵

Assim, pode considerar-se que “a casa é o espelho da alma”¹²⁶. São as pessoas que a habitam que fazem com que uma casa se transforme num lar. As suas características pessoais estão expressas por toda a casa, por vezes involuntariamente. Afirma um autor de 1940:

¹²² CUNCA, Raul – **Territórios Híbridos**. Lisboa, 2006, p. 23.

¹²³ FLUSSER, Vilém – **Filosofia del Diseño**. Madrid, 2002, p. 147 *Apud* CUNCA, Raul, *op. cit.*, p. 20.

¹²⁴ TAVARES, Edmundo – *op. cit.*, p. 21.

¹²⁵ TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. Porto, 1982, p. 35.

¹²⁶ MATOSO, José (dir.) – **História da Vida Privada em Portugal – A Época Contemporânea**. Lisboa, 2010, vol. 3, p.23.

“Uma casa é matéria plástica que o espírito do seu habitador amolda à sua imagem e semelhança com mãos do artista conformam e afeiçoam o barro a uma ideia. A alma de uma casa é a alma da pessoa que nela vive – e por isso uma casa vazia dá quase sempre a impressão de um cadáver, sem corpo nem alma.”¹²⁷

Não obstante, “a casa nem sempre terá sido considerada um ‘lar’”.¹²⁸ A questão da privacidade e da vida íntima era, muitas vezes, posta de lado – por necessidade – pelas famílias menos abastadas, para quem as casas não passavam somente de um abrigo do mundo exterior. Preocupações de saúde e higiene não existiam no seio destas habitações. Famílias inteiras viviam em pequenas casas, desprotegidas dos olhares do exterior sem qualquer divisão do espaço interior e, conseqüentemente, sem qualquer privacidade ou conforto.

Em Portugal, esta situação estendeu-se durante bastante tempo – até à década de trinta¹²⁹ – assunto que será abordado e aprofundado no capítulo seguinte.

¹²⁷ Identidade desconhecida, Panorama. Apud MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 23.

¹²⁸ ENCARNADO, Ana Sofia Marques – Interiores Domésticos e Mobiliário Social no Contexto Português. Lisboa, 2011, p.42.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 43.

2.1 A CASA PORTUGUESA

Quando falamos do nosso país, quer em termos de arquitectura, quer em termos de mobiliário, é difícil, por vezes, definir um estilo determinantemente português. Durante o século XVIII e início do século XIX, pode-se observar uma amálgama de estilos, maioritariamente de influência francesa, e torna-se, assim, difícil caracterizar a casa portuguesa.

É com a evolução da habitação que se delimita a separação da vida privada da esfera pública. A casa, antes vista somente como abrigo e protecção do mundo exterior, passou a ser considerada como um “muro da vida privada” e, deste modo, passou a servir de refúgio “aos actos mais recônditos” e passou também a ser o local “onde cada um procurava realizar a sua felicidade individual e concretizar os seus desejos e aspirações”¹³⁰ estando, ao mesmo tempo, protegido dos olhares e julgamentos alheios. É então, deste modo, que se dá o “nascimento do íntimo”¹³¹.

Podemos falar na habitação como um espaço que desempenha várias funções. Primariamente, a casa é um lugar recôndito, privado, “sede da vida íntima, que se procura proteger contra os olhares indiscretos”¹³² e é também um espaço confortável e protector, como já foi anteriormente referido. É ainda na habitação que ocorre toda a vida familiar. Assim, ainda se pode dizer que a casa funciona “como um espaço de convivência e de relação social”¹³³.

A qualidade da habitação foi progredindo bastante ao longo dos tempos, quer ao nível estético como ao nível de conforto e higiene, consoante as novidades tecnológicas e de construção que iam surgindo.

No entanto, antes desta evolução, podiam-se observar diversos problemas graves nas habitações, principalmente da camada mais pobre da população – camponeses e operários. Geralmente, todas as descrições encontradas sobre os espaços domésticos de então – séc. XIX – referem os mesmos tipos de falhas: “superlotação do espaço, falta de ar e de luz natural, acumulação de detritos e

¹³⁰ MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 22.

¹³¹ *Ibidem.*

¹³² *Ibidem* p.23.

¹³³ *Ibidem.*

sujidade (por escassez de água e por falta de recolha dos lixos domésticos), habitação degradada (devido aos factores anteriores e [...] da utilização de materiais de má qualidade.”¹³⁴

“A canalização impossível e irremediavelmente condenada por todas as prescrições da ciência, e aglomeração da população em imundas mansardas, que são a irrisão de todos os preceitos da higiene, fornecem à estatística da mortalidade alguns algarismos assustadores.”¹³⁵

“[em relação às casas de Lisboa] quando se observam em seus interiores, acham-se mal divididas, com poucas e insignificantes acomodações, com pequenas salas e quartos, e com os despejos dentro, e as traseiras faltas de luz, o que as torna doentias. Os estreitos saguões lhes empatam o ar e a luz; o que junto aos vapores, que os ventos trazem do mar pelos canos, principalmente reinando o vento sul origina ou agrava muitas moléstias” ¹³⁶

Ao analisar estes dois excertos, retirados de duas publicações distintas, poder-se-ia pensar que seriam do mesmo ano. No entanto, têm entre si 40 anos de diferença. As habitações da cidade de Lisboa aparentavam ser bem construídas, com as suas fachadas elegantes, mas a realidade era bem diferente. A grande maioria delas apresentava muitos defeitos e privações no seu interior, como descrito nestes excertos. Só mais tarde, e com a evolução das canalizações, é que estes problemas começaram a ser solucionados.

Ainda durante o século XIX, vários autores estrangeiros escreveram sobre o modo de vida dos portugueses em Lisboa. Charles Vogel em 1860 reforçava a pobre organização interior das casas portuguesas:

“há falta de adegas, de chaminés e de fogões [...] O mobiliário das casas burguesas é de uma extrema simplicidade. [...] gosta-se muito de móveis de madeira de jacandar. Os espelhos são raros.

¹³⁴ *Ibidem* p. 30.

¹³⁵ *Ilustração Universal*, 26 de Julho de 1884 *Apud* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 31.

¹³⁶ *Revista Universal Lisbonense*, 14 de Novembro de 1844. *APUD* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 31.

Os cortinados [...] um luxo. [...] A cozinha é de uma grande frugalidade.”¹³⁷

Dezanove anos mais tarde, em 1879, Maria Rattazzi (Abril 1831 – Fevereiro 1902), em visita a Portugal, alerta para o desprezo quase total que a população portuguesa dava ao mobiliário. Este mobiliário limitar-se-ia então “a um canapé” na sala de visitas e “dois *fauteuils* e cadeiras de palhinha”. Nos quartos o mobiliário resumir-se-ia a “uma cama de ferro, dois colchões com palha batida e dura, uma mesa de cabeceira e uma cadeira” e nas salas de jantar nada mais que “uma mesa de madeira ordinária, algumas cadeiras de palhinha e um guarda-louça envidraçado”. Nas cozinhas, Maria Rattazzi descreve-nos a mesma falta de fogões já mencionada por Charles Vogel e acrescenta somente a presença de “alguns fogareiros de barro, tachos também de barro, alguns poucos utensílios e a tradicional pia para os despejos.”¹³⁸

Apesar de tudo isto houve, de facto, um grupo de arquitectos, urbanistas e ideólogos que lutaram contra o que se pode chamar de “desnacionalização da habitação portuguesa”.¹³⁹ A ideia seria encontrar um equilíbrio harmonioso entre o presente e o passado que enobrecesse a “boa tradição”¹⁴⁰ sem nunca deixar de parte todo o conforto necessário.

“Se procurarmos nacionalizar o interior da nossa habitação sem o privar daquele ar de conforto próprio das casas do nosso tempo, não precisamos de recuar até à época de D. João. V. Desde o reinado de D. Maria I que as decorações usadas, em geral mais discretas que nas épocas precedentes, se coadunam perfeitamente com o mobiliário adequado aos hábitos da nossa vida actual.”¹⁴¹

Foi durante o século XIX, de um modo bastante lento e comedido, e, sobretudo, durante o século XX, de uma maneira já mais rápida e tecnologicamente avançada, que se deu um maior desenvolvimento do conforto doméstico. A evolução tecnológica trouxe uma série de novidades que revolucionaram a qualidade de

¹³⁷ VOGEL, Charles – **Le Portugal et ses Colonies (1860)**, 2009 *Apud* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 46.

¹³⁸ RATAZZI, Maria – **Portugal à Vol D’oiseau**, 1879 *Apud* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 46.

¹³⁹ MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 46.

¹⁴⁰ *Ibidem.*

¹⁴¹ Ilustração, Lisboa : 16 de Janeiro de 1926. *Apud*. MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, pp. 46,47.

vida – “a água canalizada, a iluminação a gás e electricidade, aquecimento a carvão [...], equipamento doméstico (em especial electrodomésticos), instalações destinadas à higiene pessoal (entre as quais a casa de banho).”¹⁴²

No final do século XIX é publicado um livro, somente para distribuição gratuita entre famílias, que descrevia vários aspectos importantes, a ter em conta, da economia doméstica, de modo a contribuir para uma vida saudável, confortável e feliz. Entre assuntos como a higiene pessoal, confecção de alimentos e tratamento de doentes, encontramos alguns capítulos focados na organização da casa e da mobília. Dizem-nos assim, Arthur Newsholme e Margarida Leonor Scott, em 1893, que, ao comprar mobília, é preciso ter em conta os recursos que se tem e advertem para os chamados conjuntos de “mobília completa” que serviriam apenas para casas maiores e seriam bastante caros quando tinham qualidade. As “imitações baratas” deveriam ser descartadas pois “o estofado rompe-se, a madeira empena e o folheado estala.”¹⁴³



Fig. 4 | Exemplo de guarda fatos estilo D. João V.

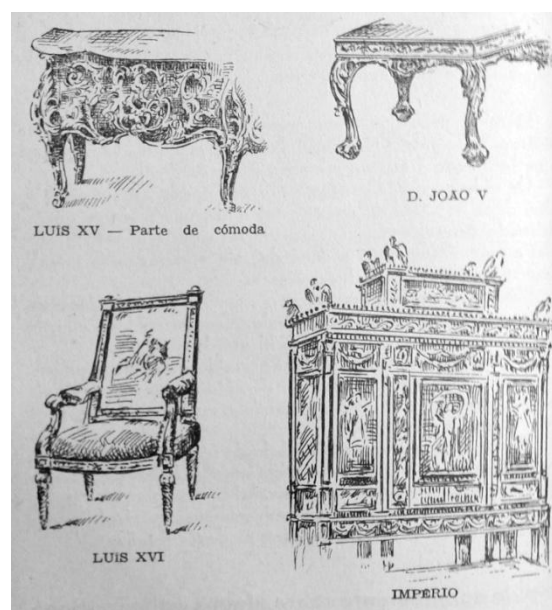


Fig. 5 | Ilustrações de exemplos de móveis de diversos estilos.

¹⁴² Idem p. 48.

¹⁴³ NEWSHOLME, Arthur ; SCOTT, Margarida Leonor – **Economia Doméstica com os preceitos de hygiene applicados à vida e arranjos de casa**. Lisboa, 1893, p. 169.



Fig. 6 | Avenidas Novas em construção.



Fig. 7 | Av. da Republica, 1908.

“O ano de 1900 constitui um ponto de charneira na história da arquitectura portuguesa.”¹⁴⁴ É nesta altura que se dá a expansão burguesa das Avenidas Novas e que se começa a ver a aplicação dos novos materiais em ambientes urbanos. No entanto,

mesmo no início do século XX, e com as inovações desenvolvidas até então, Portugal continuava a ser considerado como um país rural.¹⁴⁵ Foi somente depois da primeira Guerra Mundial que o mobiliário moderno se começou a propagar no nosso país. Temos, como exemplo disso, os divãs com toque oriental e os “maples” vindos de Inglaterra.¹⁴⁶

É então que, finalmente, se define o tão desejado “estilo português” que de novo, afinal, nada trazia. Este estilo resumir-se-ia a um revivalismo historicista de épocas passadas e que em nada modernizava nem revitalizava a indústria artística.

É pelas mãos de Raul Lino (1879-1974) que surge a luta e a tentativa de construção e implementação de uma “casa portuguesa” que serviria como uma manifestação física do “pensamento e do sentir português”.¹⁴⁷ Raul Lino lutava contra a arquitectura moderna que dizia ser monótona e desinteressante¹⁴⁸ e defendia um tipo de criação e construção mais orgânica e adequada à função desejada. Opunha-se ao típico academismo francês e, por outro lado, opunha-se também à modernidade e à industrialização, conduzindo assim uma busca muito

¹⁴⁴ PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa, 1995, vol. 3, p. 508.

¹⁴⁵ ENCARNADO, Ana Sofia Marques – *op. cit.*, p. 110.

¹⁴⁶ MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 47.

¹⁴⁷ PEREIRA, Paulo (dir) – *op. cit.*, p. 514.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

própria e individualista em relação à arquitectura ideal e à desejada casa portuguesa.

Todos estes revivalismos históricos encontram um fim no final dos anos 20. Com a chegada das novas técnicas, dos materiais industrializados e de uma linguagem construtiva modernista¹⁴⁹, ocorreu uma grande quebra no que dizia respeito a uma estética antiquada e revivalista.

No entanto, nos anos 40, e com o governo do Estado Novo no auge, acaba-se com a modernidade em prol de um “nacionalismo vigoroso [de modo a] acompanhar [a obra do Governo] com a necessária elevação e patriotismo”¹⁵⁰ como nos diz António Ferro (1895-1956).

Durante os anos 50 dá-se uma maior evolução em relação ao espaço de habitar, em particular na conceptualização espacial. É através desta habitação, cada vez mais renovada e melhorada, que se define, cada vez com mais clareza e precisão, a teoria funcionalista.

Seguindo esta linha funcionalista, Edmundo Tavares (1892-1983) diz-nos, em 1951, como se deveria dividir e organizar uma casa apropriadamente construída. A casa devia, então, estar dividida em quatro zonas distintas: zona de recepção, zona íntima, zona de serviço e zona de habitação dos serventes da casa. Para isto, o autor do projecto teria de ter em conta não só a construção da casa em si, mas também um entendimento de toda a vida interior da casa para a poder avaliar intimamente.¹⁵¹ Esta linha de pensamento, embora mais funcionalista, ainda vai de encontro às ideologias estipuladas por Raul Lino em anos anteriores, no que diz respeito ao entendimento da casa e do ambiente, assim como ao “amor pelo fazer” contrariando a estandardização e o automatismo nas construções.

No seguimento de todas as evoluções iniciadas nos anos 50, é na década de 60 que o espaço habitacional recebe uma série de inovações, quer formais quer espaciais. Estas inovações resultam directamente dos novos princípios

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 517.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 525.

¹⁵¹ TAVARES, Edmundo – *op. cit.*, p. 28.

urbanísticos originados no centro da Europa, por via da Carta de Atenas¹⁵². Entre eles temos, por exemplo, o aparecimento das *kitchenettes* – que respondia a uma necessidade de misturar o espaço de serviço com a sala – e ainda o:

“desenvolvimento do fogo em dois ou mais pisos (o duplex) [...] Institucionaliza-se, pois, pelos anos 60 e 70, o modelo da «máquina de habitar» pensada e propagandeada por Le Corbusier, em blocos de muitos pisos, com galerias de serviço[...]”.¹⁵³

¹⁵² Manifesto urbanístico escrito por Le Corbusier em 1933, aquando do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM). Este manifesto, base da expressão do Movimento Moderno, influenciou grandemente o planeamento urbanístico, a nível mundial, depois da Segunda Guerra Mundial.

¹⁵³ FERNANDES, José Manuel – **A Arquitectura**. Lisboa, 1991, p.90.

3. A COZINHA INTERNACIONAL NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

“Meal machine, experimental laboratory, status symbol, domestic prison or the creative and spiritual heart of the home? Over the course of the past century no other room has been the focus of such intensive aesthetic and technological innovation, or as loaded with cultural significance. Kitchen design has been both a central concern of modernism and fundamental to our concept of modern life.”¹⁵⁴

A inovação tecnológica que se deu em conjunto com a evolução dos combustíveis, e a sua disponibilidade no espaço doméstico, fez com que o espaço habitacional se revolucionasse e com que os hábitos domésticos, por consequência, também se alterassem. Estas alterações são principalmente visíveis nos Estados Unidos pois “a América, nestes anos [segunda metade do séc. XIX], era [...] um lugar propício à instigação da criatividade inventiva e à sua aplicação nos objectos utilitários”.¹⁵⁵

A chamada cozinha moderna surgiu no final do século XIX, nos Estados Unidos, como resultado de campanhas para uma reforma sanitária e social¹⁵⁶, para além das já referidas inovações tecnológicas e aumento dos serviços públicos.

Com a introdução destes novos aspectos, algumas das dificuldades anteriores foram ficando para trás mas novas questões se levantaram, tais como problemas de organização de espaço, e foi posta em causa a eficiência da realização das tarefas domésticas. Assim, na segunda metade do século XIX, face a estes problemas encontrados pelas mulheres durante o seu trabalho enquanto donas de casa, começam a surgir propostas racionais para uma melhor organização do

¹⁵⁴ KINCHIN, Juliet [et. al.] – *Counter Space – design + the modern kitchen*. [Consult. 5 Mai. 2011]. Disponível em WWW : <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space> *Máquina de refeições, laboratório experimental, símbolo de status, prisão doméstica, ou o coração criativo e espiritual da casa? Ao longo do século passado, nenhuma outra sala foi foco de uma inovação estética e tecnológica tão intensiva ou tão carregada de significados culturais. O projecto da cozinha tem sido uma preocupação central do modernismo fundamental para o nosso conceito de vida moderna.* (Tradução livre)

¹⁵⁵ CUNCA, Raul, *op. cit.*, p. 88.

¹⁵⁶ LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott – **The Bathroom, The Kitchen and the Aesthetics of Waste**. Massachusetts, 1992, p. 41.

espaço doméstico.¹⁵⁷ Estas propostas não só visavam uma melhoria da “engenharia doméstica”¹⁵⁸ como também serviam para afirmar e reforçar a ideia de uma mulher moderna e emancipada.

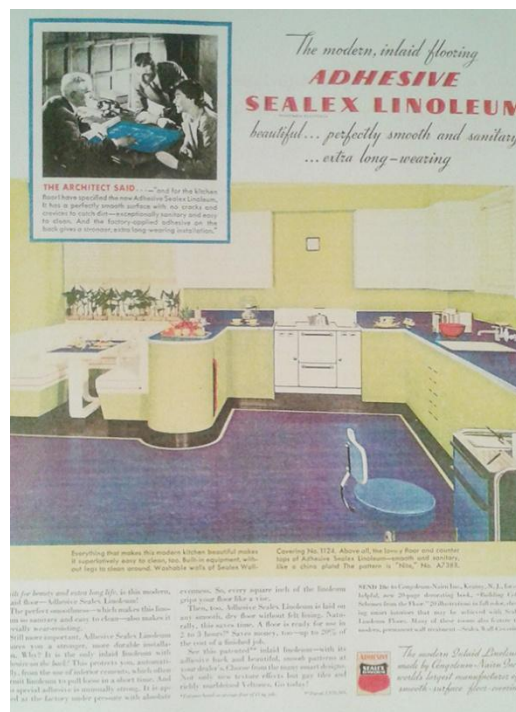
Adicionalmente aos estudos desenvolvidos por estas mulheres, a evolução e progresso dos aparelhos domésticos foram também um factor determinante para que o espaço habitacional – em particular o da cozinha – se modernizasse e evoluísse para algo semelhante àquilo que conhecemos hoje.

Um dos aspectos mais importantes que contribuiu para a transformação dos utensílios utilizados na cozinha, tem a ver com a introdução de fogões, a carvão ou a lenha, em substituição da confecção em grandes lareiras de fogo aberto. Esta inovação fez com que os objectos para a preparação das refeições, ou aquecimento de líquidos, fossem renovados e adaptados à nova fonte de calor, apresentando agora bases planas e pegas para poderem ser manuseados.¹⁵⁹

Mais tarde, já no final dos anos 30 do séc. XX, é largamente adoptado um conceito de cozinha denominado de *cozinha contínua*.¹⁶⁰ Este conceito pretende fundir a arquitectura da cozinha com o mobiliário, criando assim um espaço limpo e depurado onde armários, bancadas e equipamentos se unem harmoniosamente em dois planos horizontais e paralelos. Com esta *continuidade*, pretendia-se unificar a sequência de tarefas a levar a cabo na cozinha, passando por todas elas sem quebras – tal como numa fábrica.

Este anúncio representa o ideal da cozinha contínua. Uma bancada de altura regular une o lava louça, fogão e uma área de refeição casual enquanto que os armários de parede compõem um plano paralelo mas independente.

Fig. 8 | Anúncio de revestimentos de linóleo, 1936.



157 CUNCA, Raul, *op. cit.*, p. 128.

158 *Ibidem*.

159 CUNCA, Raul, *op. cit.*, p. 67.

160 LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott, *op. cit.*, p. 41.

Deste modo, pode-se dizer que o espaço da cozinha é fortemente alterado graças a três mulheres: Catherine Beecher, Christine Frederick e Margarete Schütte-Lihotsky de quem falarei mais adiante de uma forma mais aprofundada. Para além destes três nomes outras mulheres foram dando o seu parecer, no que toca à economia doméstica e eficiência das cozinhas, em artigos publicados em periódicos da altura.



Fig. 11 | Catherine Beecher.



Fig. 10 | Christine Frederick.



Fig. 9 | Margarete Schütte-Lihotsky.

3.1 CATHERINE BEECHER (1800 – 1878) E A COZINHA CONTÍNUA

Tomo como ponto de partida o trabalho de Catherine Beecher, professora e autora norte-americana, que aos 31 anos publica o seu primeiro livro *The Elements of Mental and Moral Philosophy, Founded Upon Experience, Reason, and the Bible*. Como nos diz Raul Cunca, nesta publicação Catherine Beecher começava já a mostrar uma grande preocupação com a defesa dos direitos da mulher americana e valorizava muito as qualidades morais femininas. É-lhe, por isso, concedido o primeiro lugar entre as fundadoras do “Home Economics movement”.

É então, em 1869, com o seu livro *The American Woman's Home*, escrito em co- autoria com a sua irmã Harriet Beecher Stowe (1811 – 1896) que Catherine Beecher nos traz uma nova perspectiva em relação à importância das actividades das mulheres.

Este livro, trata-se de uma versão alargada do *Treatise on Domestic Economy*, publicado em 1841 pela mesma autora, e que foi considerado o primeiro livro moderno que tratava

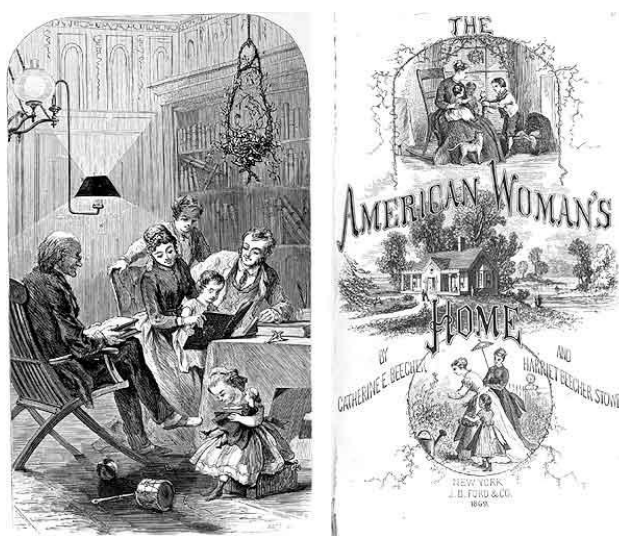


Fig. 12 | Frontispício do livro *The American Woman's Home*.

de assuntos da vivência doméstica a uma escala alargada, completamente consciente da sua importância como instituição social e do facto primordial de que as mulheres deveriam ser treinadas nas actividades práticas da cozinha, da gestão doméstica, do cuidado das crianças e de todas as normas da vida caseira e em comunidade.¹⁶¹

Estas afirmações valeram-lhe rótulos de feminista quando não era esse o seu propósito, sendo ele o de, uma vez mais, valorizar a mulher e o seu papel no espaço doméstico e facilitar o seu trabalho.

¹⁶¹ ANDREWS, Benjamin R. – *Miss Catherine E. Beecher. The pioneer in Home Economics. Journal of home economics*. Vol. 4, nº 3, p. 212. [Em linha/Online]. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pagevieweridx?c=hearth;cc=hearth;rgn=full%20text;idno=4732504_4_003;didno=4732504_4_003;view=image;seq=3;node=4732504_4_003%3A4.1;page=root;size=s;frm=frameset>

Para isso, em *The American Woman's Home*, apresenta uma nova visão melhorada e adaptada a uma melhor vida doméstica para a organização da casa suburbana e para o apartamento de cidade.

A casa suburbana americana desenvolvia-se em três pisos e o seu aspecto mais interessante é a colocação dos equipamentos técnicos e consequentes áreas de serviços no centro da habitação, projectando tudo o resto em seu redor.¹⁶² (Fig. 2) Ao longo de várias páginas, Beecher descreve ao pormenor como deveria ser construída e decorada cada uma das divisões de modo a aproveitar o espaço ao máximo e a reduzir esforços adicionais aquando da realização de tarefas domésticas.

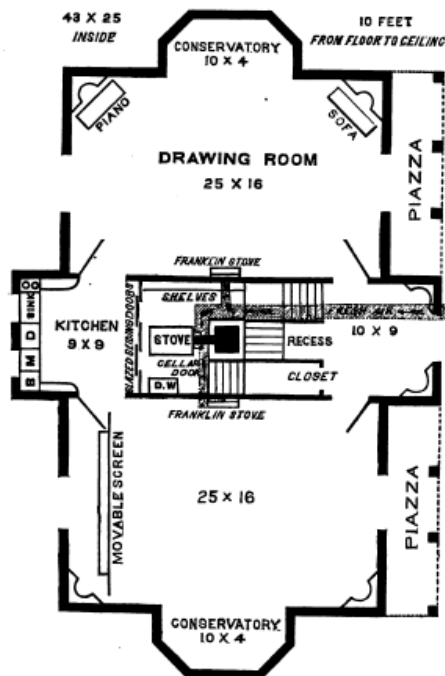


Fig. 14 | Planta do piso térreo da casa suburbana.

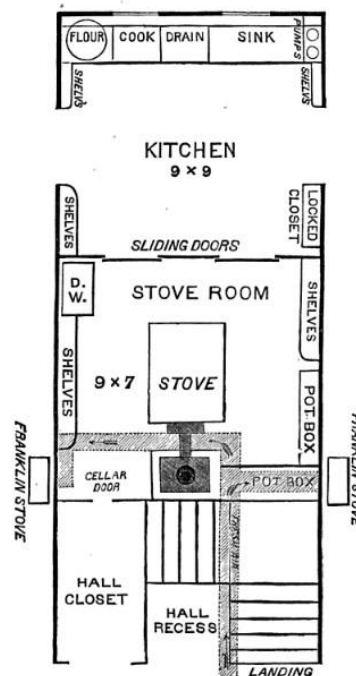


Fig. 13 | Planta da cozinha da casa suburbana.

¹⁶² CUNCA, Raul -*op. cit.*, p. 130.

A autora presta uma especial atenção à área da cozinha, onde propõe um espaço organizado por funções, onde existem locais destinados especificamente para cada actividade. Desaparece a mesa central da cozinha e esta é substituída por uma superfície de trabalho com tampas e gavetas por baixo que se abriam facilmente a partir da bancada de trabalho e onde estavam armazenados ingredientes para a confecção das refeições e utensílios de limpeza, ambos em locais distintos.¹⁶³

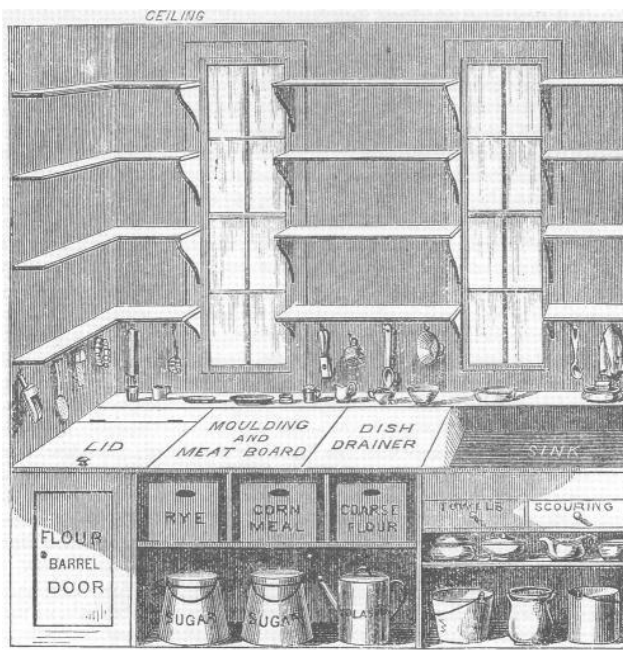


Fig. 15 | Superfície de trabalho para a cozinha desenvolvida por Catherine Beecher.

No mesmo plano de trabalho, desenvolvia-se um local destinado para a preparação e lavagem de alimentos, como a carne e legumes, que através da utilização de dobradiças, se podia rebater sobre o local de colocação de detritos alimentares.¹⁶⁴ (Fig. 4) Por cima deste plano de trabalho existiam duas janelas para ajudar na ventilação da cozinha e na iluminação do espaço.

Perto da bancada estão duas bombas de água, uma para a água do poço e outra para a água da chuva¹⁶⁵, uma vez que não existia ainda água corrente. Como se pode observar na imagem, duas das secções da cozinha actual encontram-se já no mesmo espaço, a secção de armazenamento e conservação dos alimentos e a secção da preparação e limpeza.

Este design é reconhecido como um precursor da *cozinha contínua*, referenciada no capítulo anterior, embora não tenha sido largamente adoptado na altura. Só

¹⁶³ BEECHER, Catherine; STOWE, Harriet Beecher – The American woman's home: or Principles of domestic science. [Em linha/Online]. 1869, p. 20. [Consul. 6 Mai. 2011]. Disponível em WWW : <URL: http://books.google.pt/books/about/The_American_woman_s_home_or_Principles.html?id=Z2AEAAAAYAAJ&redir_esc=y>

¹⁶⁴ FLAMÍNIO, Isabel – O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana. [Em linha/Online]. (s/d) p.254. [Consultado em Maio de 2011]. Disponível em WWW : <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4630.pdf>>

¹⁶⁵ BEECHER, Catherine; STOWE, Harriet Beecher – *op. cit.*, p. 35.

sensivelmente duas décadas mais tarde, nos anos 90 do século XIX, é que móveis de cozinha e mesas que combinavam gavetas e compartimentos específicos para vários alimentos – baldes para a farinha, milho, açúcar, etc. – se tornaram populares nas cozinhas americanas.¹⁶⁶ É então, deste modo, que o conceito de Catherine Beecher de reunir funções de trabalho e de armazenamento numa única peça de mobiliário é levado a cabo.

Quanto ao processo de cozedura dos alimentos, Beecher propunha um espaço à parte, separado da cozinha por portas de correr envidraçadas, uma vez que o fogão era a lenha e assim poderia evitar sujidade e acidentes. Para além de tudo isto, Catherine Beecher chega ao pormenor de enumerar quantos tabuleiros e/ou caixas devem estar presentes por prateleira:

“The articles used for setting tables are to be placed on the shelves at the front and side of the sink. Two tumbler-trays, made of pasteboard, covered with varnished fancy papers and divided by wires (...) save many steps in setting and clearing table. Similar trays, for knives and forks and spoons, serve the same purpose.”¹⁶⁷

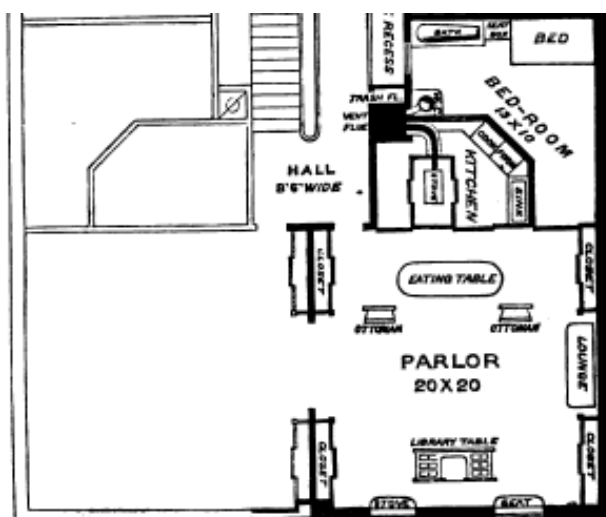


Fig. 16 - Planta do apartamento de cidade de Beecher.

Olhando agora para a proposta de um novo apartamento para a cidade, Beecher apresenta-nos novamente uma casa dividida em três áreas – cozinha, quarto e sala.

A grande novidade que a autora aqui nos traz, em termos da cozinha, é a sua comunicação directa com a sala através de portas de correr – antecipando assim o modelo de “kitchenette”,¹⁶⁸ que a Portugal só

¹⁶⁶ LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott, *op. cit.*, p. 43.

¹⁶⁷ BEECHER, Catherine; STOWE, Harriet Beecher – *op. cit.*, p. 36.

¹⁶⁸ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 132.

chega nos anos 50/60 do século seguinte, como já foi referido antes, revelando assim a sua capacidade de inovação.

A mesa de refeição encontrava-se perto da cozinha e do lavatório de modo a que a distância fosse curta e não requeresse muitos passos para a movimentação das pessoas. Assim, o fogão, que viu o seu compartimento reduzido e, como tal, integrado no espaço da cozinha, o lavatório, os utensílios de cozinha e a mesa de jantar estavam todos muito próximos. No entanto, quando a mesa estivesse a ser ocupada, as portas de correr poder-se-iam fechar para criar um ambiente mais privado e para que os cheiros provenientes da cozinha não se espalhassem pela casa.¹⁶⁹

É com esta nova organização do espaço, através do uso de mobiliário para auxiliar a separação e funcionamento das divisões, que Beecher projecta uma nova maneira de habitar.

¹⁶⁹ BEECHER, Catherine; STOWE, Harriet Beecher – *op. cit.*, p. 431.

3.2 CHRISTINE FREDERICK (1883 – 1979) E A COZINHA EFICIENTE

Com estas ideias e propostas inovadoras, Catherine Beecher começa a marcar a sua posição no que viria a ser uma linha de mulheres com “algo mais a dizer” na área da organização do espaço e da economia doméstica. No entanto, as suas propostas de design passaram largamente despercebidas e só na segunda metade do séc. XX é que o trabalho de Beecher vê alguma continuidade pela mão de Christine Frederick¹⁷⁰ que, com as suas experiências, atingiu um impacto profundo na cozinha moderna tanto na Europa como nos Estados Unidos.

Frederick, baseou a sua pesquisa e as suas publicações nas novas teorias sobre o trabalho industrial, que culminariam no Taylorismo,¹⁷¹ do qual tomou conhecimento através do marido.

Em 1912 escreve quatro artigos para o *Ladies' Home Journal* que mais tarde seriam compilados num só livro – *The New Housekeeping, Efficiency Studies in Home Management*.

Frederick descreve no seu livro (acerca de uma conversa com o marido e um amigo), de uma maneira muito reduzida o modo como tomou interesse nestes assuntos e o que a levou a escrever os seus artigos:

“Efficiency’, I heard our caller say a dozen times; ‘standard practice’, ‘motion study’, and ‘scientific management’, he repeated over and over again. The words suggested interesting things, and as I listened I grew absorbed and amazed.”¹⁷²

É com este novo interesse nesta área que Frederick inicia uma série de estudos em relação à economia doméstica, de modo a rentabilizar o trabalho na cozinha e a torná-lo menos moroso e dispendioso em termos de tempo.

¹⁷⁰ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 134.

¹⁷¹ *Ibidem*.

¹⁷² FREDERICK, Christine – *The New Housekeeping, Efficiency Studies in Home Management*. [Em linha/ Online]. 1913, p. 3. [Consul. Maio 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://ia600300.us.archive.org/24/Items/newhousekeeping00fredrich/newhousekeeping00fredrich.pdf>>.

“Eficiência’ ouvi o nosso visitante dizer, ‘prática comum’, ‘estudo dos movimentos’ ‘gestão científica’, repetia ele vezes e vezes sem conta. As palavras sugeriam coisas interessantes e à medida que ouvia fiquei absorta e espantada.” (Tradução livre.)

“We have found the causes of inefficiency in a great many household tasks to be: lack of needful utensils; wasted time running around for utensils; wasted effort and time in bringing the various ingredients; stopping in the middle of a task to do something entirely unrelated to it; loss of time due to insufficient supplies on hand; and incorrect position or height of stool or other working surface.”¹⁷³



Fig. 17 | Mulher limpa o chão na Applecroft Home Experiment Station, criada por Christine Frederick para a realização dos seus estudos e experimentação de novos produtos.



Fig. 18 | Avaliação da eficiência no batimento de ovos com um utensílio próprio para o efeito na Applecroft Home Experiment Station.

Entre esses estudos incluíam-se tabelas relativas às alturas dos móveis – a observação de 75 lavatórios, tanto em apartamentos como em vivendas, levou à conclusão que estes variavam de 27 a 32 polegadas de altura (aproximadamente 69 a 81cm)¹⁷⁴ –, às alturas das mulheres que os utilizavam e ainda tabelas com resultados da contabilização de tempo despendido em determinadas tarefas.

Através destes estudos e observações, Christine Frederick apercebeu-se que poderia reduzir significativamente o tempo necessário a cada tarefa se simplesmente mudasse a disposição e medidas dos móveis e utensílios da cozinha – conseguiu, por exemplo, reduzir em 15 minutos a tarefa de lavar cerca de 80 utensílios, eliminando apenas movimentos desnecessários.¹⁷⁵

Em *The New Housekeeping, Efficiency Studies in Home Management*, Christine Frederick já cita algumas propostas em

¹⁷³ FREDERICK, Christine – Points in efficiency. *Journal of home economics*. Vol. 6, nº 3. [Em linha/Online]. Junho 1914, p. 279. [Consult. 20 Set. 2013].

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 279.

¹⁷⁵ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 136.

relação à organização do espaço mas é no seu segundo livro, *Household Engineering, Scientific Management in the Home*, que nos apresenta uma proposta para uma cozinha eficiente em comparação com o esquema de uma cozinha não eficiente.

Seguindo o exemplo e a linha de pensamento de diversas estudiosas na área da economia doméstica desde Catherine Beecher, Frederick classificou as tarefas envolvidas no processo da preparação dos alimentos em diversas fases e delegou-as a móveis, electrodomésticos e lugares específicos. Assim, conseguiu reduzir o trabalho da cozinha a dois processos básicos: a preparação e a limpeza – “When analyzed, all kitchen work is resolved into two distinct processes, preparing food and clearing it away.”¹⁷⁶

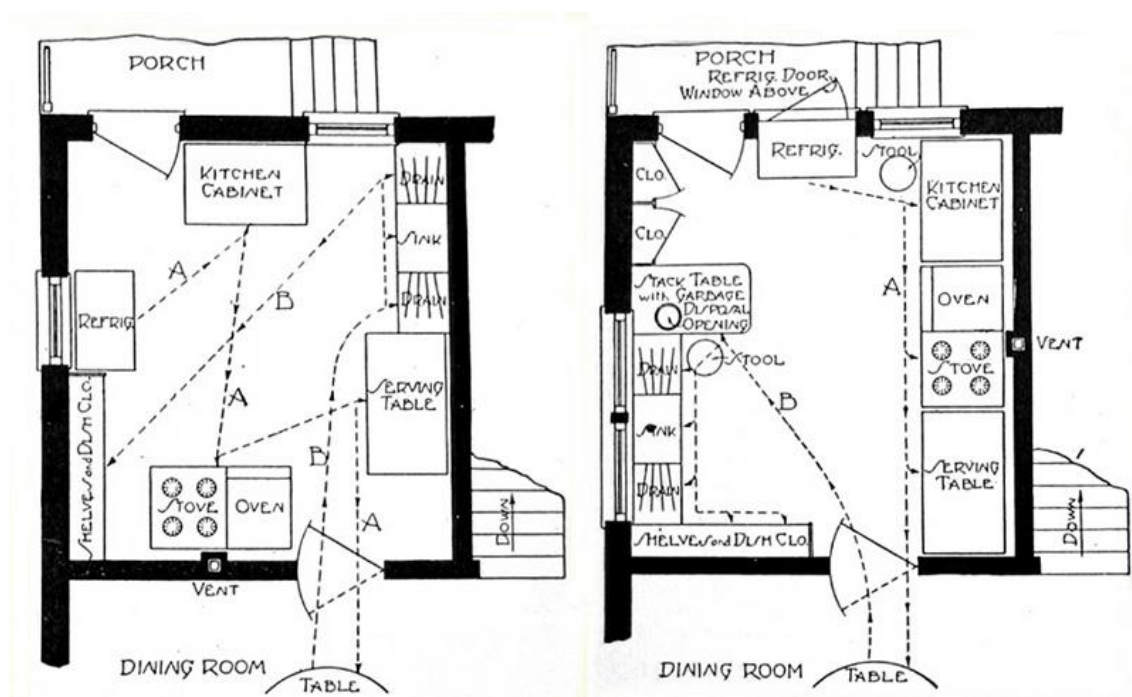


Fig. 19 | Exemplo de cozinha ineficiente e eficiente de Christine Frederick.

A ilustração da proposta concebida por Frederick (Fig. 8), demonstra os percursos necessários para o cumprimento dos dois processos básicos que havia determinado – preparar e limpar. É óbvia a preocupação de Christine em reorganizar o espaço de modo a tornar a sua circulação mais simples, suprimindo assim movimentos desnecessários ao trabalho.

¹⁷⁶ FREDERICK, Christine – *op. cit.*, p. 279.

Na cozinha ineficiente, são percorridas grandes distâncias e estão-se constantemente a repetir-se passos e a recruzar-se caminhos enquanto que a cozinha eficiente permite uma série de operações coerentes, lineares¹⁷⁷ e não repetitivas.

Ao criar duas estações de trabalho em forma de L, em lados opostos da cozinha, diminuiu significativamente as movimentações desnecessárias durante a preparação dos alimentos e da limpeza dos utensílios. De um dos lados, a autora colocou “o contentor de refrigeração, um armário para os alimentos, o forno e fogão, seguidos por uma superfície para a preparação dos pratos de apoio à mesa de refeições.”¹⁷⁸ No outro agrupamento estavam todos os equipamentos necessários à lavagem da loiça e limpeza da cozinha. Assim, observa-se que as superfícies de trabalho e todos os aparelhos e electrodomésticos necessários ao cumprimento das tarefas estão dispostos numa linha contínua tal como numa linha de montagem de uma fábrica.

Este princípio de agrupamento e junção de equipamentos para responder a uma ordem de trabalho é a base da eficiência na cozinha.¹⁷⁹ É importante também mencionar a referência no texto de Christine Frederick aos electrodomésticos e aos aparelhos manuais embora a sua opinião em relação aos mesmos fosse pouco clara. Considerava os aparelhos como bons auxiliares ao trabalho doméstico mas, por outro lado, aconselhava as suas leitoras a avaliarem a sua necessidade de os comprar.¹⁸⁰ Afirma inclusivamente:

“Acredito firmemente que aquilo que poderá liberar a mulher de certos trabalhos não serão tanto os instrumentos modernos mas os benefícios dos métodos.”¹⁸¹

É de salientar, no entanto, que todas estas revoluções no mundo da economia doméstica estavam acontecer nos Estados Unidos e que, o modo como estes classificam a cozinha, é muito diferente da cozinha europeia. Para os americanos a

¹⁷⁷ LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott, *op. cit.*, p. 46.

¹⁷⁸ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 137.

¹⁷⁹ FREDERICK, Christine – The New Housekeeping..., p. 89.

¹⁸⁰ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 136.

¹⁸¹ NOBLET, Jocelyn de – **Design – Le geste et le Compas**. Paris, 1988, p. 261 *Apud* CUNCA, Raul – *op. cit.* pp. 136-137.

cozinha é uma estrutura funcional autónoma ao contrário dos europeus, que vêm a cozinha como uma parte integrante de um projecto.¹⁸²

O livro *Household Engineering, Scientific Management in the Home* de Frederick, foi traduzido para alemão em 1922 e recebido com entusiasmo por designers progressistas. Vários arquitectos alemães, nos anos 20, aplicaram a pesquisa e os estudos de Frederick às suas cozinhas marcadas pelos armários embutidos de alturas contínuas e superfícies de trabalho organizadas em forma de L.¹⁸³

Enquanto na Europa a cozinha contínua foi promovida por designers *avant garde*, nos Estados Unidos a sua popularidade cresceu através das publicações dos teóricos e reformadores de economia doméstica e a subsequente resposta dos fabricantes e construtores a essas publicações.¹⁸⁴ Estes americanos, defensores das boas práticas da domesticidade, não viam os arquitectos com bons olhos e consideravam-nos inimigos do bom design de cozinhas. Contemplavam-nos como sendo indivíduos obcecados com paredes, janelas e plantas arrumadas mantendo-se completamente ignorantes acerca do trabalho doméstico das mulheres¹⁸⁵ e das dificuldades que os seus planos lhes poderiam causar.

A cozinha moderna americana foi formada pelo círculo comercial de consumidores, jornalistas, fabricantes e publicitários ao invés de um momento crítico de arquitectura *avant garde* observado na Europa.¹⁸⁶

¹⁸² CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 139.

¹⁸³ LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott – *op. cit.*, p. 48.

¹⁸⁴ *Ibidem.*

¹⁸⁵ *Ibidem.*

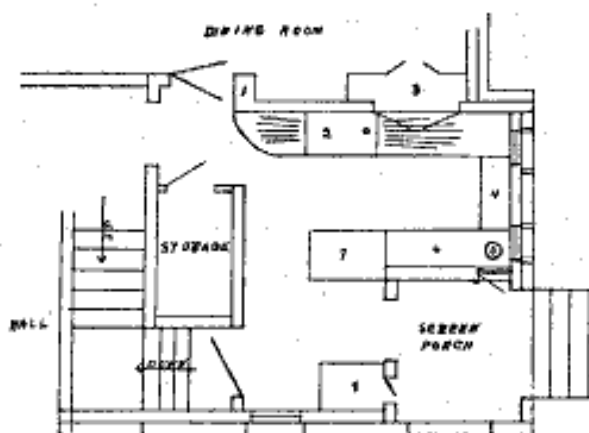
¹⁸⁶ *Ibidem.*

3.2.1 O TRABALHO DE FREDERICK E A EFICIÊNCIA NA COZINHA AMERICANA PELOS OLHOS DE OUTRÉM

Em 1916, Louise Stanley (1883-1954) escrevia-nos sobre a conveniência na cozinha e quão mal preparadas e planeadas estas se encontravam. Louise reforçava as teorias de Frederick, dizendo que a cozinha devia ser compacta de modo a eliminar passos extra aquando da realização das tarefas; que os utensílios deviam estar guardados no local onde seriam utilizados; e que todos os equipamentos deviam ser adquiridos e seleccionados tendo sempre em conta o nível de manutenção que requerem¹⁸⁷ – quanto menos melhor.

Também Louise nos apresenta um exemplo de uma cozinha simples e eficiente. Segundo ela, este modelo levaria a uma poupança significativa de tempo ao realizar as tarefas destinadas à preparação e serviço da refeição e, posteriormente, à limpeza da cozinha e de todos os utensílios.

Toda esta conveniência e facilidade prende-se com os seguintes pontos: a bancada de trabalho encontra-se perto do frigorífico, do lavatório e do fogão e é facilmente acessível através de qualquer um destes lugares. Para além disso, os utensílios e provisões utilizadas com mais frequência estão arrumados por cima e por baixo da bancada, o que permite um fácil e rápido acesso e elimina “viagens” extra a outras zonas da cozinha.¹⁸⁸



1, Laundry chute from upstairs with opening in kitchen; 2, sink with drain either side—under the drain boards are cupboards to the floor; 3, china closet accessible from both sides; 4, shelf for kitchen stove; 5, garbage receptacle with door on porch; 6, built-in cabinet; 7, drop shelf; 8, ice box with outside icer.

Fig. 20 | Esquema de cozinha eficiente de Louise Stanley.

¹⁸⁷ STANLEY, Louise – *A Convenient Kitchen*. *Journal of home economics*. Vol. 8, nº 9. [Em linha/Online]. 1916, p. 493. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth&cc=hearth&idno=4732504_8_009&node=4732504_8_009%3A4.7&frm=frameset&view=pdf&seq=33>

¹⁸⁸ *Ibidem*.

A janela de comunicação da cozinha para a sala de jantar está situada de um dos lados do fogão junto à prateleira. Deste modo a refeição pode ser servida na totalidade com apenas uma viagem entre a cozinha e a sala de jantar, se tudo for colocado previamente na prateleira. Por esta mesma janela, os pratos e travessas sujas podem ser devolvidos à cozinha de uma só vez.¹⁸⁹

O armário da loiça está posicionado directamente acima das tábuas escorredoras e tem acesso através da cozinha e da sala de jantar. Por conseguinte, os pratos depois de estarem secos podem ser arrumados no armário e ficam imediatamente disponíveis do lado da sala de jantar para quando forem necessários.

Finalmente, o espaço livre no chão é o mínimo possível. Mesmo o fogão está assente numa superfície sólida para evitar a acumulação de pó e lixo no espaço por baixo do mesmo, evitando assim uma limpeza mais difícil e demorada.¹⁹⁰

Mais tarde, em 1929, Hildegarde Kneeland (datas desconhecidas), mais uma teórica da domesticidade, escreve sobre a abolição da cozinha ineficiente. Começa por referir que o tempo despendido pelas mulheres em tarefas domésticas ultrapassa as 60 horas semanais e que, mais de metade deste tempo era passado na cozinha a cozinhar, preparar os alimentos, lavar a loiça, lavar a roupa, passar a ferro e limpeza geral.¹⁹¹ Conclui assim que a cozinha continuava a ser uma das divisões mais importantes e mais úteis da casa.

A construção da cozinha, diz-nos Kneeland, era mal pensada e executada. Os lavatórios estão no lugar errado, o fogão idem “and the doors and windows seem especially designed to interfere with eficiente routing.”¹⁹² Para ela, o problema residia na própria construção das cozinhas e, como solução, descreve-nos os cinco requerimentos principais para a obtenção de uma cozinha eficiente e funcional.

¹⁸⁹ *Ibidem* p. 494.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ KNEELAND, Hildegarde – [Abolishing the inefficient kitchen](#). **Journal of home economics**. Vol. 21, nº 7. [Em linha/Online]. 1929, p. 477. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth;cc=hearth;rgn=full%20text;idno=4732504_21_007;didno=4732504_21_007;view=image;seq=0001;node=4732504_21_007%3A1.1>

¹⁹² *Ibidem*, p. 478.

Em primeiro lugar, a cozinha eficiente requer uma bancada de trabalho separada para cada tipo de trabalho a ser efectuado – não há espaço, na cozinha eficiente de Hildegarde, para uma mesa utilitária geral, onde pratos sujos e limpos se misturam com taças para a salada e taças para bolos.¹⁹³

Em segundo lugar, a cozinha eficiente requer a organização sequencial dos equipamentos maiores, de modo a que se consigam economizar passos e poupar tempo.¹⁹⁴ Tal como Frederick, Hildegarde chega à conclusão que o trabalho da cozinha revela uma ordem repetitiva e que se consegue agrupar em duas fases. Primeiramente recolhemos a comida crua, preparamo-la e servimo-la para em seguida removermos a loiça usada, despejamos eventuais resíduos de comida e empilhamos os pratos, lavamo-los, escorremo-los e, finalmente, arrumamos tudo no lugar.¹⁹⁵ Temos então as mesmas fases que Frederick nos tinha apresentado: preparar e limpar.

Tendo em conta esta análise, Kneeland considera óbvio que a organização dos equipamentos na planta da cozinha deveria cumprir a seguinte ordem: para a fase da preparação primeiro deveria estar o frigorífico e a despensa ou armários de arrumação de comida, em seguida a bancada de trabalho, o fogão e finalmente a mesa de refeição. Já para o processo de limpeza primeiro deveria estar a mesa para a colocação da loiça suja, depois o lavatório, o escorredor e, para finalizar, as prateleiras para a arrumação da loiça.¹⁹⁶ Idealmente, esta organização resultaria num processo de trabalho linear e sempre em direcção à porta da sala de jantar, durante o processo de preparação, e da direita para a esquerda – desde que o utilizador seja destro – para o processo de limpeza, para que não haja cruzamento de mãos durante a lavagem da loiça.

Como terceiro ponto, temos o requerimento de uma área de trabalho compacta onde os equipamentos e móveis maiores se agrupam ao longo das paredes deixando um espaço central suficientemente grande para o utilizador se movimentar com facilidade.¹⁹⁷

Em quarto lugar, Kneeland diz-nos que os equipamentos e bancadas da cozinha eficiente necessitam de estar colocados a alturas adequadas e cómodas de modo a

¹⁹³ *Ibidem*, p. 479.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 480.

minimizar ao máximo a necessidade do utilizador de curvar ou esticar.¹⁹⁸ Seria este o problema maior de entre todos pois, na altura, os estudos ergonómicos apesar de já existirem, ainda estavam em desenvolvimento e as medidas ideais ainda não tinham sido definidas.

Finalmente, em quinto lugar, Kneeland diz-nos que os equipamentos mais pequenos deviam estar agrupados em torno da área de trabalho onde seriam utilizados em primeiro lugar.¹⁹⁹ Isto resultaria no desaparecimento das grandes despensas e daria lugar a prateleiras colocadas acima e abaixo das superfícies de trabalho, um pouco como hoje estamos habituados a encontrar em cozinhas modernas.

Qualquer que fosse a visão e a consequente posição tomada em relação à economia doméstica e eficiência na cozinha, consegue concluir-se que, apesar de tudo, era um tema bastante abordado e estudado pelas mulheres numa tentativa de, talvez, melhorar a sua qualidade de vida e de trabalho dentro do próprio lar.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p.480.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

3.2.2 CHRISTINE FREDERICK PARA LÁ DOS EUA

Os estudos e trabalhos de Christine Frederick foram também bastante apreciados na Europa, nomeadamente na Alemanha.

No entanto, esta “passagem de testemunho” das propostas americanas surge em circunstâncias um pouco diferentes. No continente europeu, a problemática da reorganização e configuração da cozinha integra-se maioritariamente num contexto arquitectónico e não poderia ser resolvida somente com estes novos métodos de engenharia doméstica.²⁰⁰ Nos EUA, a cozinha era considerada como uma “unidade funcional autónoma”²⁰¹ enquanto, na Europa, a cozinha constituía uma parte integrante do projecto, daí que a sua reformulação merecesse um olhar mais profundo.

Como já foi referido anteriormente, o livro de Christine Frederick, *Household Engineering, Scientific Management in the Home*, gerou tanto interesse que, em 1922, foi publicada uma edição traduzida para o alemão por Irene Witte (datas desconhecidas).²⁰² Deste modo, pode dizer-se que foi criado um elo de ligação entre os ideais americanos, de uma economia doméstica baseada em princípios “científicos”, e as tentativas alemãs de reorganização das tarefas domésticas e da organização da casa.

Estes ideais americanos foram sendo incorporados na população alemã de diversas formas mas, o caso de maior sucesso, pode ser atribuído a Erna Meyer (1901 - 1943) e à sua publicação *Der Neue Haushalt*²⁰³. No entanto, esta publicação era em tudo semelhante a tantas outras editadas na mesma altura, inclusive a de Frederick. *Der Neue Haushalt* fala-nos da extrema importância da família e de tudo o que a envolve. Meyer diz-nos que para ser uma dona de casa é preciso ter-se uma vocação verdadeira. “If the housewife can learn to master all this [daily routine]

²⁰⁰ FUSCO, Renato de – *Storia del Design*. Roma, 1998, p.212. *Apud* CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 138.

²⁰¹ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 139.

²⁰² BULLOCK, Nicholas – *First the Kitchen – Then the Façade*. *Journal of Design History*. Volume 1, nº 3/4. [Em linha/online]. 1988, p. 179. [Consult. 07 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.jstor.org/stable/1315710>>

²⁰³ As Novas Famílias (tradução livre).

then she can win through to what she most earnestly needs: *self-respect* and a high regard for her own activities in the home.”²⁰⁴

Tanto para Meyer como para Frederick, o ponto mais importante, e o que recebia mais atenção por parte de cada uma, prendia-se com a reorganização da cozinha e a sua transformação num espaço eficiente.

Em Janeiro de 1924, pouco mais de um ano após a publicação da tradução do livro de Frederick, Bruno Taut²⁰⁵ (1880 - 1938) apresentava estas novas ideias de economia doméstica e de reorganização do espaço, como princípios e directrizes para a Nova Arquitectura²⁰⁶. Taut, baseando os seus argumentos na abordagem de Christine Frederick, atacou a planificação do apartamento típico alemão e demonstrou que os seus desenvolvimentos nas ideias de racionalização, propostas pela autora norte-americana, poderiam ser usadas para enfrentar a questão da habitação de baixo-custo²⁰⁷ sem sacrificar o bem-estar e conveniência dos habitantes. Bruno Taut enfatizava ainda que o arquitecto e a dona de casa deviam colaborar – “Der Architekt denkt, die Hausfrau lenkt”²⁰⁸ (O arquitecto pensa, a dona de casa guia) – e que o trabalho de construção devia ser feito de dentro para fora, “first the kitchen, then the façade.”²⁰⁹

Em 1927, diversos arquitectos participaram na exposição da Deutscher Werkbund, em Estugarda, intitulada *Die Wohnung* (O Apartamento ou A Casa). A

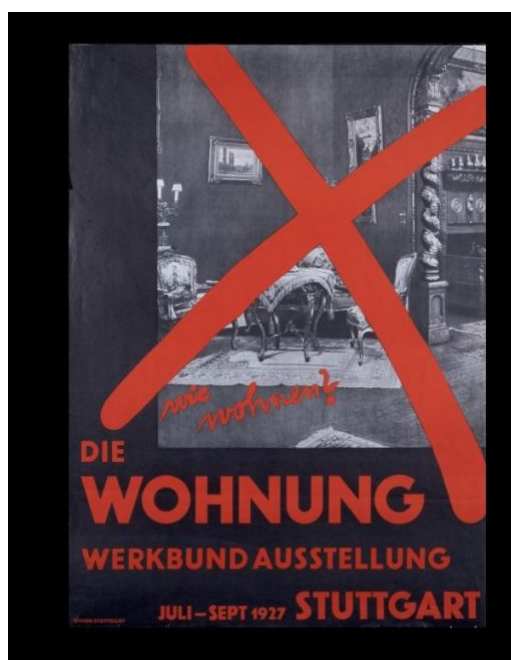


Fig. 21 | Cartaz da exposição da Werkbund em 1927.

²⁰⁴ MEYER, Erna – **Der Neue Haushalt, ein Wegweiser zu Wirtschaftlicher Hausführung**, Estugarda, 1928, p. 3 *Apud* BULLOCK, Nicholas – *op. cit.*, p.183. “Se a dona de casa conseguir aprender a dominar tudo isto [rotina diária], então conseguirá ganhar aquilo que deseja com mais fervor: auto respeito e ter-se em alta conta no que diz respeito às suas actividades domésticas.” (Tradução livre)

²⁰⁵ Arquitecto alemão, urbanista e autor durante a República de Weimar.

²⁰⁶ BULLOCK, Nicholas – *op. cit.*, p.185.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 177.

²⁰⁹ *Ibidem*. “Primeiro a cozinha, depois a fachada.” (Tradução livre)

cada arquitecto, foram dadas directrizes por Erna Meyer, em relação ao design mais adequado para as cozinhas²¹⁰, divisão essa que assumiu um particular interesse e destaque.

As propostas apresentadas por Meyer e por Jacobus Johannes Pieter Oud (1890 – 1963) – arquitecto a quem Meyer recorreu para fundamentar as sugestões apresentadas no seu livro²¹¹ – revelavam uma semelhança evidente.

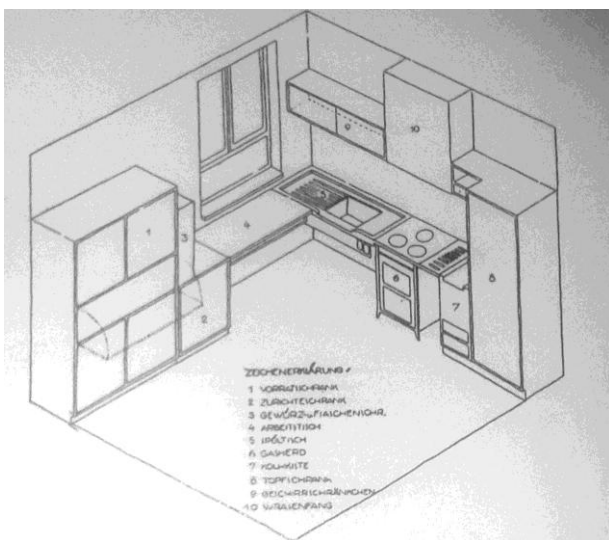


Fig. 22 | Proposta de Erna Meyer para a exposição de 1927.

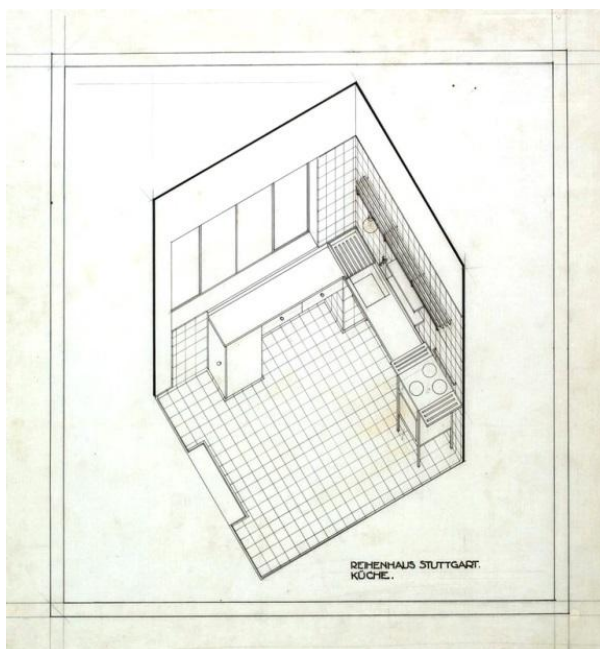


Fig. 23 | Proposta de racionalização da cozinha por J. J. Pieter Oud.

A diferença principal entre as duas propostas reside na colocação de armários nas extremidades da bancada de trabalho, como se pode observar no desenho de Meyer, e na simplicidade e limpeza formal observadas na proposta de Oud. Meyer acreditava, tal como Frederick, que o trabalho da cozinha deveria ser efectuado numa posição

sentada²¹². Assim, deixa em aberto o espaço por baixo da bancada de trabalho ao invés de o fechar com armários.

Comparativamente ao modelo de Christine Frederick, ambos recuperam a bancada em forma de L, por ela proposta, e muita da sua racionalização no posicionamento dos objectos. A diferença encontra-se na ordem pela qual os equipamentos estavam instalados na superfície de trabalho, agrupando “as tarefas de

²¹⁰ LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott – *op. cit.*, p. 48.

²¹¹ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 139.

²¹² LUPTON, Ellen, MILLER, J. Abbott – *op. cit.*, p. 49.

lavagem dos recipientes e preparação [...] numa única bancada”²¹³. Assim, Meyer e Oud tentavam abolir a ideia de que a preparação dos alimentos e a limpeza dos utensílios deviam ser assumidos como tarefas totalmente distintas e, para isso, realizadas em locais diferentes. Deste modo seriam poupados muitos movimentos e deslocamentos desnecessários durante todo o processo.

²¹³ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 139-140.

3.3 MARGARETE SCHÜTTE-LIHOTSKY (1897 – 2000) E A COZINHA FRANKFURT

No seguimento da Primeira Guerra Mundial, as cozinhas começaram a atrair atenções sem precedentes por parte de arquitectos progressistas, fabricantes e fornecedores de materiais, todos com a intenção de transformar espaços que haviam sido anteriormente escondidos da vista, anti-higiénicos e monótonos.²¹⁴

Anteriormente vimos alguns estudos e propostas que viriam a mudar o rumo do design das cozinhas, mas uma das aplicações mais eficazes no que diz respeito à nova abordagem deste novo design e “Nova Architectura” foi a cozinha Frankfurt, também referida como a “Nova Cozinha”, em 1926.



Fig. 24 | Cozinha Frankfurt de Grete Schütte-Lihotsky.

Epitomizada por Margarete Schütte-Lihotzky, arquitecta austríaca, esta cozinha foi racionalmente planeada e industrialmente produzida pela sua grande popularidade. Foi introduzida num grande número de habitações construídas em Frankfurt, desenvolvidas por Ernst May²¹⁵ (1886 – 1970). Lihotzky projectou a cozinha em 1925, apresentando-a no ano seguinte para rapidamente ser instalada dada a sua forte aceitação.

Plantas simplificadas e o uso inovador de construções pré-fabricadas²¹⁶, combinadas com o desejo de derrotar o trabalho monótono e

optimizar a eficiência – objectivo principal e comum a todas as mulheres até agora

²¹⁴ **The New Kitchen. Counter Space, Design + the modern kitchen.** [Em linha/online]. 2010. [Consult. 03 Dez. 2010]. Disponível em WWW: <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space/the_new_kitchen>

²¹⁵ BULLOCK, Nicholas – *op. cit.*, p.183.

²¹⁶ **The New Kitchen. Counter Space, Design + the modern kitchen.** [Em linha/online]. 2010. [Consult. 03 Dez. 2010]. Disponível em WWW: <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space/the_new_kitchen>

cuidadosamente, tais como recipientes de farinha em carvalho (para repelir larvas) e tábuas de corte em faia (para resistir às manchas e marcas de faca).²²⁰

No que toca à iluminação artificial, um único candeeiro, que se movimentava “através de um varão longitudinal”²²¹, serviria para iluminar a área de trabalho que fosse necessária.

Foi comissionado pelo Departamento de Arquitectos um filme publicitário²²² que nos mostra uma comparação entre o trabalho efectuado pela mulher numa cozinha Frankfurt e numa cozinha normal da época. Mostra-nos ainda como a mulher conseguiria chegar a todos os utensílios e efectuar a grande maioria do seu trabalho sentada no banco giratório. Para além de tudo isto, exhibe todas as características e funcionalidades da nova cozinha e apresenta diagramas exemplificativos da poupança de passos que a mulher teria de dar para efectuar todas as suas tarefas. ²²³



Fig. 27 |Fotograma do filme publicitário que demonstra uma mulher a utilizar as gavetas de organização de produtos alimentícios.

²²⁰ **The New Kitchen. Counter Space, Design + the modern kitchen.** [Em linha/online]. 2010. [Consult. 03 Dez. 2010]. Disponível em WWW: <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space/the_new_kitchen>

²²¹ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 141.

²²² BULLOCK, Nicholas – *op. cit.*, p.187.

²²³ **The Frankfurt Kitchen (Die Frankfurter Küche).** [Em linha/Online]. Alemanha, 1928. [Consult. 16 Out. 2013]. Vídeo disponível em WWW: <URL: www.artconnected.org/resource/97212/modern-design-frankfurt-kitchen>

Os critérios estabelecidos por Lihotsky eram, como se pode concluir, muito semelhantes aos de Christine Frederick, tais como os estabelecidos por Erna Meyer ou J. J. P. Oud.

É seguro dizer que as propostas americanas foram as verdadeiras impulsionadoras da evolução do design das cozinhas e da melhoria do estilo de vida da dona de casa, mas, sem os arquitectos e designers europeus, a cozinha não teria evoluído para aquilo que conhecemos hoje.

4. O PANORAMA DA COZINHA NACIONAL

Ao contrário da situação internacional, em Portugal a evolução do espaço da cozinha deu-se de um modo mais lento e não tão revolucionário.

Não foi possível encontrar registos acerca da tipologia das cozinhas portuguesas nem das suas orientações em termos de construção. Tudo o que se conseguiu apurar foi através de curtos excertos encontrados em diversos manuais artísticos ou sobre economia doméstica, dos quais falaremos mais aprofundadamente mais à frente.

No século XIX, a burguesia oitocentista confere à refeição familiar o papel de unir a família "bem como o de, através da mesa, socializar os seus elementos, inculcando normas e valores".²²⁴ Deste modo, o mobiliário da sala de refeições vai evoluindo de modo a acompanhar a evolução dos costumes. A mesa quadrada torna-se comum pois conferia mais intimidade ao momento da refeição, ao invés das comuns mesas rectangulares e compridas.

Este costume burguês demora algum tempo a chegar às classes sociais mais baixas, que tinham o hábito de comer na cozinha, junto à lareira de modo a que também se conseguissem aquecer. Nas casas dos estratos mais pobres, o mobiliário era quase inexistente. "A análise de testamentos demonstra a quase ausência de mesas e de cadeiras nas casas minhotas oitocentistas."²²⁵

Nestas habitações mais despidas, a cozinha, quase sempre enegrecida pelo fumo, era o coração da casa. Era nesta divisão que se passavam horas a fazer as mais diversas actividades desde comer até fiar, aproveitando o calor emanado pela lareira.

Na arquitectura portuguesa, podemos observar que, até ao século XVIII, as cozinhas eram sempre situadas nos fundos da casa, criando uma ligação com o exterior onde estariam os animais, fosse caso disso, e as latrinas. Com o aumento das preocupações com a higiene e com a saúde, surgem "as estruturas metálicas

²²⁴ MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 208.

²²⁵ *Ibidem*, p. 209.

ligeiras que servem de suporte às sumárias instalações sanitárias".²²⁶ Deste modo, junto às cozinhas que se mantinham no fundo da habitação, surgem as marquises anexas, "generalizando-se a instalação de canalizações de água para despejos de esgoto."²²⁷

Esta instalação de água canalizada, aliada à luz eléctrica nas casas, ocorre na transição do século XIX para o século XX, mas apenas nas principais cidades do país. Na sua maioria, continuamos a encontrar casas escurecidas e cozinhas insalubres onde todas as tarefas domésticas se revelavam penosas e demoradas.

É a partir dos anos 20 do século XX, que, o desenvolvimento científico aliado às preocupações de higiene já referidas e ao progresso material, se começa a observar alguma evolução no espaço da cozinha, assim como no papel da dona de casa. "Simplicidade, sobriedade e economia são as novas palavras de ordem".²²⁸ Dá-se uma revolução doméstica com o aparecimento dos fogões a gás e electrodomésticos embora não estivessem acessíveis à maioria da população ou por falta de gás canalizado ou por falta de dinheiro.

Contudo, esta revolução já vem aligeirar um pouco mais a carga de trabalho da dona de casa e modernizar o espaço da cozinha.

Durante os anos 40 é possível observar o início da racionalização da cozinha, inserido no contexto da habitação social, durante a arquitectura do Estado Novo. No âmbito de um artigo acerca da construção de casas de renda económica, publicado na *Revista Municipal*, são apresentados os primeiros indícios da racionalização das habitações e do espaço da cozinha. São revelados uma série de desenhos esquemáticos, onde são representados três ciclos que se consideraram importantes na vida doméstica: Cozinhar - Comer; Trabalhar - Repousar e Dormir - Lavar-se. O objectivo seria diminuir o esforço desnecessário e o numero de passos dados na realização de cada um destes circuitos. Estas teorias, são baseadas nas de Alexander Klein (1879-1961)²²⁹ que também realizou propostas de cozinhas

²²⁶ FERNANDES, José Manuel – *op. cit.*, p. 88.

²²⁷ *Ibidem*.

²²⁸ FERNANDES, José Manuel – *op. cit.*, p. 210.

²²⁹ Alexander Klein, arquitecto e planeador urbano, nasce na Rússia mas é na Alemanha que vive grande parte da sua vida e onde é conselheiro de vários institutos de investigação estatal. ENCARNADO, Ana– *op. cit.*, p. 89.

eficientes, baseadas no trabalho de Frederick e de Lihotzky, aplicadas às habitações mínimas.²³⁰

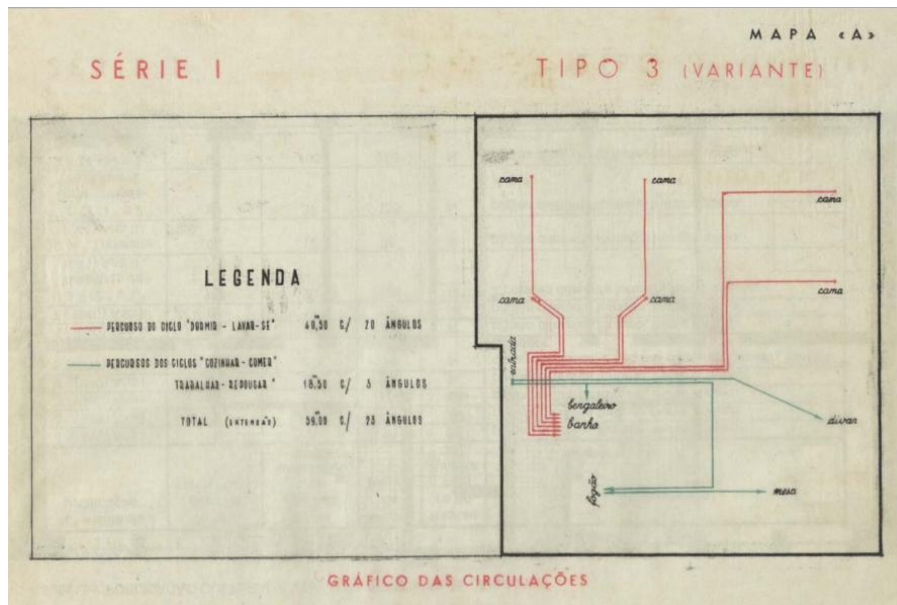


Fig. 28 | Gráfico das circulações necessárias para cumprir os ciclos.

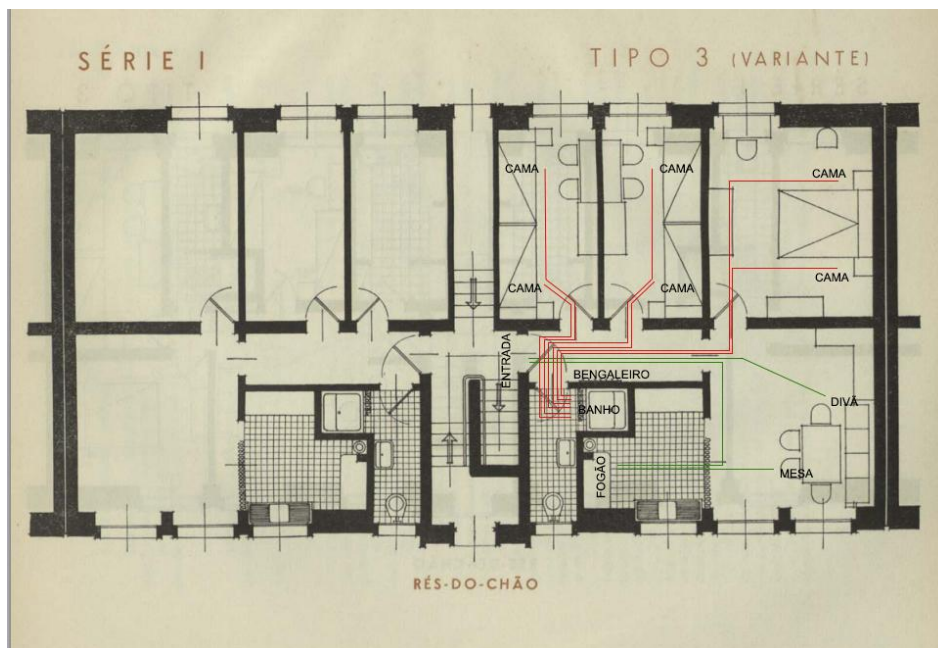


Fig. 29 | Planta de uma das casas de renda económica com a sobreposição do esquema de circulação.

Somente nestas circunstâncias foram encontradas referências a estudos da racionalização das tarefas embora, certamente, outros terão sido efectuados e aplicados às habitações posteriores.

²³⁰ *Ibidem*.

Em 1950, Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962) escreve-nos acerca da cozinha dos Paço Ducal de Vila Viçosa, edifício construído em 1501. É interessante a sua descrição da cozinha majestosa que por lá encontramos, mas mais interessante ainda é o seu discurso de desilusão e desagrado, relativo à cozinha moderna. Diz ele:

"Na habitação moderna a Cozinha perdeu toda a sua feição espetacular e toda a sua importância de recinto primacial dentro do ambiente familiar. Deixou de ser, a pouco e pouco, o ponto de honra das pousadas. Actualmente a Cozinha esconde-se ao fundo e nas trazeiras das casas, disfarça-se quanto as elegâncias civilizadoras exigem, com o favor da moderna utensilagem de aquecer, que ganhou em facilidades e cómodos o que perdeu em efeitos monumentais. Polida, branqueada a tintas de óleo, ocultas em armários lustrosos, as peças de metal não dispensadas ainda, as cozinhas de agora já não são o compartimento nobre e solene de outros tempos, sala comum de seroar, de aquecer e, até, de receber, nas residências mais modestas onde ela ascendia à categoria de salão nas últimas tentativas de sobreviver a velhas usanças tradicionais."²³¹

As suas palavras, ao lado das de outros autores da mesma época, são interessantes em contraste, especialmente quando se trata de autoras femininas que tanto valorizam as novas cozinhas e todas as suas comodidades e facilidades. Tomemos, como exemplo, as palavras de Laura Santos (datas desconhecidas), escritas em 1958 no seu manual *Noiva Esposa e Mãe*:

"São lindas, as modernas cozinhas, pintadas a esmalte brilhante em branco ou belas cores suaves, com seus armários de correr, seus azulejos, mármore e mosaicos resplandecentes, aliando o conforto e a higiene, à mais exigente estética!"²³²

²³¹ SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *A Cozinha nos Paços de Vila Viçosa*. Lisboa, 1952, p. 11.

²³² SANTOS, Laura – *Noiva Esposa e Mãe. Conselhos às noivas. Governo do lar e enfermagem. Puericultura. Educação dos filhos. Culinária*. Lisboa, 1958, p. 241.

4.1 A ECONOMIA DOMÉSTICA: PERIÓDICOS, PUBLICAÇÕES E AS SUAS MENSAGENS

"Ha tempo, certo pastor inglês aconselhava às senhoras que desejam manter a felicidade domestica: «*Cuidai da vossa casa, da vossa cosinha. A poesia da casa e da família é o caminho unico da felicidade. E a poesia tanto está nas flores com que adornais o lar, como no vosso sorriso, como num acepipe bem cosinhado*»." ²³³

Também são encontrados sinais de preocupação com a temática das tarefas domésticas, nomeadamente com a organização da casa, em documentos nacionais, embora não com o mesmo carácter revolucionário das propostas anteriormente discutidas. Não deixa, no entanto, de expressar uma atitude, de certo modo, inovadora no nosso país, tendo em conta o atraso cultural do qual éramos vítimas.

É no decorrer do século XIX que é estabelecida a ideia de domesticidade e onde se vinca, mais uma vez, a diferenciação do papel do homem e da mulher, pese embora as diferenças do progresso social. Como nos diz Teixeira Bastos: "À mulher pertence o governo da casa, a presidência do lar – a vida afectiva por excelência; ao homem, a luta exterior, a direcção dos negócios – enfim, a vida activa."²³⁴

Esta domesticidade pode, contudo, ser dividida em dois moldes, segundo a burguesia oitocentista: o da dona de casa "gestora dos afectos dos recursos do lar e como modeladoras dos futuros cidadãos"²³⁵ e o da doméstica cujas principais aptidões seriam as de "cozinhar, limpar, tratar da roupa, coser"²³⁶. Nas classes mais elevadas, a "senhora da casa" encarregava-se de delegar as tarefas às suas serviçais tomando esta posição de "dona de casa" sem, todavia, ter qualquer obrigação no que toca à realização das ditas tarefas.

A partir da década de 30 do século XIX, começam a ser divulgadas uma série de obras relacionadas com a educação doméstica que visavam a transmissão de

²³³ COSTA, Emília de Sousa – *op. cit.*, p.27.

²³⁴ BASTOS, Teixeira – **A Família**. Porto : 1884, p.196 *Apud* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 197.

²³⁵ PINTO, Maria Teresa Valente – A Formação profissional das mulheres no Ensino Industrial Público. Lisboa : 2008, p. 130 *Apud* MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 199.

²³⁶ *Ibidem*.

regras e "princípios de organização e governo do lar"²³⁷. Estas obras eram, quase na sua totalidade, "traduções de obras internacionais adaptadas à realidade portuguesa"²³⁸. Redigidos por elementos da burguesia, estes manuais eram direccionados às mulheres burguesas e de classes sociais mais elevadas sendo estas as únicas com instrução escolar suficiente para os poderem ler. O objectivo destes exemplares seria o de instruir as mulheres no que diz respeito ao governo do lar contendo instruções práticas sobre "as actividades domésticas, os cuidados a prestar às crianças, conjugados com conselhos morais e religiosos."²³⁹

Só um pouco mais tarde, e em particular no início do século XX, começam a surgir obras e publicações em periódicos femininos portugueses com colunas ou capítulos dedicados à economia doméstica e gestão do lar. Contudo, também estas publicações nos chegavam dos escalões mais altos da sociedade e declaravam uma série de conhecimentos e ideias "dos papéis sociais das mulheres da classe dominante"²⁴⁰ deixando por estudar e referir a situação das mulheres de classes sociais inferiores, às quais pertenciam a maioria das mulheres portuguesas. Mais uma vez, estes periódicos tinham como público-alvo a "escassa minoria de nobres e burguesas"²⁴¹ que saberiam ler e que se situavam "em nível económico que lhe[s] permitia essa despesa supérflua."²⁴²

4.1.1 PERIÓDICOS

Tanto quanto se sabe, o primeiro periódico a ser publicado, inserido neste ciclo de publicações destinadas às senhoras, foi *O Toucador. Periódico sem Política dedicado às Senhoras Portuguesas*. Dirigido e redigido por João Baptista de Almeida Garrett, em 1822, este jornal conta com uma série de 7 números publicados ao longo de 2 meses²⁴³ e nele constam temas dedicados às senhoras burguesas, tais como "o exemplo da moda, do teatro, dos bailes e dos passeios"²⁴⁴. Não é feita

²³⁷ MATOSO, José (dir.) – *op. cit.*, p. 204.

²³⁸ *Ibidem*.

²³⁹ *Ibidem*, p. 205.

²⁴⁰ LEAL, Maria Ivone – **Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926**. Lisboa, 1992, p. 10.

²⁴¹ *Ibidem*.

²⁴² *Ibidem*.

²⁴³ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 146.

²⁴⁴ *Ibidem*.

qualquer menção a temas relacionados com a economia doméstica ou com o governo do lar.

Em seguida, temos o *Periódico das Damas* que conta com uma edição de 6 números, entre Junho de 1823 e Janeiro de 1824.²⁴⁵ Neste periódico, encontramos uma referência ao papel da mulher no seio da sua família, embora nada se referisse sobre economia doméstica, mas sim de assuntos como:

"a atitude da mulher para o marido de modo a alcançar a felicidade, a relação da senhora com as aias (criadas), a liberdade de os noivos escolherem fora da pressão familiar, o casamento entre pessoas de linguagem desigual, a ligação e interdependência afectiva entre mãe e filha."²⁴⁶

No levantamento e análise de Maria Ivone Leal, podemos concluir que, durante algum tempo, os periódicos publicados continham temas muito semelhantes entre si, quase todos relacionados com o lazer e divertimento. É de referir o periódico *O Beija Flor* que, apesar e não conter nenhuma coluna relacionada com a economia doméstica, já incluía algumas receitas de culinária.²⁴⁷ Como aponta Raul Cunha, a redacção e direcção destes periódicos estava a cargo de homens o que acabava por contribuir para que estes jornais passassem uma "visão de mulher sustentada em ideais de beleza feminina[...] ou uma linha mais conservadora que apelava para as suas virtudes enquanto esposa e mãe."²⁴⁸

Somente em 1849, com a publicação d'*A Assembleia Litteraria*, fundada e dirigida por uma mulher – Antónia Gertrudes Pusich – é que se começam a observar alterações na temática e direcção dos textos publicados. Este periódico tinha como subtítulo *Jornal D'instrucção* e era esse o objectivo desta publicação - instruir as mulheres em diversos assuntos tais como a educação, a condição dos desfavorecidos, a problemática da falta de escolas para o povo e o ensino das crianças.²⁴⁹ De entre os muitos colaboradores do jornal, encontramos o de Maria José da Silva Canuto (1821 - 1890), personalidade importante e pioneira em Portugal na divulgação de escritos sobre a economia doméstica na revista *A*

²⁴⁵ *Ibidem*.

²⁴⁶ LEAL, Maria Ivone – *op. cit.*, p. 31.

²⁴⁷ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 147.

²⁴⁸ *Ibidem*.

²⁴⁹ *Ibidem*.

Mulher, Revista Ilustrada das Famílias, publicada a partir de 1883. Mais à frente falaremos dela com mais destaque e analisaremos o seu trabalho na revista *A Mulher*.

É, todavia, importante referir a publicação em 1879 de um outro periódico, também denominado *A Mulher*. Só é conhecido o primeiro número desta publicação embora, no final, se faça referência a um próximo número sem no entanto haver registo do mesmo. Esta publicação conta com textos de diversos autores incluindo um de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 - 1921) onde faz referência à falta de publicações com interesse para as mulheres.

"Ninguém cuida das necessidades intellectuaes da mulher; a essa de quem o homem moderno tanto exige, bastam na opinião d'elle, pela mais absurda das contradições, as gazetas de modas."²⁵⁰

Maria Amália queria mudar o modo como as mulheres se comportavam e o modo como eram ensinadas a viver, desde crianças. Embora não seja uma temática relacionada com a economia doméstica, demonstra já alguma audácia e revolução na maneira como a mulher se vê a ela própria na sociedade. Também no texto de abertura do jornal se fala na importância da educação da mulher, embora não esteja assinado.

Contextualizemos então um pouco mais o carácter da revista *A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias* sob a direcção de Eliza Coadur.

No texto de abertura do seu primeiro número, tece uma crítica ao modo como a mulher era vista e considerada pela sociedade²⁵¹, de certo modo, semelhante à apresentada no periódico homónimo anteriormente referido. Este editorial, de autor desconhecido mas atribuído a Eliza Coadur, refere a falta que fazia um jornal dedicado somente às mulheres.

“É mais do que necessária, é indispensável uma publicação com os intuitos e as aspirações da nossa. Multiplicam-se rapidamente lá

²⁵⁰ CARVALHO, Maria Amália Vaz de - *Sotto Voce. A Mulher*. Ano 1, nº 1. [Em linha/Online] 1879, p. 9. [Consult. 03 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AMulher/AMulher_item1/index.html>

²⁵¹ CUNCA, Raul - *op. cit.*, p. 147.

fóra os jornaes destinados á educação feminina. Em Portugal não há um só.”²⁵²

Concluiu o seu editorial, após tecer várias críticas ao modo como a sociedade via e colocava a mulher, expondo como objectivo principal da revista a instrução feminina:

"N'este sentido vamos trabalhar, ao serviço d'esta ideia vamos pôr as nossas forças mais vivas, e se o publico nos auxiliar concorrerá comnosco para levantar a maior de todas as cauzas, que de todas é a mais abandonada.”²⁵³

Esta instrução, tão desejada para todas as mulheres, era, de facto, indispensável. A maioria das mulheres portuguesas revelava-se analfabeta e não existiam estabelecimentos de ensino feminino suficientes.²⁵⁴

É de referir ainda que Maria Amália Vaz de Carvalho também contribuiu para esta revista, com textos que se inseriam na temática do papel da mulher na sociedade, tal como teria prometido no periódico de 1879.

MARIA JOSÉ CANUTO (1821 - 1890) A PIONEIRA PORTUGUESA

Maria José da Silva Canuto, professora, escritora e defensora da mulher, inicia-se no mundo do jornalismo vendo um soneto seu publicado no periódico político *Guarda Avançada*, em 1835, com apenas 14 anos.²⁵⁵ Desde então, nunca deixou de escrever para diversos periódicos, maioritariamente sobre assuntos de teor político e acerca da instrução das mulheres.

Como foi referido no sub capítulo 4.2.1, Maria José Canuto foi uma figura importante na divulgação de algumas noções de economia doméstica. Começa por conceber um manual composto por textos relacionados com os afazeres domésticos que, posteriormente, oferece à Câmara Municipal de Lisboa para que

²⁵² COADUR, Eliza – **A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias**. Ano 1, nº 1 (1883), p. 1.

²⁵³ *Ibidem*, p. 2.

²⁵⁴ *Ibidem*.

²⁵⁵ CASTELO, Cláudia – CANUTO, Maria José da Silva. [Em linha/Online] [Consult. 5 Mai. 2011] Disponível em WWW: <URL:<http://correiodaeducacao.asa.pt/122616.html>>

fosse impresso e distribuído nas escolas, como complemento ao ensino feminino.²⁵⁶ No entanto, e dado o insucesso desta sua tentativa, é na revista *A Mulher, Revista Illustrada das Famílias*, que podemos encontrar os seus ensinamentos na rubrica "As Noções de Economia Doméstica" dividida em 27 capítulos.

Raul Cunca observa, com pertinência, que se pode então estabelecer uma analogia entre Maria José Canuto e a americana Catherine Beecher. Tal como Beecher, também Maria José era professora e demonstrava uma dedicação imensa à instrução feminina. O seu manuscrito didáctico tinha uma forte componente religiosa, os "capítulos terminavam com passagens bíblicas"²⁵⁷, tal como os escritos de Beecher faziam referência à vida cristã. Porém, os temas abordados pela escritora portuguesa no seu manual, não eram tão relacionados com uma melhor planificação do espaço habitacional, como podemos observar no caso de Beecher. Maria José apresenta-nos propostas que visavam uma solução para a organização do espaço em família e suas consequentes tarefas e actividades.²⁵⁸

Os seus pareceres, desta feita, eram dirigidos à mulher da classe média ao invés de ser somente dirigido às classes superiores como em títulos anteriores. Apesar deste seu público alvo, Maria José fazia várias referências às casas pobres e às habitações das "pessoas de elevada condição"²⁵⁹.

As "Noções de Economia Doméstica", título geral dos textos apresentados pela autora, apresentavam-se divididas em 27 capítulos com temáticas próprias exploradas em diversos subcapítulos, sendo eles (alguns sem título): "Princípios, Ordem, Actividade, Asseio, Previdencia, Vigilancia, Deveres da mulher no interior da casa, Creadas, Creada de quarto, Aia de creanças, Enfermeiras, Meios de conservar a saúde, Superstições Populares, Mobília, Tapetes, Espelhos, Quadros, Baixella, Combustíveis, Carvão de pedra, Carvão de sobro e cepa, Bolas, Fogões de sala, Plantas e fructos, Plantas tuberculosas – Batatas, Plantas Bulbosas (cebolas e alhos), Cogumellos e, finalmente, Trufas."

Neste estudo vamos apenas referir alguns dos capítulos que considerámos terem uma maior importância para o tema em análise.

²⁵⁶ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 148.

²⁵⁷ *Ibidem.*

²⁵⁸ *Ibidem.*

²⁵⁹ *Ibidem.*

No capítulo intitulado "Princípios", Maria José Canuto descreve o significado de Economia Doméstica como, aliás, se vem a notar ser prática comum em publicações sobre esta temática. "A economia doméstica é a boa administração de uma casa; é o equilíbrio entre a receita e a despesa; é a fonte da paz e do bem estar das famílias."²⁶⁰ Para a autora, a gestão da casa deveria ser deixada, exclusivamente, ao cargo da mulher e devia assentar numa política de poupança²⁶¹. Ressalva ainda a importância destes assuntos serem ministrados às raparigas no ambiente escolar para que, desde cedo, aprendessem o governo do lar.

No capítulo dedicado à "Ordem", fala-se da importância de realizar as tarefas domésticas em horários pré-definidos e de ter um lugar fixo para cada objecto, de modo a facilitar a sua obtenção aquando da realização das tarefas, como também para facilitar a sua arrumação posterior evitando assim o caos e a "desordem, inimiga da boa administração".²⁶²

Nos capítulos seguintes, que revelam pouco interesse para o estudo presente, fala-se, por exemplo, sobre o asseio da habitação e da sua importância para a saúde da família, dos cuidados a ter com o dinheiro familiar e da importância da poupança assim como de assuntos relacionados com a relação com as criadas, entre outros.

No capítulo relacionado com a "Mobília", (que nos aparece somente no número 35) a autora descreve-nos um seu modelo de casa que, para ela, seria o ideal. É curioso que, sendo o periódico dirigido a senhoras da classe média, ela nos descreva como o seu ideal de habitação, uma casa simples do campo. Maria José não concebe este modelo para apresentar uma solução de organização do espaço como o faz Beecher ou Frederick, mas sim para exemplificar que uma casa simples ou até pobre, bem organizada é tão acolhedora como uma casa luxuosa. Dependeria do trabalho da dona de casa e da escolha dos móveis mais apropriados

²⁶⁰ CANUTO, Maria José da Silva – Princípios. **A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias**. Ano 1, nº 22, p. 170.

²⁶¹ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 149.

²⁶² CANUTO, Maria José da Silva – Ordem. *op. cit.*, p. 170.

ao espaço. “Está-se ali tão bem como se está num salão guarneido de moveis estufados; como se está em qualquer casa rescendente a aceio.”²⁶³

Ainda dentro do capítulo da mobília prossegue para a enumeração de diversos utensílios uteis para a limpeza da casa e o modo de usar cada um deles da melhor forma. Faz uma breve menção à cozinha, mas somente para advertir para o facto de que deveria estar sempre limpa e nomeia a frequência com que se deveria lavar a chaminé e tratar do lixo caseiro.

Avançando alguns capítulos mais, dentro do capítulo dedicado à "Baixella", Maria José faz uma breve referência aos armários da loiça: “O arranjo e a disposição das prateleiras e dos armários, onde se guarda a loiça de serviço, não deve ser indifferente á boa dona de casa”²⁶⁴ demonstrando alguma preocupação com o modo como as coisas estariam arranjadas dentro do espaço da cozinha, embora de um modo muito mais singelo e diminuto comparativamente às mulheres anteriormente estudadas. Faz ainda breve menção a vários tipos de loiça e utensílios e o melhor modo de os limpar e manter em bom estado de conservação. Um dos tipos de loiça mencionado como útil trata-se da loiça preta das Beiras, “embora salientasse que os objectos mereciam ainda alguns aperfeiçoamentos”.²⁶⁵

Um outro capítulo com elevada importância é o referente aos "Combustíveis". Alertava para o seu custo quase proibitivo nas cidades e, como tal, oferecia uma série de instruções precisas para que houvesse o mínimo de desperdício possíveis como, diâmetros específicos para toros e achas de lenha; “aconselhava a utilização de hulha nos fogareiros, fogões e na barrela”²⁶⁶ e, finalmente, mencionava as bolas compostas por resíduos de carvão amassado com água de barro. Este tipo de combustível era bastante mais barato que os anteriores e Maria

²⁶³ CANUTO, Maria José da Silva – Mobília. **A Mulher, Revista Illustrada das Famílias**. Ano 1, nº 35, p. 274.

²⁶⁴ CANUTO, Maria José da Silva – Baixella. **A Mulher, Revista Illustrada das Famílias**. Ano 1, nº 41, p. 323.

²⁶⁵ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 150.

²⁶⁶ *Ibidem*.

José aconselha-o como um bom “auxiliar para a cozinha pobre, e também para a remedeada”²⁶⁷.

Em último lugar, temos como artigo de algum interesse para o presente estudo, o relacionado com os "Fogões de Sala". Maria José considera-os indispensáveis nas casas mais abastadas. Refere, em seguida, os fogões portáteis de ferro como um meio um pouco mais económico mas, ao mesmo tempo, insalubre. Este fogão de ferro poderia desdobrar-se em aparelho calorífico e lume para pequenas refeições, chá ou café de famílias com menos posses.

Finalmente, refere o sistema de vapor que funcionava através de caldeira fazendo a ressalva de que se tratava de uma solução muito económica e capaz de agradar às famílias menos abastadas.²⁶⁸

Após a leitura dos escritos de Maria José Canuto, consegue concluir-se que as suas ideias não seriam tão inovadoras e revolucionárias como as propostas americanas. No entanto, e tendo em conta a diferença cultural entre ambos os países, é de louvar a preocupação da autora com a instrução feminina e com o correcto cumprimento das actividades domésticas. Este conjunto de artigos, embora apenas relatasse algumas teorias e conjuntos de objectos adequados para uma correcta actividade doméstica, seria o mais próximo que teríamos, a nível nacional, dos objectivos e propostas americanas. Apesar de mais simples, revela um pouco mais a maneira como a mulher vivia e era vista no final do século XIX conseguindo ainda debruçar-se sobre alguns dos assuntos da domesticidade como ninguém o tinha feito antes. Supõe-se que Maria José Canuto não estaria a par dos escritos das suas “colegas” já que, embora algumas publicações estrangeiras fossem sendo notícia na revista *A Mulher*, o livro de Beecher nunca foi mencionado²⁶⁹ e esse facto é, por si só, surpreendente.

²⁶⁷ CANUTO, Maria José da Silva – Combustíveis. *A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias*. Ano 1, nº 43, p. 338.

²⁶⁸ CANUTO, Maria José da Silva – Fogões de Sala. *A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias*. Ano 1, nº 44, p. 346.

²⁶⁹ CUNCA, Raul – *op. cit.*, p. 149.

No seguimento d'*A Mulher*, outros periódicos foram sendo publicados com mais ou menos interesse, mas, na sua totalidade, o assunto da economia doméstica não voltará a atingir a importância dos textos escritos por Maria José Canuto, a pioneira portuguesa.

4.1.2 PUBLICAÇÕES

A par dos periódicos femininos, foram sendo publicados uma série de manuais destinados às mulheres que visavam ser grandes auxílios no que toca ao governo do lar.

Muitos dos manuais consultados, embora revelassem títulos promissores, não eram mais do que grandes livros de receitas e/ou uma espécie de enciclopédia dos alimentos. Pese embora consigamos perceber a sua utilidade, não se enquadram, na totalidade no tema que tentamos analisar. Para além disso, e na impossibilidade de consultar o espólio completo, foi feita uma selecção de publicações que nos pareceram interessantes.

Em 1893, é publicado o livro *Economia Doméstica com os preceitos de hygiene applicados à vida e arranjos de casa* pela Academia Real de Sciencias. Como já foi referido no capítulo 2.1, este livro foi publicado com o intuito ser distribuído gratuitamente pelas famílias e tratava, naturalmente, de assuntos relacionados com a hygiene, não só pessoal, mas também da casa, assim como da temática da preparação dos alimentos, entre outros assuntos já mencionados.

Nesta publicação não há qualquer tipo de referência aos trabalhos específicos da cozinha nem sequer do espaço em si. No entanto, os autores dão bastante valor ao espaço doméstico e afirmam que qualquer casa poderia ser bela, independentemente do grau de riqueza de cada um, fosse empregue o bom gosto e, principalmente, o asseio e a limpeza.

“Ricos e pobres gostam por equal instinctivamente do bello, e é bem de crer que predomine entre os pobres a idéa de que, no campo das despezas, a beleza das suas casas excede muito as suas posses. Mas onde não há dinheiro para gastar, quer na mobília quer na decoração, a casa pode ainda apresentar uma bella

aparência, havendo bom gosto e evitando-se o que é vulgar. A ordem é a primeira lei do céu, e a limpeza é filha de Deus. [...] A ordem, o asseio e o arranjo são elementos essencialmente constitutivos da formosura de uma casa, e em qualquer, embora modesta, se podem eles atingir.”²⁷⁰

Referem ainda a importância de conciliar o “bello” com o “útil”, revelando já alguma preocupação com a função dos objectos e, possivelmente, do espaço.

Por outro lado, a mulher é vista e descrita como responsável por tudo dentro da casa, desde o trabalho doméstico à decoração e à preocupação com o bem estar, não só psicológico, mas também físico de toda a família como, aliás, se vai tornar comum em todas as publicações. A mulher é louvada mas, ao mesmo tempo, escravizada sem dar conta.



Fig. 30 | Folha de rosto do livro de Carlos Bento da Maia.

Em 1904, surge-nos o *Tratado Completo de Cozinha e de Copa* pelas mãos de Carlos Bento da Maia (datas desconhecidas). Cerca de 90% desta publicação trata de receitas de culinária para a dona de casa.

No entanto, antes de apresentar essas receitas, Carlos da Maia fala-nos um pouco da economia doméstica. Também ele, tal como Maria Amália Carvalho ou Maria José Canuto, afirma que a educação das meninas, na época, não as preparava na totalidade para a vida doméstica, daí que o seu manual lhes fosse indispensável.²⁷¹

Mais uma vez, é mencionada a importância da higiene e do asseio no lar, assim como a utilidade de certos objectos, neste caso aplicada directamente à cozinha.

“Não é agradável o trabalho da cozinha, quando a casa destinada a ele está em más condições de limpeza e de luz, e desprovida dos

²⁷⁰ NEWSHOLME, Arthur ; SCOTT, Margarida Leonor – *op. cit.*, p. 171.

²⁷¹ MAIA, Carlos Bento da – **Tratado Completo de Cozinha e de Copa**. Lisboa, 1904, p. 5.

utensílios necessários; mas, numa boa cozinha, e com esses utensílios, chega a ser muito agradável cozinhar..."²⁷²

Carlos da Maia procede recomendando os fogões a gás para quem residisse nas cidades dada a sua facilidade de manuseio e controlo do calor "necessário para bem executar qualquer operação".²⁷³ Na impossibilidade de ter um destes fogões, por falta de gás canalizado somente existente em algumas cidades, o autor dá preferência aos "fogões de fogo circulante"²⁷⁴, ao invés dos fogareiros dado o seu limitado número de funções e preço elevado do combustível necessário.²⁷⁵

Tal como Maria José Canuto o havia feito, também Carlos da Maia dedica uma pequena parte do seu manual à baixela de cozinha. Nestas páginas descreve, um a um, os objectos necessários para a correcta preparação e confecção dos alimentos. Aconselha o tipo de material e o tamanho de alguns dos objectos, por exemplo, das tábuas:

"Taboa de picar – Deve ser de madeira rija, freixo por exemplo, e bem aplainada.

Taboa de amanhar o peixe – Deve ser aplainada, bastante larga e comprida, para sobre éla se colocar e preparar o peixe sem perigo de sujar as mesas.

Taboa de estender massas – Deve ser bem plana. [...] Em lugar da taboa póde empregar se, porventura com vantagem, um plano de mármore polido."²⁷⁶

O autor procede então à explicação do serviço à mesa e de como este se deveria processar, assim como a disposição dos pratos, copos, talheres e decorações centrais da mesa. De seguida, parte para assuntos relacionados com as toalhas de mesa e guardanapos, para além de enumerar que tipos de vinho havia a dona de casa servir com cada prato e, finalmente, sobre a maneira adequada de proceder à limpeza da baixela de cozinha.²⁷⁷

²⁷² *Ibidem*, p. 6.

²⁷³ *Ibidem*, p. 7.

²⁷⁴ *Ibidem*.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 8.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 9.

²⁷⁷ *Ibidem*, pp. 14-23.

Podemos considerar que, ao longo destas páginas, Carlos da Maia nos apresenta algumas ideias relevantes para a organização do espaço da cozinha, embora não fossem apresentadas como tal.

Dois anos mais tarde, em 1906, é publicado um pequeno manual, quase como um fascículo, para auxiliar no ensino da economia doméstica às jovens raparigas de Angola.

Faz-se pouca menção à organização da cozinha, sendo só levantada a questão do fogão de uma maneira muito breve, dando preferência a assuntos relacionados com a higiene e preceito²⁷⁸, por exemplo. É, contudo, de louvar a criação deste pequeno manual, que visava levar os conhecimentos portugueses para mais longe.

Maria Lúcia (1909-2000), quase 40 anos depois, volta a falar da problemática do ensino doméstico e de como este ainda não estava completamente resolvido, apesar da existência de cursos para raparigas.

Em plena Segunda Guerra Mundial, e num período em que o regime do Estado Novo se afirmava no nosso país, a autora apresenta uma série de soluções e auxílios para as tarefas do lar tendo sempre em conta a escassez de bens pelas quais muitas famílias passavam, ou assim se depreende pela leitura do manual.

Numa secção do manual referente às casas portuguesas e ao seu interior, Maria Lúcia faz uma descrição valorizando as características e objectos encontrados em habitações por Portugal fora, tentando mostrar às mulheres que era simples conseguir uma casa bonita e acolhedora com aquilo que o nosso país produzia.

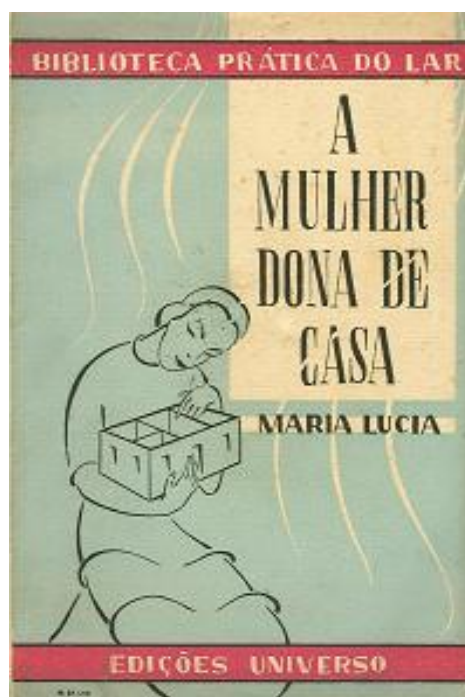


Fig. 31 | Capa do livro de Maria Lúcia.

²⁷⁸ DELGADO, R. – **Primeiras Lições de Economia Doméstica. Para uso das escolas, collegios e asylos.** Lisboa, 1906.

"Os tetos de traves e de maceira, as paredes de azulejos, os pavimentos de teolos e ladrilhos, as varandas e os balcões alpendrados, os registos e nichos devotos, as adufas, os postigos, são pormenores encantadores, de que as donas de casa devem tirar o máximo partido.

Possuímos mobiliário lindo e variado, desde os ingénuos e alegres trastes alentejanos aos rendilhados paus-santos manuelinos. As nossas pratas são admiráveis. As filigranas, delicadíssimas, não têm par. Temos em Vista Alegre faianças preciosas, e tapetes raros em Arraiolos. Temos as rendas de Peniche e Vila do Conde. E a olaria, as indústrias artísticas populares de madeira e de miolo de figueira, as esteiras, as vergas, os bordados de Viana do Castelo, Guimarães, Tibaldinho, Castelo Branco, Nisa, Madeira e Açores; temos as chitas de Alcobaça, os linhos adamascados de Torres Novas, e mais, e muito mais, que ultrapassa dez vezes o necessário para darmos à nossa casa conforto, graça, carácter, arte, e beleza."²⁷⁹

Em relação à cozinha, mais uma vez, não há nada em concreto que nos fale da organização da planta ou dos móveis. É, sim, apresentado um horário ilustrativo das tarefas domésticas que a mulher deveria desempenhar numa base semanal, mensal e anual de modo a ajudá-la a gerir bem o seu tempo e manter a casa sempre em condições. Podemos assim considerar que seria um tímido início da

representação portuguesa de algo semelhante à racionalização de tarefas apresentado pelas autoras norte-americanas.

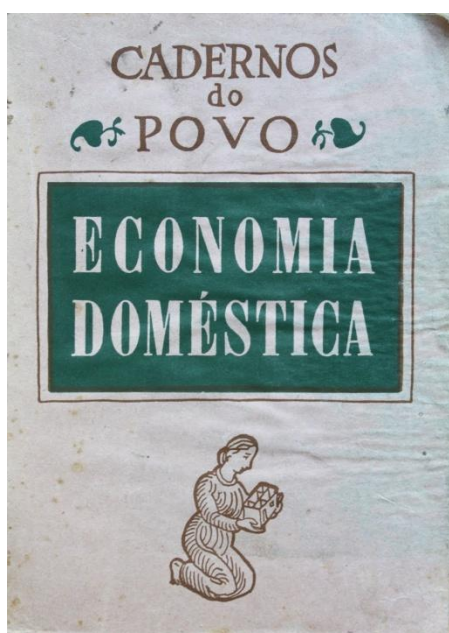


Fig. 32 | Capa do livro de Manuel Calvet de Magalhães.

Três anos mais tarde, temos uma publicação de Manuel Maria Calvet de Magalhães (1913 - 1974), influente pedagogo e dono de uma série de publicações importantes no campo da intervenção social, intitulada *Economia Doméstica*.

Sendo ele um amante da educação, considerava a economia doméstica indispensável e afirmava que o seu bom

²⁷⁹ LUCIA, Maria – **A Mulher Dona de Casa**. Lisboa, 1943, p. 29.

conhecimento era da maior importância, e este manual serviria, então, para ajudar nessa instrução.

“A ciência do lar é uma enciclopédia que faz mais sólida e mais humana a cultura feminina; faz amar mais e melhor o lar convertendo a mulher no véu do fogo sagrado da ilusão, que assegura sua felicidade a de todos os seus.”²⁸⁰

Assim como Maria Lúcia, também o autor apresenta um horário minucioso para o cumprimento das tarefas domésticas - tema que se tinha tornado recorrente em publicações idênticas. É pertinente salientar aqui, que a leitura deste manual revelou semelhanças extremas com o manual de Maria Lúcia, inclusive excertos iguais, palavra por palavra, sem qualquer citação ou referência bibliográfica. Podemos depreender que o livro de Calvet de Magalhães se trataria de uma continuação e um estudo mais aprofundado daquilo que teria sido iniciado pela autora.

É neste manual que encontramos uma referência específica à cozinha e à importância da organização do espaço. O autor toma como ponto de partida as "casas mais simples" onde a cozinha servia de "casa de jantar e de estar, ou seja, portanto, o sítio onde se preparam os alimentos, onde se come e onde os membros da família se reúnem nas horas vagas do dia e ao serão."²⁸¹ Por esta razão, Calvet de Magalhães considera que a cozinha precisaria de ser um espaço amplo, "não devendo ter menos de 20 a 25 m² [...] no caso de se destinar a 4 ou 5 pessoas. Se a família for numerosa, acrescenta-se [...] mais 1 ou 2 m² por cada indivíduo".²⁸²

Procede afirmando que a cozinha deveria ser bem arejada e iluminada, contrariando as antigas cozinhas habitualmente "escuras, sujas, constantemente cheias de fumo"²⁸³, possibilitando, deste modo, à mulher um total controlo sobre tudo o que se passa à sua volta.

Manuel Calvet de Magalhães divide o espaço desta cozinha "simples" em três zonas: uma zona para a toma da refeição, uma outra para cozinhar e, finalmente, a última zona para as lavagens que se localizaria nas traseiras ou numa varanda. É nesta última zona que o autor sugere a colocação da pia.

²⁸⁰ MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de – **Economia Doméstica**. Lisboa, 1946, pp. 7-8.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 28.

²⁸² *Ibidem*.

²⁸³ *Ibidem*.

No que diz respeito à arrumação, afirma que na cozinha deve haver armários "metidos na parede ou pouco salientes para não roubarem espaço"²⁸⁴, ao invés de prateleiras de modo a evitar a acumulação de pó na loiça. "Hoje, há os armários da cozinha, muito practicos, e onde a loiça ficará guardada, ao abrigo das poeiras. Adopte-os, mas vigie a maneira como são limpos interiormente."²⁸⁵

Sugere, ainda, uma série de exemplos de renovação, e mesmo de criação, de determinados móveis para auxiliar a dona de casa com a organização do espaço sem gastar muito dinheiro. Incluídas nestas propostas, sempre de baixo custo, estão dois exemplos de bancadas para cozinhas sem lavatório.

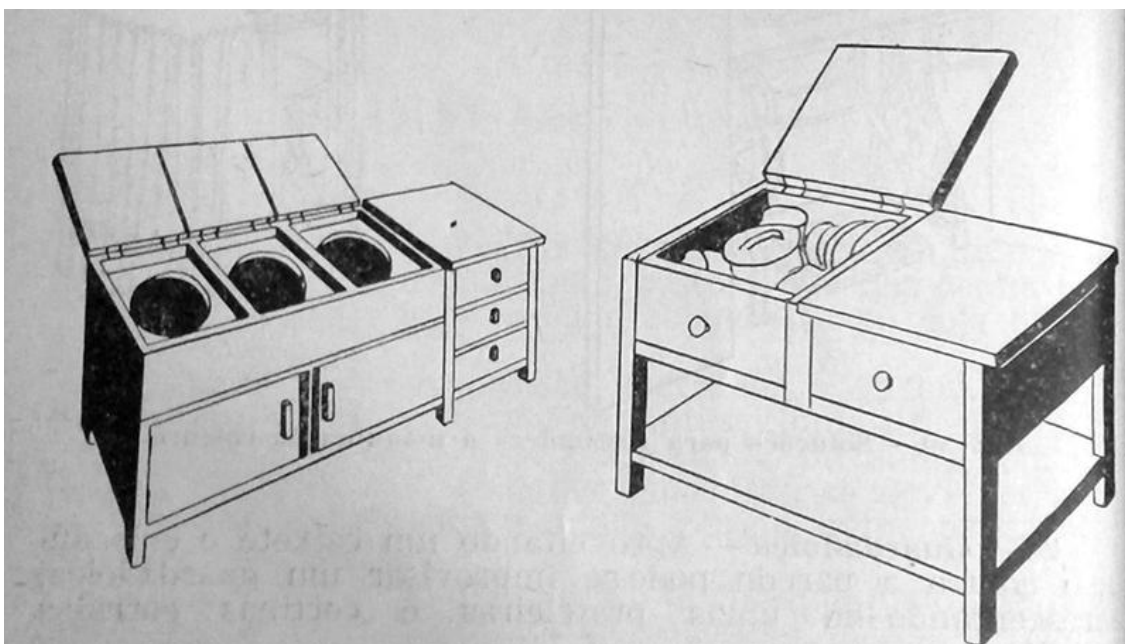


Fig. 33 | Exemplos de bancadas de cozinha sugeridas por Manuel Magalhães.

Os buracos serviriam para que se pudessem colocar os alguidares durante a lavagem da loiça, e as gavetas "guardam" a loiça suja até ao momento da limpeza, para que não esteja à vista de toda a gente. O autor acrescenta que seria imperativo que as gavetas fossem retiradas e limpas todos os dias de modo a evitar maus cheiros e acumulação de lixo.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 29.

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 95.

"No meio da cozinha, deve existir uma mesa grande e sólida, com algumas gavetas. Nela se prepararão os alimentos antes de irem ao lume e se arranjarão os pratos para irem para a casa de jantar."²⁸⁶

Um pouco à semelhança do que fizeram as autoras norte-americanas, Manuel Calvet de Magalhães escreve que na cozinha deviam estar dois armários, um deles feito de rede para se guardar produtos alimentares, nomeadamente "as carnes e as hortaliças, etc."²⁸⁷ Termina esta questão dos móveis acrescentando o interesse de haver "uma arameira, cadeiras de madeira, bancos, um relógio de parede, uma gaiola de rede [...] e um candeeiro."

Finalmente, e é aqui que se torna notória a semelhança com a publicação de Maria Lúcia, o autor fala-nos da importância fundamental da presença do fogão ou fogareiro. Dado o carácter mais minucioso e completo da publicação de Calvet de Magalhães, decidimos seguir a sua obra, ao invés da de Maria Lúcia.

O autor descreve, então, os tipos de fogões disponíveis na altura, e classifica, à partida, os fogões eléctricos como estando na categoria de "coisas inacessíveis".²⁸⁸ (Lembremo-nos que escrevia sobre uma casa simples, possivelmente de uma família de classe média-baixa.)

Sugere os fogões de lenha "cuja chapa é inteira, sem buracos, e não mascarrando, assim, as panelas"²⁸⁹, pois os outros tornar-se-iam pouco limpos e dificultariam as tarefas de limpeza da cozinha. Seguindo esta linha de pensamento, sugere os fogões a gás, muito mais limpos e económicos que os a carvão, mas adverte para o perigo e aconselha a que as "pessoas descuidadas e imprevidentes"²⁹⁰ não escolham este método. Em último lugar, refere ainda o fogão de petróleo que se tornaria útil se fosse bem tratado e, reforça, limpo.

"O grande luxo da cozinha é a limpeza."²⁹¹

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 94.

²⁸⁷ *Ibidem*.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 98.

²⁸⁹ *Ibidem*.

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 94.

A partir de 1955 até 1958²⁹² são publicados uma série de volumes escritos por Laura Santos, pertencentes a uma colecção com o seu nome, cuja temática revolve em torno da mulher, do seu papel no lar enquanto esposa e mãe e de temas que lhes fossem úteis ou interessantes. Em dois destes manuais, Laura Santos escreve sobre a economia doméstica e sobre o governo do lar.

Diz-nos a autora: "A dona de casa não deve entregar cegamente a cozinha ao simples comando e critério da cozinheira, sob o pretexto de que esta é a sabedora e com prática."²⁹³ Este facto prende-se com a questão da diminuição do pessoal servente na maioria das casas portuguesas desde o início do século XX. As mulheres deveriam estar preparadas para o governo do lar, assim como para todas as tarefas a desempenhar na cozinha, pois poderiam ter que dispensar as criadas. Mesmo não sendo esse o caso, era importante supervisionar o trabalho dos serventes, de modo que tudo fosse feito com brio e preceito e, para tal, era necessário saber como se fazem as coisas.

Laura Santos aconselha às donas de casa portuguesas a compra de um frigorífico embora, na Europa, ainda fosse considerado como um objecto de luxo enquanto nos EUA já se tinha transformado num electrodoméstico vulgar.

É feita, então, referência aos prédios modernos e ao facto de os arquitectos conceberem "cozinhas verdadeiramente maravilhosas". Laura Santos descreve estas cozinhas de tal modo que parecem uma fantasia utópica, inigualável e inalcançável:

"[...] há-as, cujas paredes, chão, lavadouros de louça e roupa, mesas, chaminés e prateleiras, são de mármore, no nosso mármore de tons tão suaves e que aliado ao branco esmaltado do fogão, frigorífico, esquentador, etc., nos faz esfregar os olhos e pensar se de fato essas cozinhas são uma realidade."²⁹⁴

Esta nova cozinha seria o sonho de todas as donas de casa mas, na impossibilidade de possuir todos os luxos da cozinha moderna, Laura Santos

²⁹² Os livros consultados não apresentam nenhuma data impressa. As datas anunciadas são baseadas na base de dados da Biblioteca Nacional.

²⁹³ SANTOS, Laura, LEBRUN, Josett – **A Perfeita Dona de Casa. A mulher e a família. Etiqueta, conselhos de economia doméstica, preceitos sobre o governo do lar, decoração, modelos de móveis e cortinados, o bebé.** Lisboa, 1955, p. 55.

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 181.

escreve que todas deveriam ter, pelo menos, os "indispensáveis para a facilidade de trabalho da higiene e da alegria de quem lida."²⁹⁵

A mesa da cozinha seria completamente diferente das "antigas e inestéticas". As gavetas estariam dispostas ao alto de modo a deixar espaço livre suficiente para se tomar a refeição confortavelmente. Todos os utensílios seriam guardados nos armários respectivos.

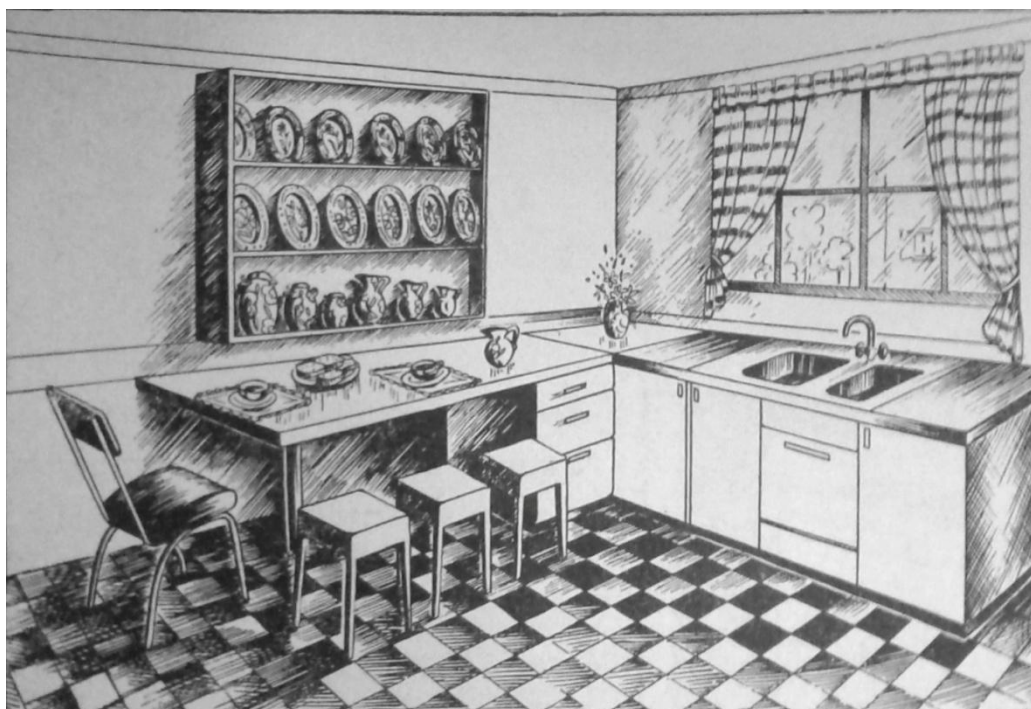


Fig. 34|Ilustração de cozinha, incluindo a mesa de refeição, presente no livro de Laura Santos.

Pelo que se pode apurar da leitura deste e de outros manuais da mesma época, há registos de menções a estudos realizados sobre a racionalização das tarefas de modo a aligeirar o trabalho e, conseqüente, esforço da dona de casa. Talvez tenha sido nesta altura que os estudos alemães, ou mesmo os americanos, tenham ganho algum reconhecimento e popularidade em Portugal. Não há registo destes estudos terem sido efectuados por portugueses.

²⁹⁵ *Ibidem.*

Para todas as mulheres que não possuíssem uma cozinha recheada com estes recursos indispensáveis, Laura Santos apresenta um armário específico, ao qual chama "o armário maravilhoso"²⁹⁶, que permitia uma arrumação perfeita e organizada de todos os instrumentos referentes às tarefas domésticas e, claro, às tarefas da cozinha.

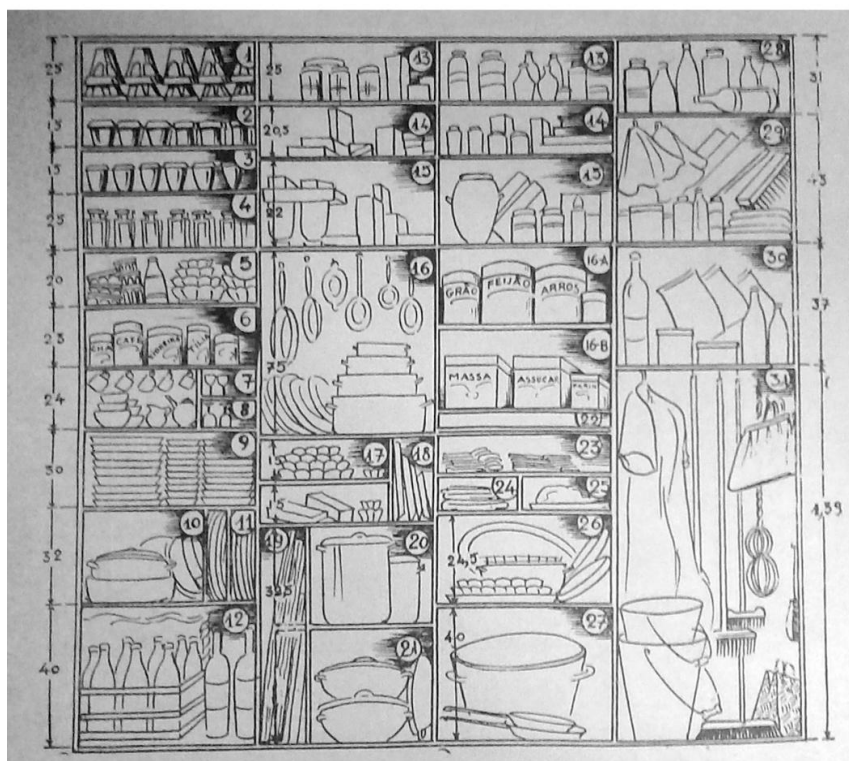
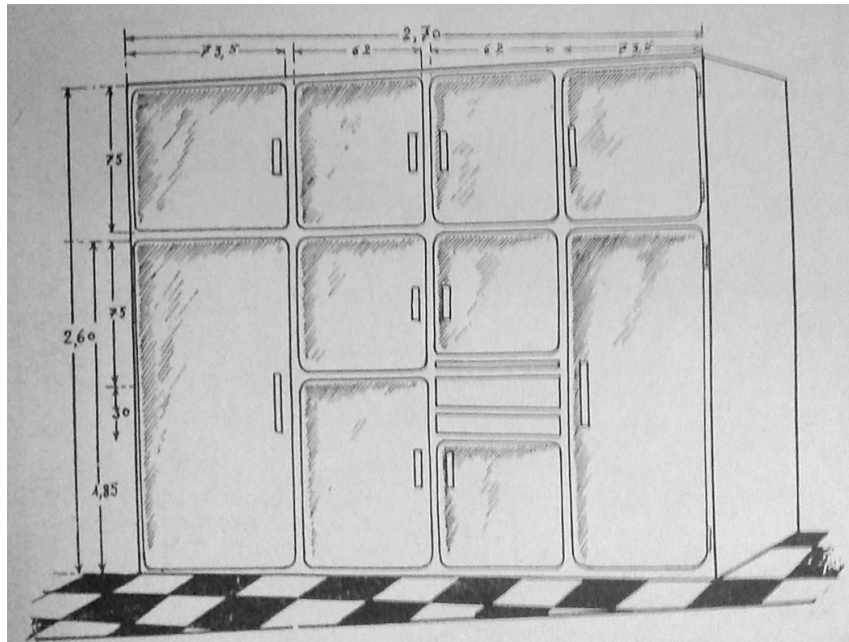


Fig. 35 e 36 | Ilustrações do exterior e interior do "armário maravilhoso" de Laura Santos.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 182.

Não é claro se este móvel é da autoria da autora ou se, simplesmente, o partilha com as leitoras. De qualquer modo, pareceu-nos interessante a sua análise.

O armário ilustrado no seu livro, apresentava medidas específicas (2,60 x 2,70m) mas a autora reforça que as medidas poderiam ser adaptadas a cada cozinha e às exigências de cada lar.

Segue-se uma transcrição da utilidade de cada um dos compartimentos numerados na imagem:

"1, 2, 3, 4. Tijelas e frascos para doces. Quando estão vazios enfileiram-se no alto do armário e descem-se os que estão cheios de doce.

5. Boiões de «yogurt», conchas de vieiras, formas de pudins.

6. Especiarias prontas a serem utilizadas. Chá, café e frascos com ervas medicinais para diversos chás.

7 e 8. Chávenas penduradas, pires, cafeteiras leiteira e copos.

9. Pratos rasos e de sopa.

10. Terrina, saladeiras, pratos cobertos.

11. Pratos redondos, arrumados em pé.

12. Grade de garrafas. Garrafas de azeite e vinagre.

13, 14, 15. Conservas e especiarias de reserva. Os boiões vazios substituem os boiões cheios.

16. Colocam-se as latas de açúcar, massa, feijão, grão, farinha, arroz.

17. 2 gavetas com as formas dos bolos.

18. Tabuleiros de pastelaria colocados em pé.

19. Tábuas para cortar a pastelaria.

20. Panelas.

21. Tachos de barro.

22. Tábua de cortar (virando-se para o exterior)

23. Gaveta dos talheres.

24. Gaveta dos guardanapos e toalhas de mesa ao serviço na ocasião.

25. Caixa do pão.

26. Louças próprias para ir ao forno.

27. Alguidar da louça, frigideiras altas e frigideiras baixas.

28. Frascos vazios.

29. Reserva de produtos de limpeza.

30. Produtos de limpeza em serviço, álcool desnaturalado, cera, etc.

31. Vassoura, blusas de limpeza, pás, escovas, saco das compras."²⁹⁷

Este móvel seria extremamente útil em cozinhas pouco espaçosas e desconfortáveis, resolvendo o problema da arrumação dos vários utensílios num local só, de fácil acesso.

Num outro manual, datado de 1958, Laura Santos aconselha a aplicação de uma pedra de mármore sobre a mesa da cozinha, caso não se trate de uma das casas modernas, que já trariam o mármore incorporado sobre os armários de arrumação.²⁹⁸ Reforça a utilidade da existência de água canalizada quente e fria na cozinha, de modo a que houvesse uma significativa poupança de tempo no que toca ao aquecimento da água para a lavagem da loiça, por exemplo.

A autora finaliza o seu texto relacionado com a cozinha com uma enumeração exaustiva de toda a bateria de cozinha necessária à dona de casa

começando pelos tachos e panelas, passando pelos tabuleiros e terminando nas pratas e utensílios.

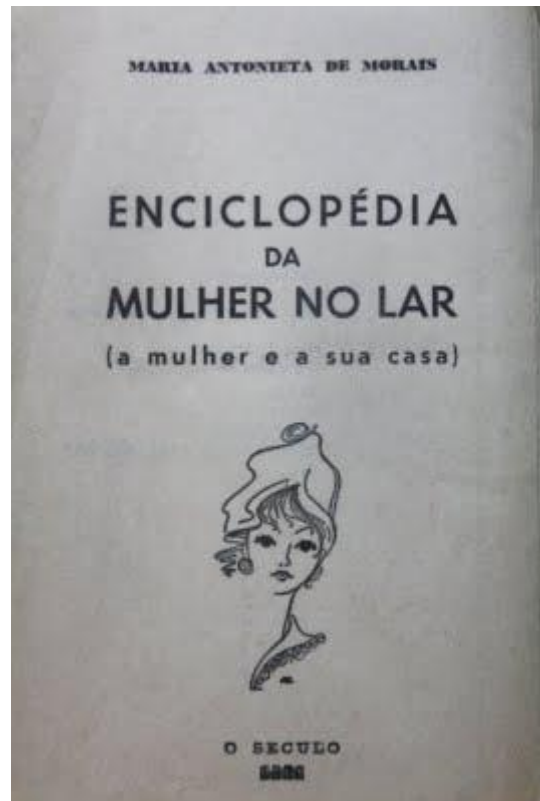


Fig. 37 | Folha de rosto do livro de Maria Antonieta de Moraes.

Finalmente, apresentamos como último manual que se revelou interessante para a temática em estudo, o de Maria Antonieta de Moraes (datas desconhecidas) e co-autoria de Ramiro da Fonseca (1911-1991) intitulado *Enciclopédia da Mulher no Lar (a mulher e a sua casa)*, já citado anteriormente.

Datado de 1972, é de notar que ainda se fala em donas de casa, pese embora talvez não do mesmo modo austero como antes.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 183-185.

²⁹⁸ SANTOS, Laura – *Noiva Esposa e Mãe...*, p. 242.

A cozinha é citada como o "centro da[...] maior actividade" da dona de casa, dando-lhe assim uma importância acrescida.

"Em seu próprio proveito, a dona de casa deve procurar fazer da sua cozinha um compartimento racionalmente disposto, continuamente enriquecido com tudo o que possa facilitar e abreviar as suas tarefas, fácil de limpar e conservar limpo, agradável à vista e onde se sintam bem, mais distraída que atarefada."²⁹⁹

Assim, Maria Antonieta de Moraes aconselha às donas de casa que, consoante o poder económico da sua família, pensem bem na hora de escolher um "móvel bonito para a sala [...] e uma máquina de lavar louça" pois é na cozinha que há um maior dispêndio de energia e seria necessário considerar tudo o que pudesse aligeirar a carga de trabalho.

Em seguida, apresenta-nos uma descrição bem mais modernizada e detalhada de como deveria ser este espaço de trabalho. Começando pelo chão, a autora recomenda que se use ladrilho de boa qualidade "impermeável às gorduras, insensível à humidade e refractário aos choques"³⁰⁰ e, para as paredes, aconselha tinta lavável, azulejos ou um material plástico. Tudo soluções de limpeza fácil e rápida. Na impossibilidade de obter ladrilho para o chão, Maria Antonieta Moraes refere a opção do linóleo.

No que toca à questão da iluminação, para a autora a cozinha devia ser bem iluminada durante o dia através de luz natural. Devia comportar uma "fonte de luz directa, suspensa do tecto por sobre o meio da cozinha" para iluminar geralmente todo o espaço. Este tipo de luminárias causam, por vezes, o problema de sombras projectadas na zona de trabalho e, para resolver esse problema, recorrer-se-ia a uma "fonte localizada, por meio de lâmpada com reflector".³⁰¹

As superfícies de trabalho cada vez mais se constituíam pelos tampo dos armários colocados ao longo das paredes, ao invés das clássicas mesas de cozinha "com tampo de madeira grossa, quatro pés a direito, duas gavetas e um armário às vezes."³⁰² Nem toda a dona de casa estava em situação financeira de adquirir

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 387.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 389.

³⁰¹ *Ibidem*.

³⁰² *Ibidem*, p. 394.

instalações deste calibre, não sendo totalmente posta de parte a hipótese de se adquirir uma mesa de trabalho. Assim, para que este objecto tivesse as melhores condições, deveria ser "suficientemente grande, sem obstruir o espaço [...], robusta e [...] fácil de limpar".³⁰³ O tampo, sendo usado como superfície de trabalho, assim como espaço de refeição, teria de ser resistente a várias condições, sendo elas: ao calor, ao choque, aos cortes e aos desgastes. Para isso, os melhores materiais a aplicar seriam o "o aço inoxidável, o alumínio, o linóleo, as matérias plásticas".³⁰⁴ Como complemento, a mesa poderia ainda ter algumas gavetas e ser fechada na parte inferior, transformando-a assim num armário. No entanto, esta solução, acaba por tornar a mesa pouco cómoda para a toma das refeições pois rouba espaço essencial para as pernas.

A respeito da arrumação de utensílios e baixela de cozinha, Maria Antonieta Morais escreve-nos sobre os armários a dispor ao longo de toda a parede sempre que fossem necessários. Seriam "de madeira pintada com uma tinta lavável, ou de metal, ou de material plástico. Portas de correr ou dobradiças, como se quiser".³⁰⁵ A autora indica-nos também que os armários tinham de estar à altura do lava-loiça. Como complemento a estes, outros poderiam ser ainda pregados à parede, por cima da superfície de trabalho preferencialmente com portas de correr para evitar a hipótese de acidentes. O tampo inferior devia estar a 1,60m do chão, ou consoante a altura da dona de casa.

"A dona de casa passa uma boa parte da sua vida na cozinha, continuamente de um lado para o outro, e sem se aperceber disso percorre quilómetros entre aquelas quatro paredes. E, como precisa de se poupar, precisa de organizar a sua cozinha de modo a simplificar ao máximo as suas tarefas, reduzir o tempo de trabalho e eliminar os movimentos e esforços inúteis."³⁰⁶

Maria Antonieta Morais prossegue o seu texto, fazendo algo que ainda não tinha sido escrito por nenhuma autora portuguesa - à parte do que acontece nos estudos referidos no capítulo 4. Define cinco centros de trabalho na cozinha, um pouco à semelhança do que tinham feito Christine Frederick e Hildegard Kneeland. Não se

³⁰³ *Ibidem*.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ *Ibidem*, p. 395.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 430.

sabe se a autora baseou esta sua classificação com base em estudos de outrém, embora alguns parágrafos apareçam entre aspas sem no entanto haver qualquer nota bibliográfica. Não deixa, contudo, de ser uma secção com elevada importância, interesse e inovação.

A cada um destes centros de trabalho, corresponderia "uma dada função, um certo equipamento e um espaço"³⁰⁷ que permitisse a execução das tarefas sem qualquer impedimento ou empecilho.

Os cinco centros dividir-se-iam então nas seguintes categorias: "conservação dos alimentos, preparação, lavagem, cozinhado e apresentação."³⁰⁸

Ao primeiro centro - conservação - corresponde o frigorífico e os armários destinados à arrumação dos bens perecíveis e de consumo. "Este centro deve ficar à entrada da cozinha".³⁰⁹

A preparação, necessitaria de uma superfície de trabalho - idealmente os tampos dos armários anteriormente mencionados ou a mesa de trabalho. Os armários deviam conter um balde "para nele deitar os resíduos" para além de todo o material necessário à preparação dos alimentos. Frisa a autora que, "o essencial é ter tudo à mão".³¹⁰

O terceiro centro, correspondendo à lavagem, incluiria o lava loiça "servido por água fria e quente"³¹¹ onde se lavariam os alimentos preparados no centro anterior.

Para a confecção, é necessário o fogão ao lado do qual estaria mais um armário com os utensílios necessários e os condimentos.

Finalmente, o centro de apresentação consiste em mais uma superfície de trabalho - novamente o tampo dos armários que conteriam todo o material necessário à execução da tarefa - onde se emprataria a refeição antes de servir. Para isso, devia estar colocado junto à porta de comunicação com a sala de jantar.

Estas descrições, eram acompanhados de uma nota que dizia que as medidas dos planos de trabalho deviam ser calculados tendo em conta o trabalho a executar

³⁰⁷ *Ibidem.*

³⁰⁸ *Ibidem.*

³⁰⁹ *Ibidem.*

³¹⁰ *Ibidem*, p. 431.

³¹¹ *Ibidem.*

de pé e aquele que poderia ser efectuado numa posição sentada. Eram indicadas algumas medidas que auxiliavam na organização do espaço.

"Dispondo este cinco centros em continuidade uns dos outros, a dona de casa evitará andar continuamente – e inutilmente – num vaivém fatigante que a pouco e pouco a vai desgastando."³¹²

Estas considerações da autora, em relação à dona de casa e ao espaço da cozinha, revelam-nos uma preocupação com a racionalização das tarefas e aproxima-a de Christine Frederick, embora quase 60 longos anos depois.

³¹² *Ibidem.*

CONCLUSÃO

Durante o percurso desta investigação, procurou-se fazer uma análise do que se passou em Portugal no que diz respeito ao design do espaço da cozinha. Para isso, a contextualização do que se passava para além dos limites do nosso país revelou-se muito importante.

É com a chegada das inovações tecnológicas que surgem oportunidades para uma maior evolução do espaço doméstico. Começando pela iluminação a gás, passando pelo sistema de esgotos e canalização, estas inovações, que se deram na segunda metade do século XIX, vieram resolver uma série de dificuldades sentidas pela população. É esta primeira resolução de problemas que abre caminho para o trabalho das autoras norte americanas.

Pode-se afirmar, com toda a certeza, que, sem o trabalho desenvolvido por Catherine Beecher e Christine Frederick, o design deste espaço tão importante a qualquer casa, não teria evoluído do mesmo modo. Arriscar-me-ia a dizer que, se tivesse sido um grupo de homens a tratar dos assuntos da racionalização das tarefas domésticas e da ineficiência das cozinhas, muitos anos se teriam passado sem que nada de revolucionário acontecesse. A mulher era a dona de casa e, como tal, só ela saberia o que se passava dentro dos limites da cozinha e o que seria necessário mudar para que se tornasse tudo mais harmonioso e simplificado.

Estes estudos desenvolvidos pelas autoras norte americanas não teriam sido possíveis, no entanto, se não tivesse havido uma preocupação por parte das mulheres em lutarem pelos seus direitos enquanto cidadãos.

No início do século XIX, as mulheres trabalhadoras queixavam-se das elevadas cargas horárias, dos seus salários extremamente mal pagos para além de ainda acumularem todo o trabalho doméstico. Vivia-se um momento de inferiorização extrema da mulher e foi o movimento feminista que veio agitar as águas e dar voz a uma mulher, até então, tímida e submissa.

Consideramos que todas as reivindicações que advieram dos movimentos feministas internacionais, são de uma extrema importância pois, sem elas, a mulher não teria ganho uma posição relevante num mundo governado por

homens. Só assim foi possível que os estudos de Beecher e Frederick chegassem tão longe.

Deste modo, conclui-se que foi nos Estados Unidos da América que se deram os primeiros, e muito importantes, passos para a racionalização das tarefas domésticas, proporcionando à mulher um trabalho mais facilidade e agradável.

Na Europa, nomeadamente na Alemanha, os estudos das autoras norte americanas foram preconizados por Erna Meyer, Margarete Shütte-Lihotsky, e também por Alexander Klein, embora aplicados num contexto de habitação mínima.

É de salientar, no entanto, que na Europa o tema da simplificação do espaço doméstico se insere mais num contexto arquitectónico, ao contrário do que acontecia nos EUA em que a cozinha era considerada como uma divisão autónoma.

É, mais uma vez, dado destaque à dona de casa fazendo por incluí-la no processo da organização do espaço e das tarefas. Margarete Shütte-Lihotsky acaba então por criar uma tipologia de cozinha que se tornaria extremamente popular na Alemanha com a vantagem de ser económica e, em certa parte, modular.

Toda esta ideia de racionalização das tarefas e organização do espaço da cozinha, tinha como objectivo libertar a mulher da complicação diária das tarefas e aligeirar a sua carga. Não só isto seria vantajoso para a típica dona de casa como, mais ainda, para as operárias que teriam de se dividir entre o trabalho doméstico e o trabalho da fábrica. Num terceiro aspecto, esta simplificação também se relacionava com a diminuição do número de serventes e da necessidade da mulher em aprender a realizar as tarefas até então delegadas a outrem.

É importante referir que não só a reorganização do espaço foi importante para que a cozinha se tornasse num espaço metódico e sistemático. A evolução dos objectos e electrodomésticos também contribuíram, em grande escala, para o sucesso destas mudanças.

No nosso país, encontramos também um pequeno conjunto de mulheres que escreveram sobre a conjuntura feminina, embora de um modo muito mais conservador e tímido. Era gritante a desigualdade que se sentia em Portugal entre

os homens, donos e senhores de tudo, e as mulheres, submissas e escravas à sua vontade.

Esta situação só vem a piorar durante o regime do Estado Novo que cria um ideal de mulher, aparentemente enaltecendo-a mas que, na realidade, a tornava ainda mais escrava do lar e da família.

É no âmbito desta desigualdade sentida pelas mulheres portuguesas, que aparecem os primeiros textos alertando a mulher para que pensasse no que se estava a tornar. A questão da correcta educação das mulheres era um dos assuntos em debate, educação essa, que passava pelo ensinamento dos preceitos do lar.

Começam então a encontrar-se alguns textos relacionados com o governo da casa e dos afazeres domésticos e é em Maria José da Silva Canuto que encontramos uma figura que se pode comparar com as autoras estrangeiras já mencionadas.

A autora apresenta-nos uma série de textos, publicados no periódico *A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias*, relacionados com a gestão doméstica. Certamente, não se podem considerar os escritos de Maria José Canuto tão inovadores e revolucionários como os de Frederick, por exemplo, mas, tendo em conta a situação social do nosso país, são de louvar as suas convicções.

Como foi referido na introdução, não foram encontrados muitos registos concretos em relação ao espaço doméstico português e ainda menos tendo como assunto a cozinha. Após a leitura de várias publicações e periódicos relacionados com economia doméstica e habitação, conclui-se que as cozinhas portuguesas, no final do século XIX eram insalubres, descuidadas e, nos casos de famílias mais pobres, eram demasiado pequenas e desconfortáveis. No entanto, é um espaço que muitas vezes era considerado como o coração da casa.

Esta característica remonta ao tempo em que as famílias mais pobres, e rurais, viviam em casas muito pequenas, onde a única fonte de calor seria o grande fogão aberto situado na cozinha. Era à volta deste fogão que se tomavam as refeições e que se aquecia o corpo depois de um dia de trabalho no campo.

Estas características da cozinha portuguesa começam-se a alterar com a consciencialização do valor da higiene para a saúde e, como aconteceu no caso americano, com a diminuição do pessoal doméstico.

A característica mais citada por todos os autores portugueses para que a cozinha fosse um espaço agradável, tinha a ver com a limpeza e simplicidade. Qualquer cozinha, desde que sempre asseada e organizada, tratar-se-ia de um local convidativo e encantador.

Uma cozinha bem montada pode ser, para os íntimos, a sala de receber da dona de casa e nela as senhoras teriam assuntos menos frívolos e mais uteis do que os que em geral servem para entreter a conversação nos outros gabinetes.³¹³

Abordando agora o tema de uma perspectiva um pouco diferente, é de referir que a configuração familiar da cozinha é utilizada por vários tipos de autores e artistas de diferentes áreas (escritores, artistas plásticos, arquitectos, designers, etc.) que adoptam formas divergentes e posições críticas em relação a esta. «Aqui as cozinhas são tratadas como cenários de sonhos, pesadelos, e campos de batalha, desafiando-nos a considerar as questões maiores que cercam a cultura popular, o consumismo, sexo, e as realidades íntimas da vida doméstica.»³¹⁴

É através desta visão menos funcional e, talvez, mais emocional ou ainda sensorial que podemos partir para uma análise da cozinha moderna dos dias de hoje, já que com as mudanças sociais em constante mutação, também os espaços em que habitamos têm necessariamente de mudar para acomodar os nossos interesses e preocupações.

Desde então, até aos dias de hoje, a cozinha moderna está na maioria das vezes muito longe das visões dos arquitectos, designers, fabricantes e publicitários. É um lugar de confusão e desgraça, socialização e sensualidade.

Evoca uma gama de emoções, estimula a criatividade e o prazer genuíno, assim como a ansiedade.

Como se isso não fosse suficiente, está estatisticamente provado que é a divisão mais perigosa da casa.³¹⁵ Ainda assim, a cozinha, enquanto espaço, não perdeu

³¹³ MAIA, Carlos Bento da – *op. cit.*, p. 14.

³¹⁴ The New Kitchen. Counter Space, Design + the modern kitchen. [Em linha/online]. 2010. [Consult. 03 Dez. 2010]. Disponível em WWW: <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space/the_new_kitchen>

³¹⁵ *Ibidem.*

importância nem os escritos e projectos das mulheres anteriormente referidas perderam força.

Em termos evolutivos podem-se referir, claramente, dois componentes: o primeiro, referente à grande evolução quer dos eletrodomésticos (pequenos ou grandes), dos materiais e mesmo da estética e o segundo, ligado ao papel da mulher na formalização do espaço de cozinha contemporânea que diz respeito à associação simbólica da mulher ao espaço da cozinha.

A evolução tecnológica teve um papel importante na transformação da cozinha do passado para aquilo que conhecemos hoje. Começando pelo fabrico de gamas inteiras de cozinha de modo a que os electrodomésticos fossem facilmente encastrados, à eterna diminuição e modernização destes mesmos electrodomésticos.

Vejamos o exemplo do fogão: Beecher preocupava-se em isolar o fogão do resto da cozinha, tendo em conta o seu nível de perigo – hoje em dia é possível cozinhar em fogões de indução e os perigos de queimadura, por exemplo, são muito menores. A evolução, desta feita, dos materiais também proporcionou diversas possibilidades às cozinhas em termos de mobiliário e mesmo de decoração. Facilmente conseguimos ter uma cozinha muito minimalista mantendo lá tudo o que precisamos. Basta apenas jogar com os materiais e a organização.

Quanto à ideia de cozinha como um espaço da mulher, é um pensamento que hoje é culturalmente observado com alguma objecção. A condição de igualdade entre mulher e homem permite, supostamente, uma igualdade na distribuição das tarefas domésticas. Actualmente, a mulher é mais livre de poder decidir qual o seu modo de vida, daí que a cozinha tenha de ser adaptada a qualquer um dos géneros.

Mesmo com todas estas novas condicionantes, nos manuais de referência para uma boa construção, é evidente a marca das três autoras referidas neste artigo. Tomemos o exemplo do livro *Casa Apartamento Jardim – Projectar com Conhecimento, Construir Correctamente* de Neufert e Neff, que no capítulo dedicado à construção e organização de cozinhas nos apresenta inúmeras variações da cozinha em L de Frederick ou dos armários de Shütte-Lihotsky.



Fig. 38 | Exemplos de projectos sugeridos no livro *Casa Apartamento Jardim – Projectar com Conhecimento, Construir Correctamente* com as bancadas realçadas.

Da descrição do que deverá ser uma boa cozinha, Neufert diz-nos:

"(...)deve-se observar: Economizar circulação, possibilitar fluência na execução dos trabalhos, suficiente liberdade de movimento, diminuir trabalhos executados em pé, posição corporal favorável, adaptação das alturas dos planos de trabalho ao tamanho do corpo."³¹⁶

Familiar?

³¹⁶ NEFF, Ludwig ; NEUFERT, Peter – **Casa Apartamento Jardim: Projectar com Conhecimento, Construir Correctamente**. Barcelona : 2003, p.78.

BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS

ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de – **A Mocidade Portuguesa Feminina e o Ideário da Rapariga Portuguesa**. Palestra proferida nos Encontros de Dirigentes da M.P.F. realizados em 24 de Fevereiro, 15 de Abril e 5 de Maio de 1963, respectivamente em Beja, Fátima e Braga. Lisboa.

ARRIAGA, Lopes – **Mocidade Portuguesa – Breve História de uma organização salazarista**. Lisboa : Terra Livre, 1976.

BRANDÃO, Estela – **Arte e Economia. Enciclopédia Caseira. Vol. III**. Porto : Livraria Simões Lopes de Domingos Barreira – Editor, 1937.

CABIDO, José Jacob – Reflexões sobre o interior doméstico: as mentalidades e os espaços. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 1994. Dissertação para doutoramento em Arquitectura.

CALADO, Maria; NEVES, Helena – **O Estado Novo e as Mulheres. O género como investimento ideológico e de mobilização**. Lisboa : Biblioteca Museu República e Resistência, s/d.

COSTA, Emilia de Sousa – **A Mulher no Lar – Arte de Viver com Economia**. Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

COUTO-POTACHE, Dejanirah – **Les Origines du Feminisme au Portugal**. Paris: Fond. Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1982.

CUNCA, Raul – **Territórios Híbridos**. Lisboa : Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes, 2006. Biblioteca d'Artes. ISBN 972-99616-4-6.

DEBARRE, Amne; ELEB, Monique – **L'invention de l'habitation moderne – Paris 1889-1914. Architectures de la vie privée, suite.** A.A.M./Hazan, 1995.

DELGADO, R. – **Primeiras Lições de Economia Doméstica. Para uso das escolas, collegios e asylos.** Lisboa : Livraria Ferreira & Oliveira, Limitada, 1906.

ENCARNADO, Ana Sofa Marques – Interiores Domésticos e Mobiliário Social no Contexto Português. Lisboa : Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2011. Dissertação de Mestrado em Design Urbano e de Interiores.

ESTEVES, João – **A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: uma organização política e feminista (1909-1919).** Lisboa : Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1991. ISBN 972-53-0042-4.

ESTEVES, João – **As Origens do Sufragismo Português.** Lisboa : Editorial Bizâncio, 1998. ISBN 972-53-0042-4.

FERNANDES, José Manuel – **A Arquitectura.** Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991. ISBN 972-27-0440-0.

FERNANDES, José Manuel – **Arquitectura Portuguesa, Temas Actuais.** Lisboa : Edições Cotovia, Lda., 1991. ISBN 972-8028-30-X.

FERRO, António – **Salazar: O Homem e a sua Obra.** Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, 1933.

HARRISON, Molly – **The Kitchen in History.** Berkshire : Osprey Publishing Limited, 1972. ISBN 85045 068 3

LAMAS, Maria – **As Mulheres do meu País.** Lisboa : Distribuidores gerais ACTUALIS, LDA., 1948.

LAMAS, Rosemarie Wank-Nolasco – **Mulheres Para Além do Seu Tempo**. Venda Nova : Bertrand Editora, 1995. ISBN 972-25-0902-0

LEAL, Maria Ivone – **Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926**. Cadernos Condição Feminina nº35. Lisboa : Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992. ISBN 972-597-011-X

LÚCIA, Maria – **A Mulher Dona de Casa**. Lisboa : Edições Universo, 1943.

LUPTON, Ellen – **Mechanical brides : women and machines from home to office**. New York : Cooper Hewitt National Museum of Art.

LUPTON, Ellen – **The bathroom, the kitchen, and the aesthetics of waste : a process of elimination**. Cambridge : MIT List Visual Center, 1992.

MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de – **Economia Doméstica**. Cadernos do povo. Lisboa : Edições SNI, 1946.

MAIA, Carlos Bento da – **Tratado Completo de Cozinha e de Copa**. Lisboa : Livraria Editora Guimarães & C.^ª, 1904.

MARIANO, Maria de Fátima Silva – Génese e Desenvolvimento do Movimento Feminista português (1890 -1930). Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas, 2004. Dissertação de mestrado em história do séc. XIX e XX.

MATOSO, José (dir.) – **História da Vida Privada em Portugal - A Época Contemporânea. Volume 3**. Lisboa : Círculo de Leitores, 2010. ISBN 978-972-42-4627-7

MATOSO, José (dir.) – **História da Vida Privada em Portugal - Os Nossos Dias. Volume 4**. Lisboa : Círculo de Leitores, 2010. ISBN 978-972-42-4627-7

MIRA, M. Ferreira de – **A Nossa Casa (Higiene do Lar)**. Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, 1949.

MORAIS, Maria Antonieta de – **Enciclopédia da Mulher no Lar. O livro prático**. Volume 3. Lisboa : Editorial O Século, 1972.

MORGADO, Luís Manuel Jorge – Pensar a Casa como Arquitectura - Pensar a Arquitectura como Metáfora. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 1998. Dissertação para Mestrado em Cultura Arquitectónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna.

NEFF, Ludwig ; NEUFERT, Peter – **Casa Apartamento Jardim: Projectar com Conhecimento, Construir Correctamente**. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, SA, 2003. ISBN 978-842-52-2094-4

NEWSHOLME, Arthur ; SCOTT, Margarida Leonor – **Economia Doméstica com os Preceitos de Hygiene Applicados à Vida e Arranjos de Casa**. Lisboa : Typographia da Academia Real das Sciencias, 1893.

OSÓRIO, Ana de Castro – **Às Mulheres Portuguesas**. Lisboa : Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905.

PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa. Volume 3**. Lisboa : Temas e Debates e Autores por licença editorial de Círculo de Leitores, 1995. ISBN 972-42-1225-4

PIMENTEL, Irene Flunser – **História das Organizações Femininas no Estado Novo**. Rio de Mouro : Círculo de Leitores, 2000. ISBN 972-42-2282-9

PINTASILGO, Maria de Lourdes – **Os Novos Feminismos. Interrogação para os Cristãos?** Lisboa : Moraes Editores, 1981.

SALAZAR, António de Oliveira – **Discursos e Notas Políticas. Vol. II 1935-1937.**
Coimbra : Coimbra Editora Lda., 1937.

SALAZAR, António de Oliveira – **Discursos e Notas Políticas. Vol. III 1938-1943.**
Coimbra : Coimbra Editora Lda., 1943.

SANTOS, Laura; LEBRUM, Josett – **A Perfeita Dona de Casa. A Mulher e a Família; Etiqueta; Conselhos de Economia Doméstica; Preceitos sobre o Governo do Lar.** Lisboa : Editorial Laves, 1955.

SANTOS, Laura – **Noiva Esposa e Mãe. Conselhos às noivas. Governo do lar e enfermagem. Puericultura. Educação dos filhos. Culinária.** Lisboa : Editorial Laves, 1958.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – **A cozinha dos Paços de Vila Viçosa.** Lisboa : Fundação da Casa de Bragança, 1952.

TAVARES, Edmundo – **A Habitação Portuguesa – Casas Modernas.** 2ª Edição.
Lisboa : Bertrand (Irmãos), Lda., 1951.

TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço.** 2ª Edição. Porto : Edições do curso de arquitectura da e.s.b.a.p., 1982.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de – **O Movimento Feminista em Portugal.**
Paio Pires : Fradique, 2002. ISBN 972-8774-02-X

ZEVI, Bruno – **História da Arquitectura Moderna. Com prefácio e um estudo sobre a evolução da arquitectura moderna em Portugal por Nuno Portas.**
Volume 2. Lisboa : Editora Arcádia, 1973.

PERIÓDICOS (OBRAS FÍSICAS)

A Mulher, Revista Ilustrada das Famílias. Direcção Emilia Coadur. Ano 1, nº 1 (15 Março 1883) - Ano 3, nº 103 (1885).

CÂMARA Municipal de Lisboa – Grandes Problemas de Lisboa: a construção de casas de rendas económicas. **Revista Municipal.** Nº 26 (1945), pp. 37-54.

COMOLEX: A cozinha que a sua casa merece. **Casa & Decoração.** Nº11 (1971), pp. 12-13.

COMOLEX: A cozinha que a sua casa merece. **Casa & Decoração.** Nº14 (1971), p. 53.

FERNANDES, José Manuel – A arquitectura dos anos 50 em Portugal, principalmente m Lisboa. **Arquitectura (Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento).** Ano 5, 4ª série, nº 148 (Janeiro/Fevereiro 1983)

ARTIGOS E DOCUMENTOS ONLINE

ANDREWS, Benjamin R. – Miss Catherine E. Beecher, The pioneer in Home Economics. **Journal of home economics.** Vol. 4, nº 3. [Em linha/Online]. American Home Economics Association. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University, Julho 1912, pp. 211-221. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pagevieweridx?c=hearth;cc=hearth;rgn=full%20text;idno=4732504_4_003;didno=4732504_4_003;view=image;seq=3;node=4732504_4_003%3A4.1;page=root;size=s;frm=frameset>

BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher – The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. New York : J.B. Ford and Company, 1869. [Consult. 5 Mai. 2011]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>.

BULLOCK, Nicholas – First the Kitchen – Then the Façade. **Journal of Design History.** Volume 1, nº 3/4. [Em linha/online]. Oxford University Press, 1988, pp. 177-192. [Consult. 07 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.jstor.org/stable/1315710>>

CARVALHO, Maria Amália Vaz de - Sotto Voce. **A Mulher.** Ano 1, nº 1. [Em linha/Online] Lisboa, 15 Abril 1879, p. 9. [Consult. 03 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AMulher/AMulher_item1/index.html>

CASTELO, Cláudia – CANUTO, Maria José da Silva. In António Nóvoa, *Dicionário de Educadores Portugueses*. [Em linha/Online]. Porto : Edições Asa, 2003. Pp. 264 – 265. [Consult. 19 Nov. 2013]. Disponível em WWW:<URL:<http://correiodaeducacao.asa.pt/122616.html>>

FLAMÍNIO, Isabel – O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana. [Em linha/Online] (s/d) p.254. [Consultado em Maio de 2011] Disponível em WWW: <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4630.pdf>>

FREDERICK, Christine – Household Engineering – Scientific Management in the Home. [Em linha/Online]. Chicago : American School of Economics, 1923. [Consult. 5 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://ia700200.us.archive.org/1/items/householdengine00fredrich/householdengine00fredrich.pdf>>

FREDERICK, Christine – The New Housekeeping: Efficiency Studies in Home Management. [Em linha/Online]. New York : Doubleday Page & Company, 1913. [Consult. 5 Mai. 2011]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=ZcWywSs2sCUC&dq=The+New+Housekeepig:+Efficiency+Studies+in+Home+M+anagement.&source=gbs_navlinks_s>.

FREDERICK, Christine – Points in efficiency. **Journal of home economics**. Vol. 6, nº 3. [Em linha/Online]. American Home Economics Association. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University, Junho 1914, pp. 278-280. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth;cc=hearth;rgn=full%20text;idno=4732504_6_003;didno=4732504_6_003;view=image;seq=0075;node=4732504_6_003%3A5.22>

KINCHIN, Juliet [et. al.] – The New Kitchen. Counter Space, Design + the modern kitchen. [Em linha/online]. 2010. [Consult. 03 Dez. 2010]. Disponível em WWW: <URL: http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/counter_space/the_new_kitchen>

KNEELAND, Hildegard – Abolishing the inefficient kitchen. **Journal of home economics**. Vol. 21, nº 7. [Em linha/Online]. American Home Economics Association. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University, Julho 1929, pp. 457-481. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth;cc=hearth;rgn=full%20text;idno=4732504_21_007;didno=4732504_21_007;view=image;seq=0001;node=4732504_21_007%3A1.1>

PIMENTEL, Irene Flunser – Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina. **Estudos de Género e a Mulher no Espaço Lusófono e na Diáspora**. Nº 3 & 4. [Em linha/Online]. Lisboa, 2007, pp. 19-43. [Consult. 10 Jul. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/campussocial/article/view/222/131>>

RUTHERFORD, Janice Williams – Selling Mrs. Consumer: Christine Frederick the rise of household efficiency [Em linha/online]. Georgia : University of Georgia Pres. [Consult. 5 Mai. 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://books.google.pt/books?id=_yHIoHLW5VsC&dq=christine+frederick&source=gbs_navlinks_s>

STANLEY, Louise – A Convenient Kitchen. **Journal of home economics**. Vol. 8, nº 9. [Em linha/Online]. American Home Economics Association. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University, Setembro 1916, pp. 493-494. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth&cc=hearth&idno=4732504_8_009&node=4732504_8_009%3A4.7&frm=frameset&view=pdf&seq=33>

Vídeos e Filmes

The Frankfurt Kitchen (Die Frankfurter Küche). Produtor: Paul Wolff, 7:35 minutos. [Em linha/Online]. Alemanha, 1928. [Consult. 16 Out. 2013]. Disponível em WWW: <URL: www.artsconnected.org/resource/97212/modern-design-frankfurt-kitchen>

FONTES ICONOGRÁFICAS

FIG. 1 | CARTAZ DE PROPAGANDA SALAZARISTA REPRESENTANDO O IDEAL DE CASA E DE FAMÍLIA PORTUGUESA..... 24
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: www.artsconnected.org/resource/97212/modern-design-frankfurt-kitchen>

FIG. 2 | MAIS UM CARTAZ DE PROPAGANDA SALAZARISTA, DESTA VEZ DIRIGIDO ESPECIFICAMENTE ÀS MULHERES... 26
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://lh3.ggpht.com/-NA_HYnySRPw/T8eqisVq9I/AAAAAAAAAXOA/YidU_2FnUsc/s1600-h/Estado%252520Novo.4%25255B4%25255D.jpg>

FIG. 3 | EXEMPLO VISUAL DOS ESCALÕES DA MPF..... 29
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://lh4.ggpht.com/-yDnuLyy3T68/Tw6togUTimI/AAAAAAAAQyw/BsEnWZoEkwA/s1600-h/1941-Mocidade-Feminina11.jpg>>

FIG. 4 | EXEMPLO DE GUARDA FATOS ESTILO D. JOÃO V. 40
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.renascimento-sa.pt/PT/C/vm/079.0305.jpg>>

FIG. 5 | ILUSTRAÇÕES DE EXEMPLOS DE MÓVEIS DE DIVERSOS ESTILOS. 40
SANTOS, Laura; LEBRUM, Josett – **A Perfeita Dona de Casa. A Mulher e a Família; Etiqueta; Conselhos de Economia Doméstica; Preceitos sobre o Governo do Lar.** Lisboa : Editorial Laves, 1955, p. 80.

FIG. 6 | AVENIDAS NOVAS EM CONSTRUÇÃO. 41
BENOLIEL, Joshua (fotógrafo) – **O Século**, Lote 9, cx. 2, neg. 8.. Lisboa, c. 1900-10- [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://c4.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/oe412fb0d/13448402_W9S4u.jpeg>

FIG. 7 | AV. DA REPÚBLICA, 1908..... 41
GUEDES, PAULO (fotógrafo) in Arquivo Fotográfico da C.M.L. Lisboa, pós-1908. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=1879662&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>>

FIG. 8 | ANÚNCIO DE REVESTIMENTOS DE LINÓLEO, 1936. 45
LUPTON, Ellen – **The bathroom, the kitchen, and the aesthetics of waste : a process of elimination.** Cambridge : MIT List Visual Center, 1992, p.40-41.

FIG. 9 | CATHERINE BEECHER..... 46
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://civilwarwomenblog.com/wp-content/uploads/2013/12/catherinebeecher.jpg>>

FIG. 10 | CHRISTINE FREDERICK..... 46
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://adage.com/article/special-report-100-most-influential-women-in-advertising/women-advertising-campaigners/237259/>>

FIG. 11 | MARGARETE SCHÜTTE-LIHOTSKY.46
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.monoverlag.at/images/sprecher/MSL.jpg>>

FIG. 12 | FRONTISPÍCIO DO LIVRO THE AMERICAN WOMAN'S HOME.47
BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher - The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>. Pp. x-xi.

FIG. 13 | PLANTA DA COZINHA DA CASA SUBURBANA.....48
BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher - The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>. Pp. 26.

FIG. 14| PLANTA DO PISO TÉRREO DA CASA SUBURBANA.....48
BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher - The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>. Pp. 33.

FIG. 15 | SUPERFÍCIE DE TRABALHO PARA A COZINHA DESENVOLVIDA POR CATHERINE BEECHER.....49
BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher - The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>. Pp. 34.

FIG. 16 - PLANTA DO APARTAMENTO DE CIDADE DE BEECHER.....50
BEECHER, Catharine ; STOWE, Harriet Beecher - The American Woman's Home, or, Principles of Domestic Science: being a guide to the formation and maintenance of economical, healthful, beautiful, and Christian homes. [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=Z2AEAAAAYAAJ&dq=The+American+Woman%27s+Home,+or,+Principles+of+Domestic+Science&source=gbs_navlinks_s>. Pp. 442.

FIG. 17 | MULHER LIMPA O CHÃO NA APPLECROFT HOME EXPERIMENT STATION, CRIADA POR CHRISTINE FREDERICK PARA A REALIZAÇÃO DOS SEUS ESTUDOS E EXPERIMENTAÇÃO DE NOVOS PRODUTOS.....53
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.bridgemanart.com/en-GB/asset/249190/American-Photographer-20th-century/Woman-mopping-at-the-Apple-croft-Home-Experiment-St~>>>

FIG. 18 AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA NO BATIMENTO DE OVOS COM UM UTENSÍLIO PRÓPRIO PARA O EFEITO NA APPLECROFT HOME EXPERIMENT STATION.....	53
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://handcrank.wythoff.net/page/5 >	
FIG. 19 EXEMPLO DE COZINHA INEFICIENTE E EFICIENTE DE CHRISTINE FREDERICK.	54
FREDERICK, Christine – <u>Household Engineering – Scientific Management in the Home</u> . [Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://ia700200.us.archive.org/1/items/householdengine00fredrich/householdengine00fredrich.pdf >. Pp. 22-23.	
FIG. 20 ESQUEMA DE COZINHA EFICIENTE DE LOUISE STANLEY.....	57
STANLEY, Louise – <u>A Convenient Kitchen</u> . Journal of home economics . Vol. 8, nº 9. [Em linha/Online]. American Home Economics Association. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University, Setembro 1916, pp. 493-494. [Consult. 20 Set. 2013]. Disponível em WWW: <URL: http://hearth.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=hearth&cc=hearth&idno=4732504_8_009&node=4732504_8_009%3A4.7&frm=frameset&view=pdf&seq=33 > P. 494.	
FIG. 21 CARTAZ DA EXPOSIÇÃO DA WERKBUND EM 1927.	62
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://media.vam.ac.uk/media/thira/collection_images/2006AB/2006AB5703.jpg >	
FIG. 22 PROPOSTA DE ERNA MEYER PARA A EXPOSIÇÃO DE 1927.....	63
LUPTON, Ellen – The bathroom, the kitchen, and the aesthetics of waste : a process of elimination . Cambridge : MIT List Visual Center, 1992. P. 49.	
FIG. 23 PROPOSTA DE RACIONALIZAÇÃO DA COZINHA POR J. J. PIETER OUD.....	63
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://media-cache-ec0.pinimg.com/736x/3b/87/46/3b874652978fcec687e138baff53c349.jpg >	
FIG. 24 COZINHA FRANKFURT DE GRETE SCHÜTTE-LIHOTSKY.....	65
CUNCA, Raul – Territórios Híbridos . Lisboa : Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes, 2006. Biblioteca d'Artes, p. 49.	
FIG. 25 DESENHO DA COZINHA DE LIHOTSKY.....	66
CUNCA, Raul – Territórios Híbridos . Lisboa : Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes, 2006. Biblioteca d'Artes, p. 49.	
FIG. 26 PORMENOR DAS GAVETAS DE ORGANIZAÇÃO EM EXPOSIÇÃO NO MUSEUM DER DINGE.	66
[Em linha/Online]. Disponível em WWW: <URL: http://1.bp.blogspot.com/-xmF5T3B-2DI/TVenGk8SV0I/AAAAAAAAAeo/jEjo-93MKwo/s1600/Muesuem%2Bder%2BDInge%2BJanuar%2B2011%2B039.jpg >	

FIG. 27 FOTOGRAMA DO FILME PUBLICITÁRIO QUE DEMONSTRA UMA MULHER A UTILIZAR AS GAVETAS DE ORGANIZAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS.	67
The Frankfurt Kitchen (Die Frankfurter Küche). Produtor: Paul Wolff, 7:35 minutos. [Em linha/Online]. Alemanha, 1928. [Consult. 16 Out. 2013]. Disponível em WWW: <URL: www.artsconnected.org/resource/97212/modern-design-frankfurt-kitchen >	
FIG. 28 GRÁFICO DAS CIRCULAÇÕES NECESSÁRIAS PARA CUMPRIR OS CICLOS.	71
CÂMARA Municipal de Lisboa – Grandes Problemas de Lisboa: a construção de casas de rendas económicas. Revista Municipal. Nº 26 (1945), p. 45.	
FIG. 29 PLANTA DE UMA DAS CASAS DE RENDA ECONÓMICA COM A SOBREPOSIÇÃO DO ESQUEMA DE CIRCULAÇÃO. .	71
CÂMARA Municipal de Lisboa – Grandes Problemas de Lisboa: a construção de casas de rendas económicas. Revista Municipal. Nº 26 (1945), p. 46.	
FIG. 30 FOLHA DE ROSTO DO LIVRO DE CARLOS BENTO DA MAIA.	83
MAIA, Carlos Bento da – Tratado Completo de Cozinha e de Copa. Lisboa : Livraria Editora Guimarães & C. ^ª , 1904.	
FIG. 31 CAPA DO LIVRO DE MARIA LÚCIA.	85
LÚCIA, Maria – A Mulher Dona de Casa. Lisboa : Edições Universo, 1943.	
FIG. 32 CAPA DO LIVRO DE MANUEL CALVET DE MAGALHÃES.	86
MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de – Economia Doméstica. Cadernos do povo. Lisboa : Edições SNI, 1946.	
Fig. 33 Exemplos de bancadas de cozinha sugeridas por Manuel Magalhães.	88
MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de – Economia Doméstica. Cadernos do povo. Lisboa : Edições SNI, 1946, p.54.	
FIG. 34 ILUSTRAÇÃO DE COZINHA, INCLUINDO A MESA DE REFEIÇÃO, PRESENTE NO LIVRO DE LAURA SANTOS.	91
SANTOS, Laura; LEBRUM, Josett – A Perfeita Dona de Casa. A Mulher e a Família; Etiqueta; Conselhos de Economia Doméstica; Preceitos sobre o Governo do Lar. Lisboa : Editorial Lavoeres, 1955, p. 182.	
FIG. 35 E 36 ILUSTRAÇÕES DO EXTERIOR E INTERIOR DO "ARMÁRIO MARAVILHOSO" DE LAURA SANTOS.	92
SANTOS, Laura; LEBRUM, Josett – A Perfeita Dona de Casa. A Mulher e a Família; Etiqueta; Conselhos de Economia Doméstica; Preceitos sobre o Governo do Lar. Lisboa : Editorial Lavoeres, 1955, p. 183-184.	
FIG. 37 FOLHA DE ROSTO DO LIVRO DE MARIA ANTONIETA DE MORAIS.	94
MORAIS, Maria Antonieta de – Enciclopédia da Mulher no Lar. O livro prático. Volume 3. Lisboa : Editorial O Século, 1972.	
FIG. 38 EXEMPLOS DE PROJECTOS SUGERIDOS NO LIVRO <i>CASA APARTAMENTO JARDIM – PROJECTAR COM CONHECIMENTO, CONSTRUIR CORRECTAMENTE</i> COM AS BANCADAS REALÇADAS.	104
NEFF, LUDWIG ; NEUFERT, PETER – Casa Apartamento Jardim; Projectar com Conhecimento, Construir Correctamente. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, SA, 2003, p.78.	

